

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**R
A
Q
U
E
L

L
I
M
A

D
A

S
I
L
V
A**

**PLUTARCO E A FORMAÇÃO DO HOMEM: REFLEXÕES E
CONSIDERAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

RAQUEL LIMA DA SILVA

**PARANAVAÍ
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**PLUTARCO E A FORMAÇÃO DO HOMEM: REFLEXÕES E
CONSIDERAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

RAQUEL LIMA DA SILVA

**PARANAVAÍ
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**PLUTARCO E A FORMAÇÃO DO HOMEM: REFLEXÕES E
CONSIDERAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

Dissertação apresentada por RAQUEL LIMA DA SILVA, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Ensino. Área de Concentração: Formação docente Interdisciplinar.

Orientadora: Profa. Dra. CONCEIÇÃO SOLANGE BUTION PERIN.

PARANAVAÍ
2024

FICHA CATALOGRÁFICA:

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNESPAR e Núcleo de Tecnologia de Informação da UNESPAR, com Créditos para o ICMC/USP e dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SILVA, Raquel Lima da
PLUTARCO E A FORMAÇÃO DO HOMEM: REFLEXÕES E
CONSIDERAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS /
Raquel Lima da SILVA. -- Paranavaí-PR, 2024.
123 f.

Orientador: Profa. Dra. Conceição Solange Bution
PERIN.

Coorientador: Fátima Aparecida de Souza
FRANCIOLLI.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
Mestrado Acadêmico em Ensino: "Formação Docente
Interdisciplinar") -- Universidade Estadual do
Paraná, 2024.

1. Plutarco. 2. Infância. 3. Adolescência. 4.
Juventude. 5. Formação Humana. I - PERIN, Profa.
Dra. Conceição Solange Bution (orient). II -
FRANCIOLLI, Fátima Aparecida de Souza (coorient).
III - Título.

RAQUEL LIMA DA SILVA

**PLUTARCO E A FORMAÇÃO DO HOMEM: REFLEXÕES E
CONSIDERAÇÕES DA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin (Orientadora) –
UNESPAR, Paranavaí

Profa. Dra. Fátima Aparecida de Souza Francioli- Unespar,
Paranavaí (Coorientadora)

Profa. Dra. Maria Eunice França Volsi- UEM, Maringá

Profa. Dra. Nájela Tavares Ujiie - Unespar, Paranavaí

Profa. Dra. Silvana Malavasi Huszcz - Unespar, Apucarana
(Suplente)

Data de Aprovação:

19/04/2024.

Dedico este trabalho a todos que confiaram em mim e me ajudaram a trilhar essa caminhada de conhecimento. A Deus, pelo sustento e sabedoria no decorrer do estudo. Ao meu amado esposo Rafael Peixoto Silva, por toda paciência e companheirismo. A toda a minha família, pelo incentivo e carinho nesse trajeto. As minhas queridas amigas, Thamiris Dias Vasconcelos, Silvana Regina Aguilar e Lucinete Aparecida Rebouças, pela parceria e comprometimento nesta etapa de aprendizado. A minha querida e honrosa orientadora, professora Doutora Conceição Solange, pela ética profissional e conhecimento transmitido.

A inteligência é comandante da razão, e a razão é subordinada à inteligência, pois é irrefutável pela sorte, inseparável pela delação, incorruptível pela doença e inatingível pela velhice (Plutarco, 2015, p. 54).

SILVA, Raquel Lima da. **Plutarco e a formação do homem:** Reflexões e considerações da educação de crianças e jovens. (123 f.). Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: (Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin). Paranavaí, 2024.

RESUMO

Esta pesquisa analisa teoricamente o tratado moral *Da educação das crianças*, escrito por Plutarco na Antiguidade, no século I d.C., tendo por intencionalidade discorrer sobre como se deve educar um indivíduo em seu aspecto físico, moral e intelectual, envolvendo a figura dos pais e os professores no processo de ensino e aprendizagem. Para descrever este trabalho, a visão plutarquiana, foi organizado um projeto educacional que perpassa as diferentes fases do ser humano: infância, adolescência e juventude, dentro dos preceitos da educação grega. O objetivo da pesquisa é analisar como Plutarco considerou a formação moral e educacional do homem, em suas diferentes fases de vida. Para o aporte teórico e metodológico utilizado para o desenvolvimento desta investigação, recorreu-se à História Social indicada por Marc Bloch (2001), que estuda o homem social no tempo histórico entre passado e presente. Esse conceito fornece base para compreender como se instaurou a formação educacional do homem nos conceitos de periodização da história. De natureza qualitativa e bibliográfica, para fundamentar esta pesquisa, autores historiográficos que abordam sobre antiguidade e formação humana foram utilizados, como Silva (2006), Funari (2002), Werner (1994), Marrou (1973), entre outros. Este estudo atentou-se em explicitar como ocorre a formação educacional do homem na Idade Antiga, elencando os aspectos históricos no período greco-romano. A transição do Período Clássico ao Período Helenístico foi marcada pelo domínio do Império Romano sobre a Grécia Antiga, o que ocasionou a incorporação, em âmbito cultural e educacional, dos gregos aos latinos. Essa incorporação tornou propício que as tradições da Grécia Antiga não se perdessem com o decorrer do tempo, por causa e efeito dos pensamentos de Plutarco, que sendo grego e fiel a seu país, induziu os romanos a adotarem os princípios da cultura grega. Partindo desse pressuposto teórico-metodológico, os resultados apresentados segmentam uma abordagem prescrita de como a educação na Antiguidade ocorria, por meio de uma formação contínua de caráter científico e ético-moral.

Palavras-chave: Plutarco; Infância; Adolescência; Juventude; Formação humana.

SILVA, Raquel Lima da. **Plutarch and the formation of man:** Reflections and considerations on the education of children and young people. (123f). Thesis (Master's in Teaching) – State University of Paraná – Campus Paranavaí. Advisor: Profa. Dr. Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2024.

ABSTRACT

This research theoretically analyzes the moral treaty *On the Education of Children*, written by Plutarch in Antiquity, in the 1st century A.D., with the intention of discussing how an individual should be educated in their physical, moral, and intellectual aspects, involving parents and teachers in the teaching and learning process. To describe this work, the vision by Plutarch, an educational project was organized that covers the phases of the human being, childhood, adolescence, and youth within Greek education precepts. The central objective is to elucidate how the moral and educational formation of man takes place in his different stages of life in Plutarch in the Ancient Age. For theoretical and methodological support used for development of this investigation, it was resorted to Social History indicated by Marc Bloch (2001), who studies the social man in the historical time between past and present. This concept provides a basis for understanding how educational formation of man was established in the concepts of history periodization. Qualitative and bibliographic in nature, to support this research, historiographical authors who address Antiquity and human formation were used, such as Silva (2006), Funari (2002), Werner (1994), Marrou (1973), among others. This study sought to explain how educational formation of man occurred in the Ancient Age, listing the historical aspects in the Greco-Roman period. Transition from the Classical Period to the Hellenistic one was marked by dominance of the Roman Empire over Ancient Greece, which led to the incorporation, in cultural and educational terms, of the Greeks into the Latins. This incorporation made it possible for the traditions of Ancient Greece not to be lost over time, due to the cause and effect of Plutarch's thoughts, who as Greek and faithful to his country, induced the Romans to adopt the principles of Greek culture. Based on this theoretical-methodological assumption, the results presented here segment a prescribed approach to how education in Antiquity occurred, through continued training of a scientific and ethical moral nature.

Keywords: Plutarch; Infancy; Adolescence; Youth; Human formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa sobre a Guerra de Peloponeso, entre Atenas e Esparta.....	18
Figura 2 - Mapa sobre o Império de Alexandre, o Grande em 323 a.C.	21
Figura 3 - Mapa dos territórios conquistados por Roma - séculos I a.C. - II d.C.....	27
Figura 4 - Pirâmide hierárquica familiar de gregos e romanos	43
Figura 5 – Imagem de Esopo.....	93
Figura 6 – Placa com escrita cuneiforme suméria, usada para registro comercial	93
Figura 7 – Escrita Cuneiforme - Suméria	93
Figura 8 – Alfabeto consonantal fenício, gregos clássico e atual.....	93

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Textos biográficos de Plutarco, publicados na obra Vidas Paralelas	33
Quadro 2 – Obras Morais de Plutarco	34
Quadro 3 – Traduções e vocábulos em grego da obra Da educação das Crianças	40
Quadro 4 – O método de ensino grego e latino e sua difusão	49
Quadro 5 – Organização da obra Da educação das Crianças	67
Quadro 6 – Análise comparativa da fábula de Esopo na perspectiva de Plutarco.....	85
Quadro 7 - Passagem da vida e fábulas de Esopo no tratado de Plutarco Vidas Paralelas ou Biografias	91
Quadro 8 – Comparação das fábulas de Esopo no tratado de Plutarco Obras Morais ...	92
Quadro 9 – Lista de Fábulas de Esopo	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTO HISTÓRICO DE PLUTARCO	16
2.1 VIDA E OBRA	30
2.2 CONCEITO DE CRIANÇA E JOVEM NO PERÍODO DE PLUTARCO	36
2.3 O CONCEITO DE FAMÍLIA NO SÉCULO I d.C	41
2.4 O CONCEITO EDUCACIONAL DO PERÍODO	48
3 O MODELO PEDAGÓGICO ATRIBUÍDO A PLUTARCO PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS	56
3.1 OS PRECEITOS DA EDUCAÇÃO GREGA EM PLUTARCO	58
3.2. ANÁLISE DA OBRA DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS	67
3.3 A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA	71
3.4 O PROJETO DE PLUTARCO PARA A EDUCAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA	76
3.5 O PROJETO DE PLUTARCO PARA A EDUCAÇÃO NA JUVENTUDE	81
4 PLUTARCO E AS FÁBULAS DE ESOPO	90
4.1 VIDA E OBRA DE ESOPO	93
4.2 O PERCURSO HISTÓRICO DAS FÁBULAS	99
4.3. A MORALIDADE DAS FÁBULAS PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM ..	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	117

1 INTRODUÇÃO

Neste primeiro momento, é relevante apresentar uma breve trajetória profissional da pesquisadora e salientar a importância desta investigação para compreender a educação, o ensino e a formação humana, como preocupação histórica e de longa duração.

Em 2011, iniciou-se a caminhada na área da Educação, partindo do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na modalidade Normal, em nível Médio e Profissional (Magistério), pelo Colégio Estadual Humberto de Campos, em Querência do Norte-Paraná, finalizando-o no ano de 2014.

Dando sequência aos estudos, foi realizado o curso de graduação em Pedagogia, Licenciatura Plena, pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) - Campus de Paranavaí. A graduação proporcionou o primeiro contato com a pesquisa por meio do Programa de Iniciação Científica e, também, com o ensino, com a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). O vínculo com os dois Programas, resultou na produção de três artigos científicos.

O despertar pelo estudo e pelo conhecimento favoreceu novos interesses e a realização de outro curso de graduação em História e o de Pós-Graduação *Lato-Sensu* em Alfabetização e Letramento, Neuropsicopedagogia e Psicopedagogia Clínica e Institucional.

Com a trajetória acadêmica iniciou-se, também, a carreira profissional docente na rede pública e privada, para crianças e jovens na Educação Infantil, nos Anos Finais no Ensino Fundamental, no Ensino Médio e no Ensino Superior¹.

As experiências adquiridas geraram a preocupação com a formação moral e educacional no processo de ensino e aprendizagem de crianças e jovens, visto que deve haver a conscientização de que esses alunos, no futuro, agirão na sociedade, influenciando o todo.

O processo de ensino nas escolas e na faculdade motivou a continuidade dos estudos na Pós-Graduação *Stricto Sensu* no Mestrado em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar (PPIFOR) pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), com o intuito de pesquisar sobre *Plutarco* e compreender como um autor da Antiguidade considerou necessária a formação humana, visando à educação de crianças e jovens.

¹ Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, em seu artigo 21: A educação escolar compõe-se de: I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior (Brasil, 1996).

O tema é instigador, visto que a necessidade educacional é relevante em qualquer período. É uma investigação que retoma o passado, o contexto e a importância de ensinar desde criança o desenvolvimento do intelecto para refletir sobre as ações individuais. Plutarco ensina a educar e formar o homem com princípios éticos e morais em suas diferentes fases de vida.

Quando o passado se faz necessário para a aprendizagem e reflexão dos atos humanos e da responsabilidade de ensinar o conhecimento das Ciências, entende-se que: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (Bloch, 2001, p. 65). Nas palavras do autor, o passado é a lacuna dos acontecimentos sociais que o homem produziu ao longo da história. Sendo assim, é necessário percorrer esse passado para tornar compreensível o presente, e dele trazer perspectivas historiográficas para o futuro.

Partindo desse pressuposto metodológico, a pesquisa tem como aporte teórico a História Social², que tem por objeto de estudo o *homem*. Ela é a ciência que estuda os homens no tempo histórico, os quais provocam as mudanças sociais, ao mesmo tempo em que são modificados por elas, como destaca Bloch (2001). Nessa direção é que se busca respaldo teórico para a realização deste estudo, que vislumbra discutir a formação educacional de crianças e jovens na antiguidade grega pela perspectiva de Plutarco.

Desse modo, a problematização da pesquisa induz as seguintes questões: Por que Plutarco entende que a criança e o jovem precisam ser educados com os devidos preceitos morais e éticos da sua época? Qual é o papel da educação na formação do homem da Antiguidade?

A problematização sugere a hipótese de que, mesmo sendo a historiografia da Idade Antiga, torna-se latente compreendermos como o homem desenvolveu-se historicamente nos processos de ensino e aprendizagem, considerando suas fases de vidas em recintos moral e educacional.

Destarte, o trabalho constitui-se de uma pesquisa qualitativa de natureza teórico-bibliográfica. “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44).

² Segundo Marc Bloch (2001, p. 52), a história “não deixa de ser menos verdade que, face à imensa e confusa realidade, o historiador é necessariamente levado a nela recortar o ponto de aplicação particular de suas ferramentas; em consequência, a nela fazer uma escolha que, muito claramente, não é a mesma que a do biólogo, por exemplo; que será propriamente uma escolha de historiador”.

Frente ao exposto, a partir do material encontrado em fontes primárias e secundárias, suplanta-se a investigação e discussão de cunho teórico-bibliográfico que compõe a pesquisa apresentada.

Em conformidade com o tema apresentado e suas dimensões teóricas, foram realizados levantamentos, por meio do Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES) e Google Acadêmico, para verificar a existência de trabalhos científicos publicados.

Localizamos nas áreas da História, Filosofia, Literatura e Pedagogia, artigos, dissertações e teses acerca da formação moral e educacional do indivíduo em Plutarco. Identificamos oito dissertações, sendo duas na área da História, duas na área filosófica, três no campo pedagógico e uma na área literária. Referente a publicações de teses, encontramos apenas um trabalho sobre a formação do homem no período greco-romano na visão plutarquiana. Acerca dos artigos, foram identificados no Google acadêmico inúmeras pesquisas, porém objetivamente acerca da formação educacional de crianças e jovens, apenas um trabalho no campo histórico e pedagógico, da escritora e historiadora Maria Aparecida de Oliveira Silva: *A educação das crianças em Plutarco*, disponível em: https://secure.unisagrado.edu.br/static/biblioteca/mimesis/mimesis_v35_n1_2014_art_01.pdf.

Diante disso, adentramos os conceitos teóricos e metodológicos do principal protagonista desta pesquisa, Plutarco (40-120 d.C.), considerado mestre, biógrafo e filósofo, também aderindo ao título de historiador (Flacelière; Irigon, 1987).

Nossa discussão funda-se na especificidade de sua obra **Da educação das crianças**, única produção literária do período greco-romano que retrata a educação do homem desde a infância até a juventude³.

A princípio, podemos salientar que a principal finalidade que fez Plutarco escrever essa obra, de cunho moralista, remete a sua preocupação com a educação e a formação moral de crianças e jovens, os quais eram considerados os futuros cidadãos que governariam os impérios ou províncias de sua época.

Neste contexto, os futuros cidadãos na perspectiva plutarquiana são aqueles que além de nascerem em territórios gregos, deveriam possuir quatro virtudes basilares, sendo elas: a coragem, a inteligência, a justiça e a temperança (Plutarco, 2015).

³ Introduções e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva (Plutarco, 2015).

A partir dessa prescrição, podemos inferir que tais virtudes levariam a formar um cidadão com princípios éticos morais, capaz de respeitar as leis da pólis (cidades gregas). Como aponta Platão (2001), para tornar-se uma cidade justa e feliz, cada concidadão deveria ocupar seu lugar dentro da pólis em sua maior aptidão e virtude⁴.

Diante de tamanha apreensão, o historiador trouxe em sua obra, **Da educação das crianças**, um método de educação helenística, que perpassa as diferentes etapas de vida do ser humano, como a concepção, o nascimento, a infância, a adolescência, a juventude e o casamento. Todavia, podemos dispor que esse tratado configura uma formação contínua educacional do indivíduo.

Dessas acepções, com base nos estudos do referido tratado plutarquiano, organizamos um projeto educacional, com base no método de educação helenística⁵ atribuído a Plutarco para a formação educacional do homem. Nesse projeto, desmistificamos seis métodos educacionais decorrentes das diferentes etapas de vida do ser humano abordada pelo historiador.

Sendo assim, o principal objetivo deste estudo tem como base a perspectiva de Plutarco, qual seja, educar e formar a natureza humana para que o homem seja direcionado com retidão ao caminho da virtude. Contudo, torna-se necessário que essa formação educacional perpassasse as diferentes fases de vida do ser humano, para que, assim, compreendamos com profundidade o sujeito como um todo.

Dessa maneira, nossa abordagem é delimitar metodologicamente a fase educacional do ser humano, perpassando as etapas da infância, adolescência e juventude, transcorrendo o percurso histórico da Idade Antiga.

Para tanto utilizamos, como aporte teórico-bibliográfico, o tratado de Plutarco, **Da educação das crianças**, nas traduções do grego para o português: a primeira edição (online) subsidiadas por Joaquim Pinheiro (2008a); e outra impressa, traduzida por Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015), a qual utilizamos com mais frequência. Como base secundária, utilizamos a obra de Platão, *A República* (2001), que teve forte influência no pensamento de Plutarco em seu tratado, principalmente em torno da formação

⁴ “Diremos que não seria nada para admirar, se estes homens fossem muito felizes deste modo, nem de resto tínhamos fundado a cidade com o fito de que esta raça, apenas, fosse especialmente feliz, mas que o fosse, tanto quanto possível, a cidade inteira. Supúnhamos, na verdade, que seria numa cidade desta espécie que se encontraria mais a justiça; observando-as, determinaríamos o que há muito estamos a procurar. Ora, presentemente estamos a modelar, segundo cremos, a cidade feliz, não tomando à parte um pequeno número, para os elevar a esse estado, mas a cidade inteira” (Platão, 2001, p. 162).

⁵ Este método de educação helenística atribuída por Plutarco (2015) são os ciclos de estudos da educação grega, compostos pela *instrução das letras, da música, da ginástica, da retórica, das fábulas, das poesias, da literatura e da filosofia*.

educacional do homem em suas fases. Por fim, recorreremos à obra de Carmem Soares: *Crianças e jovens nas Vidas de Plutarco* (2011), a qual caracteriza detalhadamente o conceito de criança e de jovens na antiguidade grega e suas dimensões teóricas.

No âmbito do contexto histórico, listamos quatro principais autores e suas obras, que se fazem presentes nesta pesquisa: Henri-Irénéé Marrou, com **História da educação na antiguidade** (1973); Pedro Paulo Funari: **Grécia e Roma** (2002); Maria Aparecida de Oliveira Silva: **Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas** (2006) e Werner: **A formação do Homem Grego** (1994).

A organização didática deste estudo apresenta-se em quatro seções, além desta introdução, que configura a primeira. Na segunda, apresentamos o contexto social em que viveu Plutarco, bem como sua vida e obra. Foram abordados os conceitos de criança, jovem, família e processo educacional do período, no intuito de compreendermos a historiografia do espaço geográfico político-social da antiguidade greco-romana.

Na terceira seção, abordamos o modelo pedagógico atribuído a Plutarco em uma análise do tratado **Da educação das crianças**, para a educação de crianças e jovens, utilizando como referencial os preceitos da educação grega.

Na quarta seção, organizamos esse modelo pedagógico em um projeto educacional para as fases da infância, adolescência e juventude. Nesse projeto, envolvemos a figura dos pais e professores para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do indivíduo.

Na quinta seção, demonstramos uma abordagem das ideias de Plutarco com relação às fábulas de Esopo, no intuito de denotar a função desse escrito de cunho moralista para a formação humana, em seus aspectos éticos, morais e sociais.

Em síntese, o objetivo central desta pesquisa é elucidar como se dá a formação moral e educacional do homem em suas diferentes fases de vida em Plutarco, recorrendo assim, à Idade Antiga e à periodização da Grécia Antiga.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DE PLUTARCO

Nesta seção, o objetivo é compreender o contexto histórico em que a produção literária de Plutarco se desenvolveu, bem como os pensamentos filosóficos que influenciaram sua escrita para o campo da Educação. Os conceitos de natureza teórica propiciam subsídios basilares para a discussão do nosso objeto de pesquisa.

Plutarco era grego, viveu na Era Cristã, século I d.C., período em que Roma já havia dominado todo o mar mediterrâneo sobre a Grécia. O teórico vivenciou um período de transformação política e social, em que o Império romano perpassou os territórios conquistados, recebeu cargos e distinções do Império, tratou a Corte tanto em Roma quanto na Grécia (Silva, 2006).

Salientamos, com base nas obras plutarquianas e dos estudiosos da Antiguidade, que conhecer Plutarco significa se aprofundar na história e na narrativa cultural da Grécia Antiga e de Roma, considerando os confrontos ocorridos até chegar ao período cristão.

Nascido por volta do ano 45 ou 46 d.C., Plutarco conheceu todos os governantes de seu tempo, e deixou obras escritas sobre cada um deles: Cláudio, Nero, Galba, Otto, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano, Nerva, Trajan e Adriano (Reich, 2017).

Plutarco conhecia profundamente a cultura e os conteúdos redigidos entre o período arcaico grego e a época romana, sendo reconhecido como herdeiro da tradição oral grega, da qual se utilizava (Silva, 2006).

A partir dos conceitos relatados até então, é importante submergirmos cronologicamente no período de confronto entre Grécia e Roma, com vistas ao entendimento de como essa historiografia influenciou teoricamente as ideias de Plutarco até aquele momento.

Primeiramente, Roma conquistou a Grécia no ano 146 a.C., com a batalha de Corinto. Esse período, denominado Helenístico, precedeu a formação do Império e o avanço dos militares latinos. Tal avanço resultaria em uma parte grega e helenizada dos domínios romanos (Marshall, 2020).

A respeito do termo *helenístico* ou *heleno*, é relevante ressaltar que se refere à civilização grega, a qual utilizava a língua grega como oficial, a partir das conquistas de Filipe II, em 336 a.C., nos territórios vizinhos à Grécia antiga⁶.

⁶ “Alguns nomes usados no estudo da História são criados para simplificar, mas podem confundir: Este é o caso do ‘helenismo’. Os gregos chamavam-se de ‘helenos’ e os estudiosos modernos utilizaram o termo ‘helenístico’ para referir-se à civilização que se utilizava do grego como língua oficial, a partir das conquistas de Alexandre, o Grande (336 a.C.), até o domínio romano da Grécia, em 146 a.C. Ou seja, é

Um dos territórios conquistado por Filipe II, aos 25 anos de idade, foi a Macedônia, a partir de um golpe com o qual tomou a coroa do sobrinho, em 359 a.C. (Farias, 2017). Diante disso, ficou conhecido como Filipe II da Macedônia, pela sua conquista do território.

A próxima dominação por parte de Felipe II da Macedônia seria dirigida aos territórios gregos. Para isso, ficou refém, durante três anos, para aprender técnicas militares na pólis grega de Tebas, observando taticamente as batalhas entre cidades-Estados da Grécia e estudando cada uma delas (Farias, 2017).

Essa formação militar resultaria em seu domínio em direção à Grécia, que aparentemente chamou sua atenção, dadas as belezas e os monumentos culturais que continha. Deveria estudar como se desenvolvia a formação militar para, então, invadi-la, pois cada exército possuía sua prática de confronto para derrotar seus inimigos.

Com a experiência militar adquirida, Filipe II da Macedônia armou seu domínio sobre a Grécia. Os gregos tentaram resistir a sua expansão, mas logo foram dominados. Com a dominação, Felipe II acabou com a divisão em cidades-Estados independentes da Grécia, em 338 a.C.⁷

Concomitantemente a essa vitória, dentre as diversas batalhas sangrentas realizadas em Queroneia, foi conquistada uma pequena cidade localizada na região grega no interior da Beócia, onde Plutarco nasceu (Silva, 2006).

Dentre as cidades-estados da Grécia Antiga, as quais Felipe II da Macedônia acabou com a independência, estavam Atenas e Esparta. “[...] Esparta, potência terrestre e agrícola, sem interesses externos ao Peloponeso e Atenas, potência marítima, comercial e cultural, com grandes interesses internacionais” (Tucídides, 2001, p. 28).

Filipe II da Macedônia conseguiu conquistar Atenas e Esparta pelos seus enfraquecimentos, causados em decorrência do período de luta que ambas as cidades-Estados travaram.

Essa luta ficou conhecida como Guerra do Peloponeso, que durou quase 30 anos, entre 431 a.C. a 404 a.C., na qual disputavam o controle da Grécia. Esparta venceu

um termo que não se confunde com ‘helênico’, que é o mesmo que ‘grego’. Embora seja aplicado a um período de tempo relativamente curto, este foi marcado por grandes interações culturais” (Funari, 2002, p. 75).

⁷ “A Grécia Antiga não apresentava uma unidade política, estando dividida em várias pólis, ou seja, em cidades-estados, algo parecido com os atuais municípios brasileiros, com uma zona rural e um centro urbano. Porém, as pólis eram independentes uma das outras, cada uma com seu próprio governo e suas próprias leis” (Farias, 2017, p. 9).

Atenas, mas não conseguiu se estabelecer, gerando o amortecimento de ambas as partes (Funari, 2002).

De acordo com Farias (2017, p. 10), todas essas lutas “[...] foram corretamente chamadas de *suicídio grego*, pois os gregos, ao se confrontarem, acabaram [...] se enfraquecendo, abrindo espaço para que um inimigo externo, [...] dominasse a Grécia em 338 a.C. este inimigo era a Macedônia, de Filipe”.

Atenas e Esparta eram cidades-Estados que fortaleciam toda a estrutura da Grécia antiga. Por isso, ambas lutaram entre si, para se apropriarem de todo território grego. No entanto, o resultado das batalhas gerou amortecimento e o domínio por Filipe II. Vejamos, abaixo, o mapa que demonstra a área onde ocorreu a Guerra de Peloponeso (Figura 1).

Figura 1 - Mapa sobre a Guerra de Peloponeso, entre Atenas e Esparta



Fonte: Farias (2017, p. 10).

O mapa distingue o confronto de Atenas e Esparta. Podemos inferir, com base nas palavras de Farias (2017), que as cidades-Estados acabaram sofrendo *suicídio grego*, pois ambas as pólis eram independentes, tendo seu próprio governo e leis. Por isso, Atenas e Esparta entraram em confronto, para alcançarem o domínio da Grécia Antiga, pois ela era a base para a integração grega.

Plutarco também ressalta que “[...] a guerra de Peloponeso, representou o pior dos males, pois as expedições contra outros territórios propiciaram o contato com costumes diferentes, o que provocou, inexoravelmente, o questionamento de seus hábitos” (Silva, 2006, p. 129).

Todavia, podemos considerar, mesmo com as lutas intensas que Atenas e Esparta travaram, que ambas as cidades-Estados são territórios históricos. Atenas serviu de palco para Plutarco aprender os fundamentos da retórica, da física, da matemática, da medicina, das ciências naturais, da filosofia e das literaturas grega e latina (Silva, 2006).

Sobre Esparta, por sua vez, o autor descreveu vastamente, além de histórias dos espartanos com base nas consequências que a Guerra do Peloponeso causou nas cidades-Estados. O autor também relatou os acontecimentos políticos da sociedade espartana⁸.

No entanto, Atenas tem destaque maior nas narrativas. A cidade originou grandes filósofos, que são estudados no presente século, dentre eles, salientamos Sócrates, um ateniense que constituiu um método de conhecimento com base nos questionamentos, bem como enfrentou a crise de valores de sua cidade e viveu na época de Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta (431- 404 a.C.)⁹. Também merece destaque Platão, discípulo de Sócrates, um antigo aristocrata, também ateniense, que escreveu **Alegoria da caverna**, em seu livro **A República**¹⁰. Outro digno de evidência é Aristóteles, discípulo e aluno da Academia de Platão, em Atenas, que se tornou um dos grandes filósofos da Grécia Antiga (Aristóteles, 1998).

As ideias filosóficas de Sócrates, Platão e Aristóteles foram descritas em diversas obras de Plutarco, principalmente em seu tratado **Da educação das Crianças** (2008a; 2015), que utiliza sua filosofia para a formação educacional do homem em suas diferentes etapas de vida.

⁸ Plutarco relata a história de Esparta, sobre a divisão de terras, em sua obra *Vida de Licurgo*: “Seguindo aquela imaginação, executou de fato a repartição das terras, pois dividiu todo o resto do país da Lacônia inteiramente, em trinta mil partes iguais, as quais distribuiu aos habitantes dos arredores de Esparta; e das terras mais próximas da própria cidade de Esparta, que era capital de todo o país da Lacônia, fez outras nove mil partes, que repartiu entre os naturais burgueses de Esparta, que são os que propriamente se chamam os Espartanos” (Plutarco, 1821, p. 93).

⁹ Sócrates é conhecido apenas de forma indireta, por intermédio dos escritos de seus discípulos, Platão e Xenofonte. Sócrates foi “[...] um autêntico ateniense. Encarou a crise de valores em sua cidade, principalmente à época da Guerra do Peloponeso (431- 404 a.C.), pois a antiga religião, assim como as normas de conduta tradicionais estavam desprestigiadas. Sócrates observava que a busca de poder e de riqueza assume formas extremas, às vezes justificadas com argumentações filosóficas. Criticou a política ateniense, na qual atuavam pessoas despreparadas e na qual a retórica estava a serviço do engano, assim como combateu o relativismo sofístico que está disposto a tudo justificar. Sócrates vivia modestamente, conversando com os atenienses comuns e não tentava ensinar em troca de pagamento, como faziam os sofistas [...] Sócrates fundou seu método de conhecimento, baseado nos questionamentos. Tantas dúvidas e críticas acabaram levando à sua condenação à morte por ‘corromper a juventude’” (Funari, 2002, p. 67).

¹⁰ Platão, “[...] pertence à mais antiga aristocracia ateniense e chega à juventude no auge das lutas políticas do fim do século v a.C. As lutas entre democratas e aristocráticos e os excessos cometidos por ambas as partes fizeram com que Platão concluísse que a corrupção da classe política ateniense era incorrigível” (Funari, 2002, p. 68).

Contudo, Platão tem destaque central na perspectiva plutarquiana, pois o autor se refere ao filósofo ressaltando sua reputação memorável, como um alguém enviado pelos deuses (Plutarco, 2015). Curiosamente, os ditos filosóficos de Platão chamaram atenção do autor, por meio de Amônio de Lamptra, que apresentou a filosofia platônica a Plutarco, que desde então passou a utilizá-la em seus escritos (Silva, 2006).

Diante do exposto, destacamos que Atenas e Esparta eram *pólis* que chamavam atenção entre os demais territórios da Grécia, por sua independência e histórias culturais, mas por fim, foram dominadas por Filipe II da Macedônia, para o fortalecimento de seu Império.

Felipe II da Macedônia deu andamento a sua expansão em direção à Grécia. A estrutura e as técnicas de seus milhares de exércitos foram a causa de tamanha ampliação territorial. Com as experiências adquiridas, a formação militar serviria de base futura para a estruturação dos exercícios romanos (Funari, 2002).

Com o crescimento de seu reinado, Felipe II preparava seu filho, Alexandre, para dar sequência a seu legado. Alexandre recebeu uma sólida educação formal. “Filipe tinha a convicção de que um rei deveria governar não apenas com a força, mas também com a inteligência. Os mestres mais eminentes cuidavam de sua educação” (Farias, 2002, p. 16).

Todavia, um dos mestres que cuidava da formação de Alexandre, Aristóteles, foi encarregado de educá-lo de acordo com os fundamentos da educação grega, abrangendo a filosofia, a política, a ciência, a história e a poesia durante dois anos (Farias, 2002).

A partir dessa reflexão, podemos inferir que Alexandre recebeu uma vasta educação, o que possibilitou que ele conquistasse todos os territórios que estavam a seu alcance. Plutarco (1821), em sua obra sobre a **Vida de Alexandre**, afirma que, desde pequeno, Alexandre chamava atenção por onde quer que passasse, dada sua enorme coragem e sua astúcia.

Com a morte do pai, em 336 a.C., Alexandre deu continuidade a seu domínio, agora em outros países. De acordo com Funari (2002), em um vasto período, não apenas conquistou todas as cidades da Grécia Antiga, mas o Egito, a Palestina, a Mesopotâmia, a Pérsia (Irã), chegando até a Índia, entre 336 e 323 a.C., estabelecendo um imenso domínio.

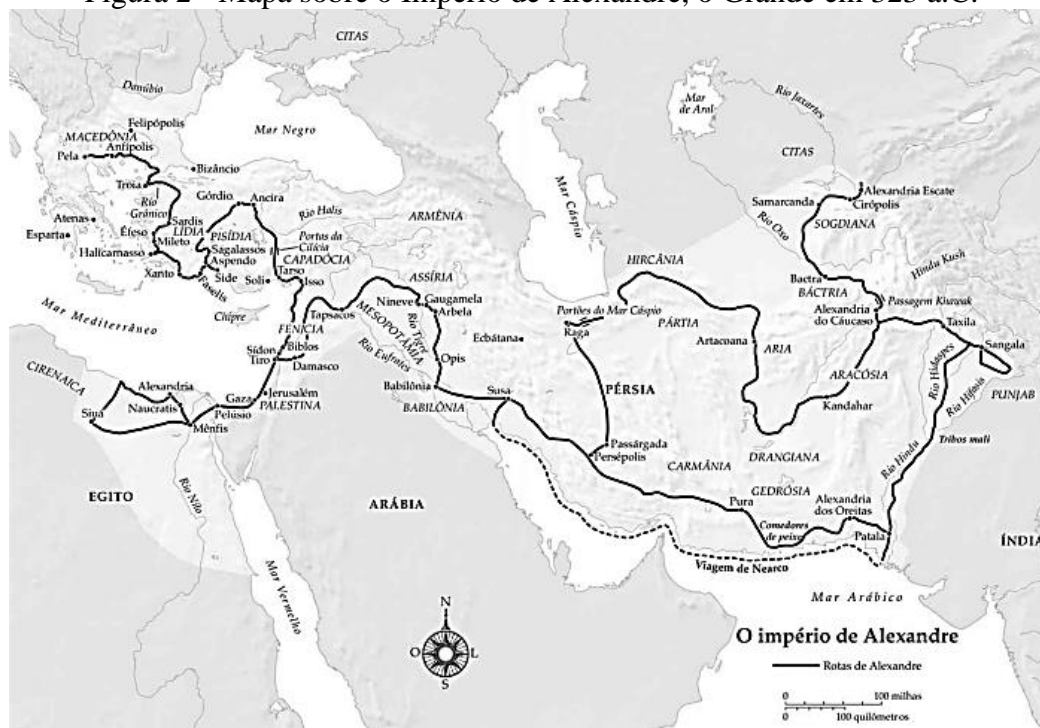
Alexandre tornou-se tão temido e venerável que era descrito como Alexandre, o Grande, pelos amplos territórios por ele conquistados. Sua sede de glória e suas conquistas chamaram a atenção de Plutarco, que escreveu sua biografia em uma de suas obras, **Vidas Paralelas**, em que constam relatos de governantes políticos.

É coisa tida como inteiramente certa que Alexandre, o Grande, pelo lado paterno, descendia da raça de Hércules através de Carano, e pelo lado materno provinha do sangue dos Eácidas, por Neoptólemo. E dizem que o rei Felipe, seu pai, quando adolescente, enamorara-se de sua mãe Olímpia, também ainda menina e órfã de pai e mãe, na ilha de Samotrácia, onde foram ambos recebidos na confraria da religião do lugar, e que depois ele a pediu em casamento a um irmão, Arimbas, que consentiu; mas, na noite anterior àquela em que se encerraram juntos dentro do quarto nupcial, a esposa sonhou que um raio lhe caíra no ventre e que do golpe surgira um grande fogo, o qual se desfez em várias chamas que se espalharam por toda parte; e Felipe, seu marido, sonhou também, mais tarde, que selava o ventre da mulher, sendo a gravura da sela a figura de um leão (Plutarco, 1821, p. 1354).

Nesse sentido, a glória e o Império de Alexandre, o Grande, não foram apenas destacadas por Plutarco, mas por inúmeros autores, como Aristóteles (2012) e Diógenes (2008). Sua história, considerado tirano, venerável e outros atributos, perpassou desde a Antiguidade até chegar à Contemporaneidade.

As conquistas de Alexandre, o Grande, ocorreram por sua visão e planejamento militar, ao passo que, para ele, tudo deveria ser estudado e analisado. Com seu espírito de liderança, Alexandre fundou dez cidades com seu próprio nome, Alexandria, nos locais que conquistou, como na Ásia Menor, Palestina, Judeia, Síria, Líbano, o Egito, partes da Líbia e das regiões fenícias, Mesopotâmia, regiões da Bactria e Sogdiana, Pérsia e avançando até o norte da Índia (Farias, 2017).

Figura 2 - Mapa sobre o Império de Alexandre, o Grande em 323 a.C.



Fonte: Freeman (2011, p. 4).

No mapa da página anterior, podemos verificar os territórios que foram dominados por Alexandre, o Grande, com seu legado marcado em cada região.

Sua morte foi inesperadamente precoce, tendo por resultado não lhe permitir indicar um herdeiro. Seu filho Alexandre IV, da primeira esposa, Roxana, se tornaria sucessor do pai, mas não poderia governar, pois não tinha idade suficiente para isso (Farias, 2017).

Por consequência, generais acabaram lutando entre si para herdar o trono de Alexandre, o Grande. Em decorrência, o Império acabou se dividindo em Macedônia (entregue a Antígono), Ásia Menor (entregue a Seleuco), e Egito (administrado por Ptolomeu). Com efeito, a Macedônia separou-se da Grécia entre os séculos II a.C., e I d.C., e os territórios de Alexandre acabaram sendo conquistados por Roma (Farias, 2017).

Diante disso, a inserção do mundo helenístico era inevitável, já que os inúmeros povos, suas culturas e línguas se difundiam e se incorporavam cada vez mais. A civilização helenística fundamentou-se em trocas e convivência de povos.

Quando as monarquias helenísticas foram, gradativamente, sendo incorporadas ao domínio romano, a partir do século II a.C., as cidades gregas, ainda assim, continuaram a existir e a ter suas instituições, mas foram se modificando aos poucos. As cidades gregas tão orgulhosas de suas tradições, embora não tivessem mais total independência, mantinham uma fidelidade impressionante à sua cultura (Funari, 2002, p. 75).

Mesmo em um período caótico em que a Grécia foi exposta, tendo sua total independência comprometida por Filipe II da Macedônia; Alexandre, o Grande e os romanos, os gregos mantiveram seus conceitos culturais alicerçados.

A fidelidade à tradição cultural impressionou tanto os romanos que, de acordo com Plutarco (1821), Roma invadiu a Grécia pelos vastos monumentos históricos e culturais que chamaram a atenção do Império.

Funari (2002, p. 122) afirma que “[...] os deuses gregos e suas histórias foram incorporados pelos romanos, tendo seus nomes traduzidos, como é o caso de Zeus (Júpiter), Afrodite (Vênus) ou Áres (Marte).

Essa parte da cultura grega foi introduzida pelos romanos em razão da história que esses heróis representavam para seu povo de origem, como deuses fortes, que tinham

poderes, dominavam o céu e a terra, além de a origem do universo ter sido descrita em torno dos deuses¹¹.

De acordo com Marrou (1973, p. 388), “[...] além da cultura grega ser usurpada por Roma, o Império também adotou o método de educação helenística dos gregos”. As nobres famílias romanas procuravam oferecer todos os atributos educacionais que a educação grega proporcionava a seus filhos.

No entanto, o governante Catão, destacado por Plutarco em **Vidas Paralelas** (1821), tinha outra visão referente à educação grega. O governante se recusava a inserir o método de educação helenística dos gregos, mantendo-se fiel à cultura aristocrata romana. Por isso, ele próprio se responsabilizou por cuidar da educação de seu filho, para não permitir tais influências¹².

A partir disso, salientamos a contribuição histórica que Plutarco exerceu para a estruturação da identidade grega sob o Império Romano. Mesmo que a inserção da cultura grega estivesse se difundindo com a Roma, Plutarco conservou sua fidelidade à cultura grega, de seu território de origem.

Contudo, mesmo em meio a algumas imposições, as escolas romanas adotaram, em parte, a educação grega. As famílias aristocratas começaram a se preocupar em implantar a melhor formação grega aos filhos, sendo composta por disciplinas helenísticas dentro de um ciclo de estudo¹³.

O ciclo de estudo era dividido de acordo com a faixa etária de cada indivíduo, com disciplinas gregas que envolviam a instrução das letras, da música, da ginástica, da retórica, das fábulas, das poesias e da filosofia. O ensino era direcionado por professores ou mestres, que possuíam o conhecimento das disciplinas gregas e dos princípios culturais helenísticos.

¹¹ “A mitologia também explicava aos gregos a origem do universo. No começo, havia o Caos, ou Vazio, do qual saem Urano (Céu) e Gaia (Terra) e de sua união surgem os Titãs e as Titanesas. De todos os Titãs o mais importante para o desenvolvimento do mundo foi Cronos (Tempo), o caçula. Cronos, com uma foice, cortou os testículos de seu pai Urano e o sangue da ferida caiu sobre Gaia, fecundando-a” (Funari, 2002, p. 59).

¹² “Para Catão, prevalece a defesa dos costumes autóctones, pois a sedução pelo helénico desviará Roma da obtenção de grandes vitórias. Assim, diríamos que a posição de Catão em face dos Gregos é uma ‘estratégia cultural’, pois ele é acima de tudo um defensor da cultura romana e não um inimigo da Grécia” (Plutarco, 2021, p. 84).

¹³ “A influência grega na educação romana revela-se muito mais extensa ainda: apresenta-se sob dupla forma; ao mesmo tempo que a aristocracia romana educa seus filhos à grega, faz deles gregos cultos, ela duplica esta educação estrangeira com um ciclo paralelo de estudos, exatamente calcado no das escolas gregas, embora transposto em língua latina” (Marrou, 1973, p. 386).

Na infância, por exemplo, a mãe tinha o dever de educar seus filhos, mas se não conseguisse desenvolver esse papel, poderia escolher uma pessoa da família de idade madura para fazê-lo (Marrou, 1973).

De acordo com Marrou (1973, p. 362), “[...] a partir dos sete anos, a criança, como na Grécia escapava à direção exclusiva das mulheres, mas em Roma era para passar sob a do pai”. O pai era considerado pedagogo, e havia influência paterna moral na vida da criança que se encontrava em fase de desenvolvimento.

Já na Grécia, os pais deveriam procurar um educador com os preceitos da educação grega, que fosse responsável por desenvolver a música e a ginástica, como ressalta Plutarco (2015).

Aos dezesseis anos de idade, essa educação familiar findava, e a partir de então, o adolescente se inseria no meio dos cidadãos para aprender os fundamentos da vida pública. Em seguida, destinava-se ao serviço militar (Marrou, 1973).

Outro tipo de educação que os romanos descobriram na escola dos gregos era denominada de retórica. Seu ensino servia para que os jovens aprendessem a arte de falar em público, pois dominar a oratória era importante para exercer a vida pública¹⁴.

A educação do jovem romano era a mesma desenvolvida na Grécia, pois utilizavam a filosofia, a poesia e as fábulas, considerados ensinamentos essenciais para a educação moral dos jovens. No tratado moral intitulado **Como deve o jovem ouvir os poetas**, Plutarco (2020, p. 29) afirma:

Mas para mim é evidente que, na filosofia, os que são ainda muito jovens têm mais prazer nos ensinamentos que não parecem ser expressos em termos filosóficos nem de forma séria, e a estes se mostram mais obedientes e receptivos. Com efeito, quando percorrem não apenas as fábulas de Esopo e os resumos poéticos.

Plutarco menciona que a filosofia, a fábula e a poesia deveriam estar inseridas na educação dos jovens, mas para essa fase, as fábulas, as poesias e a filosofia deveriam ser atreladas, uma vez que esses jovens não se encontravam amadurecidos o suficiente para receber apenas o ensino da filosofia.

A poesia e as fábulas tornavam-se base para que os jovens tivessem o prazer de estudar as lições sem perder o interesse. As fábulas, por exemplo, eram utilizadas porque representavam conceitos éticos e morais para a compreensão de valores essenciais ao

¹⁴ “Dominar a oratória era importante para os jovens da elite, pois se acreditava que toda a vida pública dependia da arte de defender, por meio das palavras, suas ideias e interesses, motivo pelo qual os romanos tanto valorizavam a arte da retórica” (Funari, 2002, p. 102).

convívio social. “Já as poesias eram transmitidas por ter versos didáticos que, por serem ‘cantados’, acabavam decorando a disciplina” (Funari, 2002, p. 44).

Podemos inferir que Plutarco se manteve fiel aos fundamentos políticos e culturais da Grécia antiga através de sua obra, **Da educação das Crianças** (2008a, 2015), quando inseriu o método de educação grega para crianças e jovens de sua época, para que trilhassem o caminho da virtude.

Outra manifestação cultural histórica introduzida pelos romanos, que perpassou os séculos diz respeito os jogos olímpicos. Eles eram celebrados pelos gregos em sacrifício a Zeus, a cada quatro anos, na cidade Olímpia, durante cinco dias. Entre as modalidades de competições eram incluídos salto, corrida, arremesso de disco, luta e lançamento de dardo (Funari, 2002).

Com o domínio de Roma sobre a Grécia, os jogos continuaram a ser celebrados pelos cidadãos romanos até 494 d.C., com a mesma finalidade. Ao final da competição, todos os vencedores, com suas coroas de louros, festejavam e ofereciam sacrifícios a Zeus (Eyler, 2014). Os conquistados recebiam tratamentos diferentes, de acordo com a posição em relação ao poder romano (Funari, 2002).

Podemos pontuar que a principal estratégia que fez Roma dominar a Península Itálica foi a instauração e a estrutura de seus exércitos, que teve forte influência de Filipe II. Os romanos organizavam-se estrategicamente para combater seus inimigos e torná-los seus aliados¹⁵.

Seu trunfo, sua força, estava no combate em formação, com os infantes armados de escudo e lanças, o que tornava o exército romano uma força muito superior aos outros tipos de armadas da Antiguidade. Os romanos desenvolveram técnicas militares elaboradas, a começar por seus acampamentos, verdadeiras cidades protegidas por muros. Ali havia enfermarias, latrinas, saunas, cozinhas, fábricas de armamentos. No exército estavam, também, engenheiros e trabalhadores que construíam pontes sobre rios caudalosos em poucos dias, assim como as estradas que permitiam uma mobilidade excepcional (Funari, 2002, p. 87).

A partir dessa reflexão, podemos afirmar que a organização do Império Romano foi a causa de suas conquistas. Os romanos começaram a se expandir fora da Itália a partir

¹⁵ “O método de tratar de maneiras diferentes os povos vencidos era eficaz e favorecia o domínio romano, pois dificultava as uniões entre os derrotados e suas revoltas contra Roma. Alguns povos aliados recebiam todos os direitos dos cidadãos romanos incluindo o de voto, ainda que este fosse pouco importante, já que as assembleias eram dominadas pela nobreza e porque o voto exigia a presença física em Roma” (Funari, 2002, p. 85).

do século III a.C., pois as guerras produziram grandes lucros por meio da venda de inimigos capturados para a utilidade de mão de obra em fazendas.

Nos primeiros dois séculos posteriores, II e I a. C., o exército romano expandiu-se cada vez mais, incorporando soldados de origem não romana ao Império. Esses soldados, assalariados, tornaram-se mais leais aos generais do que ao próprio Estado romano. Com essa lealdade, os generais começaram a lutar entre si, gerando guerras civis, e em razão dessas lutas internas, Caio Júlio César, comandante de tropas, em pouco tempo conquistou a Gália, o que não agradou o senado, que lhe proibiu de comandar tropas. César não aceitou, e tomou Roma em 49 a.C., tornando-se ditador do Império (Funari, 2002).

Sua morte foi inevitável, promovida por um grupo de senadores no dia 15 de março, em 44 a.C., mas nada adiantou: Otávio, seu sobrinho e herdeiro, venceu os traidores, tornou-se general e recebeu o título de Augusto, *o venerável*¹⁶.

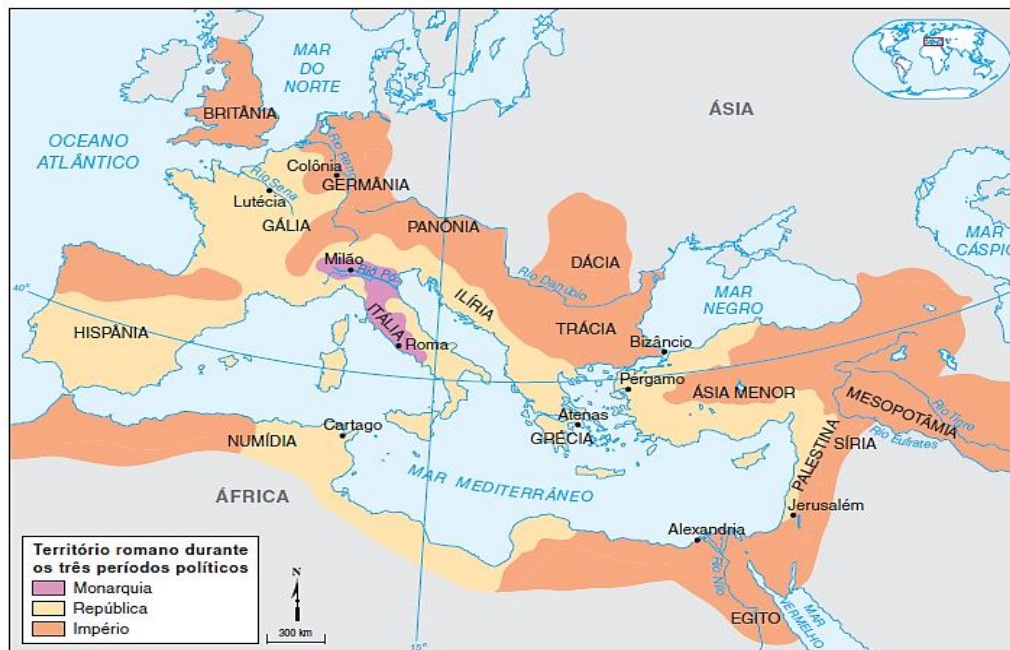
Depois de inúmeras lutas políticas, Augusto estabeleceu um período conhecido como *Paz Romana*, que durou 250 anos (31 a.C. - 235 d.C.)¹⁷. Com efeito, mesmo com a Paz selada, o Império Romano não deixou de se expandir. Sua conquista foi em direção à Sicília, para o norte da África, à Península Ibérica, aos reinos helenísticos, aos territórios da Ásia Menor e à Gália¹⁸ (Figura 3).

¹⁶ De acordo com Funari (2002, p. 89), Otávio “[...] acabou por tornar-se o único grande general, logo reconhecido pelo Senado como o ‘principal’, sendo chamado, por isso, de Príncipe. Recebeu, ainda, o título de Augusto, ‘o venerável’. Este regime passou a ser conhecido, por isso, como Principado ou Império, pois o governante era o príncipe, um general vitorioso do exército (imperador, em latim)”.

¹⁷ “No ‘período de paz’, novas conquistas foram efetivadas e as atividades econômicas e culturais ganharam grande impulso, surgindo novos e portentosos edifícios, monumentos, aquedutos, pontes, circos e anfiteatro” (Funari, 2002, p. 90).

¹⁸ A expansão e o domínio do império romano chamam atenção, até os dias de hoje, de inúmeros historiadores. Na interpretação de Funari (2002), além de Roma dominar toda a península Itálica, a Sicília, o norte da África, a Península Ibérica, os reinos helenísticos e os territórios da Ásia Menor, o Egito e a Gália também foram alcançados pelos romanos. Com esses domínios, Roma conquistou seu apogeu, no século II d.C.

Figura 3 - Mapa dos territórios conquistados por Roma - séculos I a.C. - II d.C.



Fonte: Domínio Público.

Com tais conquistas, diferentes culturas e povos instalaram-se em Roma, como os hebreus, os egípcios, os gregos e tantos outros. Alguns foram submetidos a trabalhar para o Império; outros, apenas pagavam tributos.

A sociedade romana em questão dividia esses povos em cidadãos-livres e não-livres. “Os livres de nascimento podiam ser cidadãos romanos ou não-cidadãos [*sic*], tendo os cidadãos direitos que não estavam disponíveis para os outros. Não-cidadãos de nascimento livre podiam, individual ou coletivamente, receber a cidadania romana” (Funari, 2002, p. 94).

O direito de cidadão permitia exercer a magistratura e sua função política na sociedade romana. Havia cidadãos livres, que enriqueceram, tornaram-se funcionários públicos e alcançaram altos postos do Império. Plutarco, por exemplo, proferiu muitas palestras aos nobres romanos. Suas conferências proporcionaram aproximação com os concidadãos que, politicamente, permitiu sua cidadania romana, por meio de seu amigo Mestrio Floro (Silva, 2006).

Em síntese, diferentes povos e culturas foram dominados pelos romanos, mas sua máxima extensão aconteceu no século I d.C., contexto em que nasceu Plutarco e que também se organizou uma nova era: o período do surgimento e expansão do Cristianismo.

Para Funari (2002), o surgimento do Cristianismo ocorreu em decorrência das conquistas de Alexandre, o Grande, no território da Palestina, onde viviam muitos judeus, que com suas próprias crenças, estavam sob a influência dos gregos e falavam grego.

Nesse mesmo contexto nasceu Jesus Cristo, que de acordo com a Bíblia, a partir do Novo Testamento, foi um humilde judeu que pregava sua doutrina religiosa. Jesus conquistou inúmeros seguidores, dentre eles os doze discípulos, com quem tinha mais proximidade: Pedro; João; André; Filipe; Mateus; Tomé; Tiago filho de Zebedeu; Bartolomeu; Judas Tadeu; Simão; e Judas Iscariotes (o traidor de Cristo).

Mesmo tendo conquistado seguidores judeus, grande parte deles não se converteram, pois não acreditavam que Jesus era o Messias. Como resultado, Jesus foi preso pelos romanos e morto na cruz, por volta do ano 30 d.C. (Mateus, 27, 1999).

Com sua morte, os discípulos, identificados como apóstolos, pregavam as *Boas Novas*, o evangelho, de acordo com as instruções de Jesus, que dizia: “Portanto, ide, ensinai todas as nações” (Mateus, 28, 19, 1999).

As pregações dos discípulos percorriam toda a Palestina. A conversão de inúmeros povos foi crescendo, principalmente de judeus que falavam grego. No entanto, os que acreditavam no evangelho acabavam sendo perseguidos por fariseus.

Um deles, que merece destaque, de acordo com Funari (2002, p. 128), é “[...] Saulo, da cidade de Tarso bem versado na cultura grega. Menos de sete anos após a morte de Jesus, Saulo converteu-se ao cristianismo – que havia anteriormente combatido – e tornou-se seu grande pregador, com o nome romano de Paulo”.

Dentro dessa perspectiva, surgiu o seguinte questionamento: por que falar de Paulo, nesse contexto? O autor tornou-se figura central, de extrema importância para a historiografia teológica, principalmente com a surgimento da igreja cristã, no século I d.C., período em que o mundo romano se desenvolvia de maneira ideológica, política e militar.

Com sua conversão e tendo pregado a inúmeros homens de diferentes culturas, Paulo, intitulado Apóstolo, com suas pregações, percorreu o Mediterrâneo Oriental, a Síria, a Ásia Menor, a Grécia e Roma (Funari, 2002).

O evangelho pregado por Paulo expandia-se cada vez mais, principalmente em Roma, com novos fiéis sendo convertidos. Paulo fundou a igreja no território romano, mas não ficou nesse território, pois seguiu para a Grécia em 57 d.C., para sua viagem missionária (Funari, 2002).

Com a fundação da igreja Romana, Paulo enviou uma carta aos nobres fiéis, que dizia: “A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Romanos, 1, 7, 1999).

Paulo escreveu a carta à igreja de Roma com o propósito de explicar detalhadamente sobre a doutrina evangélica deixada por Jesus, pronunciando: “Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma” (Romanos, 1, 14-15, 1999).

A passagem bíblica escrita pelo Apóstolo Paulo expressava sua preocupação com a igreja e com os princípios teológicos que os fiéis de inúmeros povos, como gregos, bárbaros, romanos e outros deveriam seguir.

Durante duas décadas, Paulo ministrou suas pregações pelo Mediterrâneo Oriental, até que foi preso, em 58 d.C., mas como era cidadão romano, pediu para ser julgado em Roma, e conseqüentemente, conseguiu ser solto.

Diante dos fatos apresentados, o crescimento do cristianismo foi inevitável. Em apenas quatro décadas, o novo evangelho deixado por Jesus se expandiu, e não apenas os judeus, também os gregos e os romanos se converteram à nova religião, além de diversos outros povos.

Dessa maneira, com muitos povos de diferentes culturas e *status* sendo convertidos ao cristianismo, “[...] o Império Romano tornou-se oficialmente cristão, Igreja e Estado começaram a confundir-se. Surgido entre os pobres, o cristianismo passou a ser o alicerce do Estado romano, uma mudança radical na civilização romana ocorrida em menos de três séculos” (Funari, 2002, p. 132).

O crescimento do Cristianismo foi tão grande, que acabou se instaurando e prologando até o presente século. Dentro dessa perspectiva, podemos ressaltar que Plutarco, vivendo no período Cristão, também se voltou às questões religiosas. Durante vinte anos, dedicou-se ao sacerdócio, tendo contato com a religião grega (Silva, 2006).

A partir desses levantamentos, cabe-nos sintetizar os conceitos que a obra de Plutarco, **Da educação das crianças** (2008a, 2015), apresenta. Podemos inferir que o historiador, sob influência do sistema religioso do tempo que viveu, trouxe princípios morais à formação educacional do homem em seu tratado, traçando um projeto pedagógico especificando o que o indivíduo deveria passar para chegar ao caminho da virtude.

Plutarco escreveu sua obra em uma época conturbada, como guerras civis e instaurações políticas e sociais. No entanto, manteve-se racional, com a visão profícua de um historiador. Mesmo sendo uma obra contando mais de vinte séculos, seus ensinamentos apresentam questões que favorecem relações entre o passado e o presente.

2.1 VIDA E OBRA

Neto de Lâmprias, filho de Autóbolus e irmão de Timon e Lâmprias, Plutarco nasceu entre o ano 45 e 50 d.C., em uma pequena cidade histórica, situada na fronteira da região grega da Béocia, localizada entre os golfos de Eubeia e de Corinto¹⁹.

De família nobre, Plutarco recebeu uma educação aristocrata, que era destinada apenas para altos cargos e padrões de sua época²⁰, o que lhe possibilitou riquíssimas oportunidades no campo do saber. Ao completar vinte anos de idade, direcionou-se a Atenas para aprender fundamentos da retórica, da física, da matemática, da medicina, das ciências naturais, da filosofia e das literaturas grega e latina, por volta de 67 d.C., como aponta Silva (2006). Na mesma cidade, conheceu seu mestre egípcio, Amônio de Lamptra, que lhe apresentou a filosofia de Platão, cujos ensinamentos filosóficos começou a utilizar em suas obras²¹.

Ao término de seus estudos em Atenas, sua segunda pátria, por ter adquirido cidadania ateniense, Plutarco viajou em direção à Grécia, à Sicília, à Ásia Menor e a Alexandria para aprimoramento de seu conhecimento (Silva, 2006).

Com toda a vida dedicada a compromissos políticos, Plutarco fez distintas viagens a Roma: o autor aproveitou o período de paz selada para palestrar para o Império. Com essa aproximação com os concidadãos, Plutarco conseguiu a cidadania romana, por intermédio de seu amigo Mestrio Floro, adotando o título de Mestrio Plutarco, em homenagem ao amigo²².

No entanto, em 68 d.C., Plutarco voltou a sua terra natal, Queronéia, constituiu família²³ e iniciou a escrita de suas obras. Nesse percurso, acabou se tornando um

¹⁹ Não se sabe ao certo os anos em que viveu e morreu Plutarco. De acordo com Silva (2006) e Reich (2017), estudiosos das obras plutarquiana, o autor nasceu pouco antes do ano 50 d.C., e morreu provavelmente no ano 120 ou 125 d.C.

²⁰ De acordo com Reich (2017), Plutarco veio de uma família nobre de altos postos. Com essa linhagem, o autor recebeu um ensino tradicional conceitual aristocrático, considerado comum às famílias nobres de Queronéia.

²¹ Plutarco foi enviado a Atenas ainda jovem. Seu mestre, Amônio, um importante platônico egípcio, instruiu-o profundamente em retórica, matemática e religião, levando-o para conhecer a academia de Platão, sobre o qual, desde então, se interessou (Reich, 2017).

²² “Plutarco desempeñó altos cargos políticos ya desde joven. Fue nombrado embajador de su patria, viajó al extranjero para impartir conferencias, fue amigo y consejero de los hombres más poderosos de su tiempo, incluso —probablemente— de algún emperador. Recibió la más alta distinción que Roma concedía a un extranjero. Al final de su vida fue premiado con el sacerdocio délfico” (Reich, 2017, p. 25).

²³ Plutarco descreveu sua vontade em voltar a Queronéia, sua cidade natal, em sua obra **Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero** (2010).

sacerdote em Delfos de Apolo durante vinte anos, mas não deixou de prestar serviços políticos em Roma (Reich, 2017).

Com efeito, o aumento de seu prestígio ampliava-se cada vez mais. Sua fama proporcionou-lhe amizades com grandes autoridades conceituais e tornar-se conselheiro dos homens mais poderosos do seu tempo. Dentro desse contexto histórico em que vivia, Plutarco conseguiu manter a identidade grega estabelecida dentro do território romano, possibilitando que a história helênica não fosse comprometida²⁴.

Logo, podemos ressaltar que a influência de Plutarco era tão excepcional que, na época do governo Trajano, se tornou procurador da Acaia, embaixador e procônsul, algo totalmente distinto para um estrangeiro (Silva, 2006).

Mesmo com a vida conturbada, dedicada a cargos políticos e viagens simultâneas, manteve-se fiel a um casamento feliz com sua mulher, Timoxena, figura central em suas produções literárias referentes à questão familiar e à formação educacional do homem²⁵.

Plutarco teve seis filhos: Soclaro, Querón, Autobulo, Plutarco, Timóxena e um filho ou filha de nome desconhecido. Alguns estudiosos, como Ziegler (1951) e Reich (2017), afirmam que seria Lâmprias, enquanto outros acreditam que ele seria seu cunhado. Três de seus filhos morreram em sua ausência. O autor lamentou pelas perdas e escreveu um texto no qual consta sua dor, amor e respeito pela sua mulher²⁶.

É importante ressaltar, ainda, que Plutarco, sendo filósofo, professor, biógrafo, historiador, pedagogo, com diversos outros atributos, se manteve fiel a sua terra natal e a seus familiares. A princípio, poderia ter aberto a sua própria academia, pelo vasto conhecimento que obteve no decorrer da sua vida, buscando sempre estudar e enriquecer, mas se dedicou aos seus.

A fidelidade de Plutarco era de tamanha proporção que, além de sua família ter um espaço rigoroso em seus escritos, o autor também inseriu seus próprios amigos, de diferentes profissões e formações. Dentre os amigos com formações, destacam-se

²⁴ Podemos inferir, com base em Reich (2017) e Silva (2006), que a influência de Plutarco em todo o Império Romano foi a causa da cultura grega não se tornar extinta. O autor tornou-se base central para a história cultural grega.

²⁵ Nos estudos históricos tratados por Reich (2017), Timoxena era filha de Alexion, um homem importante e conceitual em Queroneia, o que possibilitou a Plutarco, pela influência de sua mulher, produzir livros em torno de valores morais da família.

²⁶ De acordo com os estudos de Ziegler (1951), mesmo com a ausência de Plutarco no seio familiar, ele não deixou de ser um ótimo pai e marido, o que é demonstrado a partir de sua volta à terra natal, ao término de seus estudos, com o propósito de estar perto de seus familiares e constituir família.

filósofos estoicos, pitagóricos, platônicos, epicureus, peripatéticos e cínicos. Já entre as profissões, constavam: retores, sofistas, matemáticos, geômetras, gramáticos, poetas, músicos, sacerdotes, bem como diversos políticos. Ainda assim, Plutarco optou em permanecer com seus familiares²⁷.

As experiências traçadas em seu percurso de vida, como homem alicerçado em sua base familiar, com conhecimento e tendo ocupado cargos políticos e governamentais no período greco-romano, proporcionaram a realização de suas produções literárias.

As obras plutarquianas que conhecemos, na contemporaneidade, preservam menos da metade de seus escritos, além de existirem algumas de autoria duvidosa, que foram organizadas pelo Catálogo Lâmprias, entre o século III e IV de nossa era²⁸.

Podemos afirmar que a produção literária de Plutarco sobreviveu em toda extensão histórica da Antiguidade tardia, no período cristão, até se entender aos dias de hoje. Mesmo contando com metade de seus escritos, suas obras trazem inúmeros aprendizados, sobre os mais diversos assuntos.

Conforme indica Silva (2006, p. 28), a obra de “[...] Plutarco atinge a notável soma de duzentos e vinte e sete títulos, dos quais cento e trinta não chegaram aos nossos dias. Os títulos remanescentes encontram-se organizados em duas obras intituladas ‘*Vidas Paralelas e Obras Morais e de Costumes*’”.

A obra *Vidas Paralelas* reúne cinquenta biografias de antigos chefes militares, legisladores e governantes políticos” (Silva, 2006, p. 28). Nesse tratado, Plutarco organizou sua visão cronológica, iniciando com a vida de um grego e, posteriormente, a de um romano. Além disso, adicionou biografias de autores independentes.

A partir desses levantamentos, o quadro de textos biográficos deixados por Plutarco, em sua obra **Vidas Paralelas** e outras perdidas, foi sintetizado abaixo, com base nos estudos do Catálogo Lâmprias (Quadro 1, na página seguinte).

²⁷ Ziegler (1951) realizou um estudo identificando 130 amigos de Plutarco, de diferentes profissões e formações.

²⁸ Silva (2006) ressalta que a escolha do Catálogo de Lâmprias se deve as suas referências às obras plutarquianas, pelo fato de ser a mais citada pelos estudiosos. As obras aqui mencionadas representam fragmentos recolhidos ao longo dos séculos, que foram reestabelecidos por Flacelière e Irigoin (1987).

Quadro 1 – Textos biográficos de Plutarco, publicados na obra *Vidas Paralelas*

GREGO	ROMANO	TÍTULO DO TRATADO DE PLUTARCO <i>VIDAS PARALELAS</i>
Teseu	Rômulo	1. Teseu e Rômulo
Licurgo	Numa	2. Licurgo e Numa
Temístocles	Camilo	3. Temístocles e Camilo
Sólon	Publícola	4. Sólon e Publícola
Péricles	Fábio Máximo	5. Péricles e Fábio Máximo
Alcibíades	Coriolano	6. Alcibíades e Coriolano
Epaminondas	Cipião	7. Epaminondas e Cipião
Fócion	Catão, o jovem	8. Fócion e Catão, o jovem
Ágis	Cleômenes	9. Ágis e Cleômenes
Tibério	Caio Gracos	10. Tibério e Caio Gracos
Timoleão	Paulo Emílio	11. Timoleão e Paulo Emílio
Eumênes	Sertório	12. Eumênes e Sertório
Aristides	Catão, o velho	13. Aristides e Catão, o velho
Pelópidas	Marcelo	14. Pelópidas e Marcelo
Lisandro	Sula	15. Lisandro e Sula
Pirro	Mário	16. Pirro e Mário
Filopêmem	Tito Flaminio	17. Filopêmem e Tito Flaminio
Nícias	Crasso	18. Nícias e Crasso
Cimão	Lúculo	19. Cimão e Lúculo
Dião	Bruto	20. Dião e Bruto
Agesilau	Pompeu	21. Agesilau e Pompeu
Alexandre	Júlio César	22. Alexandre e Júlio César
Demóstenes	Cícero	23. Demóstenes e Cícero
Árato	Artaxerxes	24. Árato e Artaxerxes
Demétrio	Antônio	25. Demétrio e Antônio
	Augusto (perdida)	26. Augusto (perdida)
	Tibério	27. Tibério
	Cipião Africano	28. Cipião Africano
	Cláudio (perdida)	29. Cláudio (perdida)
	Nero	30. Nero
	Caio César	31. Caio César
Galba	Oto	32. Galba e Oto
	Vitêlio	33. Vitêlio
Heracles		34. Heracles
Hesíodo	0	35. Hesíodo (perdida)
Píndaro		36. Píndaro
	Crates	37. Crates
	Deifanto	38. Deifanto
Aristômenes		39. Aristômenes
Árato		40. Árato

Fonte: (Plutarco, 1821).

As obras destacadas no quadro 1 englobam tratados que foram perdidos no decorrer dos tempos, e outros preservados. Essas obras trazem histórias biográficas de homens célebres que deixaram seus legados na Antiguidade. Plutarco percorreu a biografia desses indivíduos por meio de suas pesquisas como investigador historiográfico.

O autor procurava escrever essas biografias com base em evidências. No entanto, mesmo com requisitos que um historiador utilizaria, Plutarco escreveu biografias, deixando isso claro na biografia de Alexandre, o Grande. Vejamos:

[...] pois é preciso que se lembrem de que não me pus a escrever histórias, mas vidas somente; e as mais altas e gloriosas proezas nem sempre são aquelas que mostram melhor o vício e a virtude do homem [...] deixando que os historiadores descrevam as guerras, batalhas e outras grandezas tais (Plutarco, 1821, p. 1353).

A partir de tais reflexões, Plutarco explicou a diferença entre biografia e história. Para o autor, os acontecimentos em torno de inúmeras guerras que Alexandre, o Grande, participou, ocasionaram fatos narrados em suas numerosas vitórias. Plutarco ressalta, ainda, que procurou registrar os fatos da vida do protagonista, fugindo de registrar abertamente as grandes batalhas. Posto isso declarou aos seus leitores que escrevia biografias.

No entanto, esse dado parece totalmente contrário ao seu pensamento, pois seu conteúdo é histórico. Plutarco detalhava com precisão a cronologia histórica, tecendo as características espaço-temporal de seus biografados, como na composição das biografias espartanas²⁹.

A seguir, ressaltamos outras obras de Plutarco, organizadas com o nome **Moralia** ou **Obras Morais e de Costumes**, como destaca Silva (2006). Vejamos abaixo, no quadro 2, algumas obras Morais, pertencentes ao acervo da Biblioteca Clássica Selecta (BCS), organizadas por Meurant, Maroutaeff, Ruell e Schumacher (2008)³⁰:

Quadro 2 – Obras Morais de Plutarco

PLUTARCO, OBRAS MORAIS
➤ Apoftegmas de reis e capitães famosos
➤ Apoftegmas dos Lacedemônios
➤ As demoras da justiça divina
➤ As virtudes das mulheres
➤ Como alguém pode se elogiar sem se expor à inveja
➤ Como deve o jovem ouvir os poetas?
➤ Como distinguir o bajulador do amigo
➤ Como ouvir
➤ Como tirar proveito dos seus inimigos
➤ Consolação a Apolônio
➤ Consolação para sua esposa
➤ Contra o Colotes
➤ Contradições dos estoicos

²⁹ “Em relação às biografias plutarquianas espartanas, as análises realizadas foram comprometidas, por um lado, pela aceitação da teoria da miragem e, por outro, pela dissociação entre História e biografia. Tais teorias contribuíram para dificultar a percepção posterior sobre a singularidade de Plutarco em registrar a história de Esparta em forma de biografias” (Silva, 2006, p. 148).

³⁰ Os tratados Morais de Plutarco, em Grego, fazem parte da Biblioteca Clássica Selecta (BCS), e foram traduzidos posteriormente. Nela constam os escritos plutarquianos que foram estudados e explorados cientificamente por historiadores. A esse respeito, vide texto em Grego, em *Plutarque*, no seguinte endereço: <http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/intro.htm>.

➤ Curiosidade
➤ Da abundância de amigos
➤ Da causa do frio
➤ Da educação das crianças
➤ Da fortuna dos romanos
➤ Da malignidade de Heródoto
➤ Da superstição
➤ De amizade fraterna
➤ De inveja e ódio
➤ De virtude e vício
➤ De virtude moral
➤ Demônio de Sócrates
➤ Do amor
➤ Do amor aos filhos
➤ Do amor às riquezas
➤ Do amor fraterno
➤ Do amor que temos por nossa prole
➤ Do destino
➤ Do rosto que aparece na lua
➤ Isso não deve ser emprestado da usura
➤ Matérias Naturais
➤ Música
➤ Na fofoca
➤ Na riqueza
➤ No exílio
➤ No grande número de amigos
➤ Noções comuns contra os estoicos
➤ Nos santuários cujos oráculos cessaram
➤ O Banquete dos Sete Sábios
➤ O que significa a palavra El gravada na porta do templo de Delfos?
➤ Os animais terrestres têm mais habilidade do que os animais marinhos?
➤ Para um príncipe ignorante
➤ Paralelos das histórias gregas e romanas
➤ Perguntas gregas
➤ Perguntas romanas
➤ Preceitos conjugais
➤ Preceitos de higiene
➤ Preceitos políticos
➤ Que as feras têm o uso da razão
➤ Que nem mesmo é possível viver agradavelmente de acordo com a doutrina de Epicuro
➤ Questões Platônicas
➤ Se é verdade que você tem que levar uma vida escondida
➤ Se os atenienses se distinguiam mais na guerra do que nas letras
➤ Se um velho tomar parte no governo
➤ Sobre a criação da alma segundo o Timeu de Platão
➤ Sobre a educação dos filhos
➤ Sobre a fortuna de Alexandre
➤ Sobre a utilidade que se pode obter de seus inimigos
➤ Sobre como ler poetas
➤ Sobre Ísis e Osíris
➤ Sobre maneiras de suprimir a raiva
➤ Sobre Monarquia, Democracia e Oligarquia
➤ Sobre o uso de carne
➤ Sobre os meios de conhecer o progresso que se faz na virtude
➤ Um filósofo deve, antes de tudo, conversar com os príncipes
➤ Vergonha

A produção literária registrada acima compõe-se de pequenos tratados filosóficos que versam sobre inúmeros assuntos, como política, moral, história e natureza humana; a obra **Da educação das crianças** (2008a, 2015) faz parte dessa coleção.

Silva (2006, p. 29) ressalta que esse tratado plutarquiano “[...] foi cunhado somente no início do século XIII por Máximo Planudes, quando o monge bizantino divisou os escritos filosóficos, religiosos e de costumes das biografias dos homens ilustres, retirando os textos incertos”.

Por conseguinte, a produção literária de Plutarco foi dividida desde a Idade Média, aderindo a um amplo conjunto de assuntos distintos, mas sem perder sua finalidade e caráter didático, que seria traçar ao indivíduo sugestões para questões éticas e morais, para que alcançasse o caminho da virtude.

As obras de Plutarco aqui apresentadas foram descritas entre os anos 68 e 117 d.C., em grande parte desenvolvida em sua velhice, e a obra **Da educação das Crianças** (2008a, 2015) foi uma delas. Contudo, a escrita de seus tratados ocorreu em grego, pois mesmo tendo contato com a cultura latina, Plutarco nunca conseguiu se dedicar a estudar profundamente o latim, em razão de seus múltiplos compromissos políticos (Reich, 2017).

Suas obras prescritas foram resultado de sua caminhada histórica, traçada em um período conturbado por guerras e mudanças políticas. Sua morte ocorreu no governo Adriano, por volta do ano 125 d.C. Vítima de uma enfermidade, faleceu cercado de amigos e familiares, com grande honra, homenagem, carinho e respeito.

Seu acervo literário influenciou autores ilustres desde a transição da Idade Média para a Idade Moderna, incluindo Erasmo de Roterdã (1466-1536), Comênio (1592-1670), Rousseau (1712-1778), William Shakespeare (1564-1616), Montaigne (1533-1592) e Thomas More (1478-1535). Seu tratado **Da Educação da Criança** também marcou, de modo significativo, manuais com preceitos para um processo educativo inovador.

2.2 CONCEITO DE CRIANÇA E JOVEM NO PERÍODO DE PLUTARCO

Nessa Seção, analisamos o conceito teórico de criança e jovem tratado por Plutarco na historicidade da Antiguidade grega. Dentro dessa perspectiva, compreendemos as dimensões históricas sobre a diferença da criança em relação ao adulto, concomitantemente a sua condição na sociedade.

A investigação possibilita compreender, no tratado moral **Da Educação das Crianças**, três dimensões para referir os conceitos de criança, adolescente e jovem, intituladas, por Plutarco, como *Vitae*³¹. Plutarco trouxe essa classificação para transpor o processo de desenvolvimento intelectual do homem nas fases da infância à juventude.

Apesar de Philippe Áries (1814-1984) afirmar que o conceito de infância, bem como suas características e etapas biológicas, de certa forma nunca permitiram que elas fossem compreendidas e valorizadas, principalmente na Idade Antiga e Idade Média.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente inúmeros e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (Ariès, 1978, p. 65).

O modelo didático-pedagógico apresentado por Plutarco em sua obra **Da Educação das Crianças** é o único tratado da Antiguidade que refere as etapas de vida do ser humano, tendo por objetivo desenvolver as potencialidades física e cognitiva de crianças e dos jovens.

Philippe Áries, procura indagar os períodos característicos que o homem transcorre, mas observamos que Plutarco direciona sua preocupação para dimensionar apenas os períodos peculiares nas fases de vida do ser humano antes de ele chegar à fase adulta, como o início da infância até se estender à juventude, sendo essas fases divididas em ciclos e períodos peculiares da Antiguidade grega.

Como aponta Marrou (1973, p. 164), “Hipócrates dividia a vida humana em oito períodos de sete anos e a educação clássica se detinha em três ciclos: o *παιδίον*, ‘criancinha’ (abaixo de sete anos); o *παῖς*, ‘criança’ (de sete a catorze anos); e *μειράκιον*, ‘adolescente’ (de catorze a vinte e um)”.

A classificação acima vai ao encontro dos estudos metodológicos que Soares (2011) menciona para designar o conceito de criança e de jovem. A autora deixa transparecer que os termos apresentam vocábulos gregos empregados por Plutarco para se referir à fase da infância e da juventude, como: “[...] *brephos*, *nepios*, *paidion*, *paidarion*, *pais*, *antipais*, *meirakion*, *neos*, *neanias*, *neaniskos*, *ephebos*” (Soares, 2011, p. 14).

³¹ De acordo com os estudos metodológicos de Soares (2011), Plutarco utiliza o termo *Vitae* para se referir à infância e à juventude, com o propósito de dimensionar as etapas de vida do ser humano antes de chegar à vida adulta.

Ainda nas palavras da autora, esses vocábulos gregos, na perspectiva dos estudos plutarquianos, tratam de uma mesma realidade, utilizando múltiplas palavras. A princípio, esses termos podem ser entendidos como³²:

1. **Brephos**, traduzido por bebê, criança no ventre da mãe, recém-nascido ou feto, bebê vinculado ainda à mãe;

2. **Nepios** apresenta um significado mais amplo, como criança pequena ou na tenra idade, caracteriza filhos pequenos, bebê de colo, que necessita de cuidados maternos;

3. **Paidion** trata-se da junção dos dois vocábulos anteriores, *brephos* e *nepios*, do diminutivo de *pais*. Sua definição remete à criança pequena, crianças de colo, que podem se pendurar no pescoço;

4. **Paidarion** define crianças mais velhas, com robustez física, bebê, recém-nascido, o pequeno, que veio ao mundo, a criança que uma mulher dá à luz, o *nascido* (*τὸ γεννηθέν*);

5. **Pais** remete aos indivíduos que se encontram na fase da infância e juventude: sua tradução é **filho de**, que não é homem adulto ainda (*ἄνθρωπος*). Esse termo se divide em três ciclos de vida: *pais* (criança), *aner* (homem adulto) e *geron* (velhice). Para Plutarco, o ser humano atinge o apogeu da perfeição quando o indivíduo passa pelo processo de *pais* a *aner*;

6. **Antipais** significa indivíduo que se encontra no liminar da meninice, que está deixando a fase de ser menino ou adolescente para entrar em um novo ciclo de vida (juventude);

7. **Meirakion** define o jovem, idade que corresponde à força física, em que inicia a carreira militar, por volta dos 17 anos. É a fase em que se encontra o apogeu das capacidades físicas. A partir dessa concepção, Plutarco apresentou o exemplo dos jovens: Augusto, em seus 20 anos, e Catão Censor, aos 17, definindo-os como *jovens varões* (*ἄνδρες*);

8. **Neos** também define o jovem, mas inexperiente. Seu significado contrapõe o *presbyteros* (ancião) para *geron* (velho). Todavia, Plutarco mencionou, sobre a vida de Demétrio, que mesmo sendo jovem, com 22 anos, comanda um exército contra um homem adulto;

³² Salientamos que Soares (2011) faz um levantamento metodológico para designar o conceito de criança e jovens, deixando transparecer que os termos apresentem um sentido unívoco, mas sem perder sua classificação.

9. *Neanias* é o diminutivo de *neaniskos*, sinônimo do vocábulo *filho*, designado para expressar *jovem*. Os termos remetem aos termos *neaniskoi* e *paides*, sofrendo duas interpretações. Entretanto, os vocábulos *neanias* e *neaniskos* também designam o contraste de *jovem ancião, presbyteros*;

10. *Ephebos*, termo que corresponde à fase imediata à infância, na qual os rapazes, por volta dos 17 ou 18 anos de idade, iniciam a preparação militar, que dura dois anos. Essa formação é conhecida pelo termo *ephebia*, em que os jovens passam para desempenhar suas funções como cidadão militares. O termo vai ao encontro do vocábulo *epheboi*, que significa aqueles que se preparam para o combate, como jovens soldados.

Os termos gregos aqui apresentados, extraídos da obra **Da educação das crianças** (2015, 2008a), são destinados a conceituar e a ajudar a identificar o real objetivo referencial que Plutarco caracterizava como a fase da infância e da juventude, bem como sua simplificação em ordem cronológica. Eles auxiliam a esclarecer que o historiador demonstra sua opção em que o sexo masculino é o protagonista nas especificações dos vocábulos gregos elencados acima, deixando as mulheres como as coadjuvantes. Porém, Plutarco cita nitidamente as referências da infância e da juventude do sexo feminino em outros escritos.

Podemos observar isso em duas de suas obras **Morais**, destinada a mulheres, dentre elas, como **Consolação para sua esposa** (2005a), em que registra suas condolências a sua amada esposa pela perda de sua filha; e em **As virtudes das mulheres** (2005b). Nessa última produção, Plutarco enaltece historicamente os feitos ilustres de mulheres, bem como sua coragem e as virtudes morais na vida pública e privada de seu tempo, além de destacá-las como essência para a constituição dos valores morais familiares.

Ainda sobre as questões do conceito de criança e jovem, em Soares (2011), encontramos outros termos gregos que a autora pesquisou, interligando as traduções em grego na obra **Da educação das crianças**, de Silva (2015) e de Pinheiro (2008a).

Neste estudo, organizamos e mapeamos o significado de criança e jovem em três dimensões. O primeiro corresponde aos vocábulos gregos trazidos por Soares (2011): *παίδιον* (*paidion*, plural *παῖδια*), e suas variantes *νέος* (*neos*), *νεανίας* (*neanias*) e *μειρακίον* (*meirakion*). O segundo fundamenta-se nas traduções de Silva (2015) e

Pinheiro (2015) para referências aos vocábulos gregos apresentados por Soares (2011). Mapeamos as legendas abaixo (Quadro 3)³³.

Quadro 3 – Traduções e vocábulos em grego da obra **Da educação das Crianças**

Vocábulos grego Soares (2011)	Traduções <i>Da educação das crianças</i>	
	Pinheiro (2008)	Silva (2015)
Παίδων Paidon	(1A) crianças	(1A) crianças
	(8E) crianças	(8E) crianças
	(9D) crianças	(9D) crianças
	(9D) crianças	(9D) crianças
	(9E) crianças	(9E) crianças
	(11D) crianças	(11D) crianças
	(11D) crianças	(11D) crianças
	(12A) crianças	(12A) crianças
	(12B) crianças	(12B) crianças
	(12B) crianças	(12B) crianças
	(13E) jovens	(13D) crianças
	(14C) juventude	(14C) crianças
	Παιδίων Paidion	(3F) crianças
Παιδιά Paidia	(3F) crianças	(3F) crianças
	(5A) crianças	(5A) crianças
	(9A) crianças	(9A) crianças
Παῖδας Paidas	(4C) filhos	(4C) filhos
	(4D) filhos	(4D) filhos
	(6D) crianças	(6D) crianças
	(6F) crianças	(6F) crianças
	(8C) crianças	(8C) crianças
	(8D) crianças	(8D) crianças
	(9B) crianças	(9B) crianças
	(11C) crianças	(11C) crianças
	(12D) crianças	(12D) crianças
(12F) crianças	(12F) crianças	
Παῖδ’ Paid	(3F) infância	(3F) infância
Παιδίους Paidiois	(3F) crianças	(3F) crianças
Παῖδες Prides	(9E) crianças	(9E) crianças
	(10A) crianças	(10A) crianças
Νέοις Neois	(4C) jovens	(4C) jovens
	(10B) jovens	(10B) jovens
Νεότης Neotes	(3E) crianças	(3E) crianças
	(13F) jovens	(13F) jovens
Νέους Neous	(13B) jovens	(13B) jovens
	(14B) jovens	(14B) jovens
Νέοι Neoi	(13D) jovens	(13D) jovens
Νεότητος Neotetos	(5B) juventude	(5B) juventude
	(13F) filhos	(13F) filhos
Νέων Neon	(8F) crianças	(8F) crianças
Νεανίσκῃ	(2A) jovem	(2A) jovem

³³ O quadro foi organizado com base nos estudos referenciais de Soares (2011), Silva (2015), Joaquim Pinheiro (2008) e Souza (2021) para mapear os conceitos teóricos de crianças e jovens. Essa comparação entre as obras possibilitará ao leitor compreender as significações dos vocábulos na Antiguidade clássica.

Neanske		
Νεανίσκου Neanskou	(10C) jovem	(10C) jovem
Μειρακίων Meirakion	(12A) juventude	(12A) juventude dos adolescentes
	(12A) jovens	(12A) adolescentes
	(12B) jovens	(12B) adolescentes
Μειρακίσκους Meir Akiskous	(12C) jovens	(12C) rapazes

Fonte: Plutarco (2008a; 2015), Soares (2011) e Souza (2021).

A partir dos conceitos relatados até o momento, consideramos que os termos gregos apresentados revelam os dois períodos de vida do homem, a infância e a juventude. Certamente é de difícil dimensão definir o conceito de criança e de jovem em Plutarco na Antiguidade, mas optamos por esclarecer, nesta seção, as diferenciações dessas etapas de vida em relação ao adulto e suas diversas ramificações.

2.3 O CONCEITO DE FAMÍLIA NO SÉCULO I d.C

A família é considerada a primeira organização social, pois é a partir dela que o indivíduo tem seu primeiro contato, sendo essa instituição a responsável por transmitir valores éticos, morais, socioculturais e afetivos para o desenvolvimento integral do ser humano. É nesse meio que o sujeito aprende a falar, a comunicar e comportar-se com o mundo externo e interno a sua volta.

O conceito de família no século I d.C., engloba um conjunto de pessoas unidas pelo alto grau de parentesco ou laços afetivos, sendo um sistema de organização celular ligado por crenças e valores morais, composto por pai, mãe e filhos.

Para reforçar os laços familiares formados historicamente, podemos citar Engels (1984), ao ressaltar que a origem etimológica de família vem do latim *famulus*, que significa escravo doméstico, sendo um conjunto de escravos pertencentes a um mesmo senhor ou chefe, constituído pelo patriarca, esposa, filhos e servos.

Quando falamos de família na Antiguidade, devemos considerar as culturas grega e romana como parâmetro inicial, pois ambas representaram influências históricas que, apesar das mudanças sofridas pelo desenvolvimento social, algumas questões podem ser relacionadas ao longo dos séculos.

Atualmente, existem países que seguem a mesma hierarquia familiar de gregos e latinos, com o marido sendo o comandante e o responsável pela mulher e pelos filhos; e outros que seguem o mesmo modelo, mas via sistema religioso, com base nos livros sagrados determinados por cada crença. Podemos especificar que a difusão dos costumes

culturais impostos pelo Império Romano à Grécia foi inevitável, e conseqüentemente motivaram o alargamento cultural do conceito de família e sua estruturação.

Disso decorre que a família greco-romana, no século I d.C., enquadrava-se no conceito patriarcal, pelo qual o homem tinha o poder das decisões políticas, religiosas, econômicas e sociais. Enquanto isso, a esposa, os filhos e todos os demais membros vinculados à instituição familiar estavam submetidas às decisões do senhor (marido) da casa. Na perspectiva de Cambi (1999, p. 80),

O papel da família na Antiguidade, na qual se caracteriza ora como família patriarcal, ampliada, coincidente com a *gens* ou *genos* (estirpe), como a definiram os latinos e os gregos, ora como relação pais-filhos, mas sempre segundo um modelo autoritário que vê o pai quase como *deus ex machina* da vida familiar. E da união das famílias, portanto, que nasce a comunidade social que dará vida à própria *pólis*.

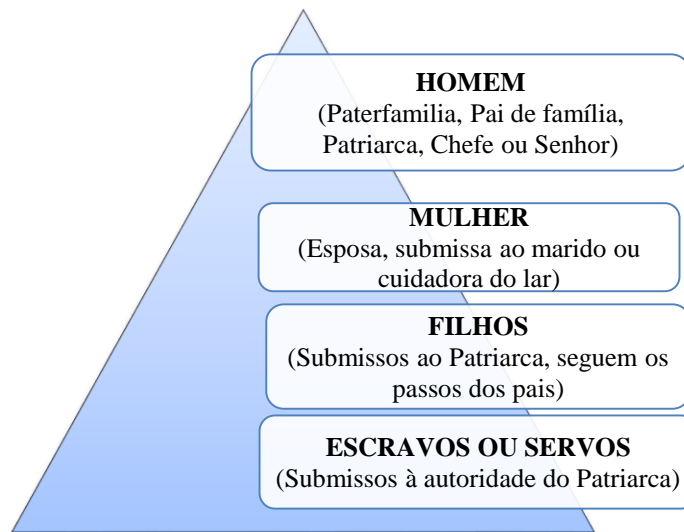
Com base na afirmação do autor, mesmo com os princípios culturais de gregos e romanos, relativos aos costumes tradicionais da época, o pai sempre era representado com a máxima autoridade, e toda a célula familiar lhe devia respeito. Aristóteles (1998, p. 91) simplifica bem esse conceito na Idade Antiga, ao ressaltar que

O pai e marido governa a mulher e os filhos, ambos como pessoas livres, mas não com a mesma forma de autoridade: governa a mulher como cidadão, os filhos como súbditos. O homem está, mais apto para mandar, por natureza, do que a sua mulher, a menos que a união de ambos contrarie de algum modo a natureza; do mesmo modo, o mais velho e mais desenvolvido está mais apto para mandar do que o mais novo e menos desenvolvido.

A princípio, notamos uma hierarquia de regras em que a família da Antiguidade deveria se estruturar. O filósofo explica a organização do casamento com base na cultura grega, ou talvez pelo domínio patriarcal exacerbado da época, em que o homem, por natureza, se tornaria o governante da casa, e a mulher e filhos tidos apresentando extrema submissão.

Entretanto, as famílias gregas e latinas inseriam-se em um mesmo contexto em relação à família, ao passo que essa constituição familiar só poderia ser sacramentada, tendo o casamento como ponto de partida. Portanto, somente haveria família caso houvesse casamento. Para detalhar esse segmento, vejamos abaixo a pirâmide familiar hierárquica greco-romana (Figura 4).

Figura 4 - Pirâmide hierárquica familiar de gregos e romanos



Fonte: a autora.

Isto posto, abordamos com mais detalhes a respeito de como se formavam as famílias gregas e romanas no século I d.C., de modo a compreender ambas as organizações sociais, por meio da família e do casamento.

As famílias na Grécia Antiga organizavam-se em ciclos de vida, com o nascimento, a infância, a adolescência, a idade adulta, a formação de família (casamento), a velhice e, finalmente, a morte. Um ciclo aparentemente natural para todo ser humano.

O nascimento de uma criança na Grécia envolvia um ritual religioso. Os recém-nascidos eram lavados com água; se fosse menino, eram apresentados a todos os familiares, e um ramo de oliveira era atado a eles. Nas meninas, por sua vez, era colocada uma linda fita de lã (Funari, 2002).

Além disso, as famílias nobres preparavam festas grandiosas para o recém-nascido. Os pobres naturalmente se alegravam apenas em dar o nome à criança. No percurso de suas vidas, as distinções entre homem e mulher eram alarmantes na Grécia Antiga. Funari (2002, p. 43) acrescenta, ainda, que

As mulheres gregas arrastadas viviam separadas dos homens em cômodos diferentes reservados a elas dentro da casa, chamados de gineceus, onde ficavam confinadas a maior parte do tempo. As mansões da elite eram divididas em duas partes, masculina e feminina. As meninas também pouco contato tinham com os meninos depois da primeira infância, como mandava a "boa educação". Elas tinham brinquedos que se referiam à vida que teriam como adultas, basicamente como mães e donas de casa, dedicadas à costura da lã, ao cuidado dos filhos e ao comando dos escravos domésticos. Os meninos brincavam de lutas, já antecipando sua entrada no exército. Quando chegavam à adolescência, as meninas participavam de cerimônias que

as preparavam para o casamento; as garotas de famílias com mais recursos podiam aprender também a tocar e dançar. Já os rapazes, começavam o treinamento para o serviço militar. A caça, para eles, era um treino para a guerra, assim como as competições esportivas de que participavam.

Desde a tenra idade, os meninos e as meninas dedicavam-se a trabalhos específicos, descritos de acordo com o sexo. As meninas, por exemplo, dedicavam-se desde cedo aos trabalhos domésticos, observando a própria mãe para aprender a maneira adequada³⁴ de desenvolver os afazeres, para se tornarem donas de casa. Outro aspecto importante, que chama atenção, diz respeito aos brinquedos, que possibilitavam à menina aprender sobre maternidade. O brincar não era apenas sinônimo de se divertir, mas uma preparação futura para a família e os filhos.

Diferentemente das meninas, os meninos, no decorrer de toda a infância e adolescência, dedicavam-se ao treinamento esportivo de guerra, conhecimento das letras e a como se comportar na vida pública e privada, principalmente as famílias da elite. Esse treinamento ocorria com ensinamentos do pai e auxílio de mestres.

Com efeito, podemos especificar que a posição da mulher na Grécia Antiga, no decorrer de sua vida, era secundária em diversos aspectos sociais, tanto na vida pública e quanto privada. O homem detinha toda a responsabilidade sobre a mulher. Acrescentamos, ainda, que o sexo feminino teria um único objetivo na sociedade grega, que era cumprir os deveres conjugais e procriar filhos saudáveis (Funari, 2002). O casamento-seria a principal ferramenta para isso.

No entanto, no livro **A República**, escrito por Platão, surgem diálogos entre Sócrates e Glauco sobre as relações sociais entre o homem e a mulher e suas respectivas capacidades. Nessa conversa, Sócrates posicionou-se da seguinte forma:

Se evidenciar que, ou o sexo masculino, ou feminino, é superior um ao outro no exercício de uma arte ou de qualquer outra ocupação, diremos que se deverá confiar essa função a um deles. Se, porém, se vir que a diferença consiste apenas no fato de a mulher dar à luz e o homem procriar, nem por isso diremos que está mais bem demonstrado que a mulher difere do homem em relação ao que dizemos, mas continuaremos a pensar que os nossos guardiões e as suas mulheres devem desempenhar as mesmas funções (Platão, 2001, p. 219).

Nessa conversa, podemos observar que Sócrates sensibilizou-se, ao destacar a mulher com múltiplas potencialidades e exercícios. Demonstrou, ainda, que ambos os

³⁴ Embora os textos plutarquianos utilizem o termo *correto* e suas variações, optamos por *adequado* e suas variantes, por considerarmos mais apropriado ao período em que vivemos.

sexos podem desempenhar as mesmas funções, seja intelectual ou outro tipo de habilidade. O filósofo ressaltava que há apenas uma diferença simbólica entre o homem e a mulher, de ordem biológica, a partir da qual o sexo feminino poderia procriar.

Outro critério importante da cultura grega seria o casamento de mulheres na puberdade, por volta dos 12 ou 13 anos de idade. O pai da noiva buscava um noivo que tivesse 30 anos de idade ou mais, que fosse experiente e conceituado em relação aos preceitos da cultura grega (Funari, 2002).

O casamento seguia alguns protocolos, e era designado por camada social. A elite, por exemplo, visava a conservar a herança e, para isso, carecia de filhos herdeiros. Na ausência deles, o próprio marido poderia pedir o divórcio. Em virtude disso, os noivos buscavam mulheres de aspecto saudável e capazes de gerar filhos perfeitos³⁵. Já em relação ao casamento entre servos, camponeses e artesãos, ele ocorria desde cedo, para a própria sobrevivência³⁶.

Em suma, na Grécia Antiga, o “[...] espaço familiar reina a mulher, como esposa e como mãe, mas socialmente invisível e subalterna, dedicada aos trabalhos domésticos e à criação dos filhos” (Cambi, 1999, p. 80).

Partindo do pressuposto, no Império Romano, no que diz respeito à distinção referente à mulher, o casamento e a constituição familiar enquadravam-se no mesmo aspecto social da Grécia Antiga, tendo apenas algumas diferenciações em decorrência da cultura religiosa; mas seguiam a mesma formalidade.

O homem romano também era considerado o *pater familias* de sua casa: tudo estava sob seu poder, tendo o direito de comandar a esposa, os filhos, os escravos e seus bens da maneira que desejasse. Sua influência tinha tamanho domínio formal que, mesmo após o casamento dos filhos, eles continuavam sob seu domínio.

Dessa forma, Marrou (1973) ressalta que a formação da família romana se centrava em plena autoridade e soberania do marido da casa, e toda célula familiar girava em torno dele. Para os romanos, a família era o único ponto de partida para formar a criança com princípios morais.

³⁵ “[...] os maridos gregos procuravam nas mulheres a perfeição física, ou seja, a ausência de defeitos e, em seguida, uma robustez que permitisse antever bons partos” (Funari, 2002, p. 44).

³⁶ Segundo Funari (2002), não é de hoje que as diferenças sociais são tão profundas que pobres e ricos vivem em mundos separados, mesmo em uma mesma sociedade. O casamento, na Grécia Antiga, reproduzia a diferença entre ricos e pobres. Estes últimos, camponeses ou artesãos, tinham que trabalhar para sobreviver e casavam-se cedo. Já os abastados casavam-se mais tarde, em geral o noivo servia ao exército por certo tempo antes de se casar.

Salientamos, ainda, que o casamento, tanto entre os filhos romanos quanto na Grécia Antiga, seguia os mesmos protocolos. Como indica Funari (2002), o noivo deveria ser um homem experiente, acima de trinta anos de idade; enquanto a noiva deveria ter entre doze e dezoito anos. Para o casamento, elaborava-se um contrato de matrimônio entre ambas as partes, como requisito à união selada entre as famílias.

Nesse contrato, o pai da noiva oferecia uma parte do dote e, em seguida, o ritual da cerimônia iniciava, com a assinatura do registro de casamento perante as testemunhas, com festas e sacrifícios aos deuses, por meio de rezas e banquetes³⁷.

Com o casamento selado, as mulheres romanas já tinham por objetivo gerar filhos herdeiros para o incremento da linhagem familiar. O nascimento de uma criança ocorria em casa, e a amamentação poderia ser feita por uma escrava considerada ama de leite. O pai poderia, ainda, ter o direito de aceitar ou não o filho, caso ele nascesse com problemas físicos ou não fosse de seu agrado.

O casamento da elite era apenas para cumprir as burocracias e as leis formais, como o dever de ter filhos legítimos para transmitir o patrimônio, além de ser o referencial para se tornar um cidadão com virtudes morais e cívicas. O casamento entre as famílias mais pobres, por sua vez, não seguia lei alguma: eles tão somente se casavam para ter filhos para ajudar no trabalho. Os filhos ajudavam seus pais no sustento da casa desde cedo, isto é, para sua própria sobrevivência³⁸.

Quanto ao divórcio, naquele período de expansão romana, os homens se mantinham fiéis apenas à aristocracia. Para Eyler (2014, p. 164), “[...] os ‘novos homens’ que abalavam a tradição de austeridade dos primórdios da República [...] procuravam luxo e requinte e a vida familiar vulgarizava-se com adultérios e divórcios”.

A autoridade do homem sobre a mulher possibilitava que eles vivenciassem experiências insensatas, pois tudo orbitava suas decisões e vontades. No entanto, na perspectiva de Plutarco, o casamento romano deveria seguir outros parâmetros para uma união sólida, como o amor e valores morais entre o homem e a mulher, e não apenas em torno de patrimônio familiar. Plutarco (2005b, p. 34) ressalta que

³⁷ Barros (2022) ressalta que os rituais do casamento romano tinham duas dimensões. A primeira, que a noiva saía da autoridade do pai para a do marido, mas com o tempo houve mudanças jurídicas, em que a mulher continua, mesmo que casada, sob a autoridade do pai, para que ele exercesse poder sobre o seu dote e respectivo patrimônio.

³⁸ “A maioria dos romanos, na verdade, era pobre e suas famílias eram bem diferentes. Os humildes casavam-se, não por arranjos de família, mas para poderem se ajudar no trabalho [...] Desde cedo, os filhos tinham que ajudar os pais no ganha-pão e aprendiam a ler e escrever com os pais e com professores também pobres, escravos ou libertos” (Funari, 2002, p. 101-102).

Os casamentos feitos por amor representam uma unidade primitiva e inseparável; as feitas com vistas a dote ou filhos representam as partes que foram unidas; finalmente, os casamentos em que se dorme apenas sob o mesmo teto, casamentos dos quais se poderia dizer que os cônjuges vivem mas não vivem juntos, esses casamentos, digo, representam os corpos compostos por partes distintas. Ouro, tal como os físicos dizem que os líquidos se misturam através de todas as suas moléculas, dois cônjuges devem igualmente fundir-se um com o outro e através dos seus corpos, e através da sua riqueza, e através dos seus amigos e parentes. Com efeito, o legislador romano proíbe os cônjuges de fazerem doações mútuas, não para os impedir de receberem alguma coisa um do outro, mas para que considerem tudo o que têm como algo comum entre eles.

Vale ressaltar que, mesmo Plutarco tendo vivido em plena época de denominação romana sobre os territórios gregos, ele sempre buscou mostrar, em seus escritos, uma forma de divulgar sua cultura aos romanos, principalmente com base nos princípios familiares e da formação inicial de crianças.

É oportuno lembrar que esses princípios morais entre a criança e o seio familiar, conforme mencionado por Plutarco (2005b), merece destaque na cultura romana. Os romanos acreditavam que a fase da infância tinha muita relevância, principalmente com relação ao brincar. Brinquedos como bonecas, animais e carros em miniatura tinham por finalidade desenvolver a maturidade da criança ao longo de sua vida (Marrou, 1973). Os brinquedos tinham muita importância, e quando os filhos se casavam, esses objetos eram dedicados aos deuses da família dos noivos, para que sua meninice fosse abençoada.

Le Goff (2005, p. 19) acrescenta que “nenhum povo foi mais conservador que o romano”. Todavia, a família romana era considerada conservadora, pois buscava estabelecer uma educação totalmente de influência paterna, algo descrito como relevante, na época. Enquanto na Grécia as crianças estavam sob o direcionamento da mãe até os sete anos, em Roma, era atribuição do pai³⁹.

Em resumo, podemos compreender que o conceito de família, na Antiguidade greco-romana, fundamentava-se na independência do homem, que detinha todo o poder nas relações políticas e sociais, e tudo estava sob seu domínio. A mulher, desde seu nascimento, enquadrava-se na extrema obediência ao pai, e em seguida, ao marido: suas vontades e desejos estavam a critério do *pater familia*, isto é, primeiro de seu pai; depois, do seu cônjuge. Contudo, tanto gregos como romanos acreditavam que a base para uma sociedade, com princípios diversos para o cidadão, enquadrava-se em um seio familiar

³⁹ Marrou (1973, p. 362) menciona que “[...] nada é mais característico da pedagogia romana: o pai é considerado como o verdadeiro educador; mais tarde, quando existirem mestres a ação destes será sempre considerada como mais ou menos assimilável à influência paterna”.

estruturado, com filhos saudáveis e legítimos, e essa responsabilidade, em parte, recaía sobre a mulher.

2.4 O CONCEITO EDUCACIONAL DO PERÍODO

Nesse momento, é relevante abordar o conceito educacional do período em que viveu Plutarco, sendo um dos aspectos importantes para as dimensões históricas sobre a formação do homem.

Plutarco viveu em um período caótico, de transição do período arcaico grego e época clássica romana, com transformações políticas, sociais e principalmente educacionais. O filósofo tornou-se conhecedor de boa parte dos escritos daquele período, sendo considerado herdeiro da tradição cultural do Império Romano e Grécia Antiga (Silva, 2006).

Nessa fase de grandes transformações, Roma sofreu fortíssimas influências dos gregos, conforme já pontuado, especialmente acerca do método educacional helenístico. O Império absorveu parte da cultura dos próprios adversários. A Grécia Antiga, ao ser dominada, tornou-se província dos romanos em 146 a.C. Porém, diante de guerras políticas, mudanças sociais, expansão dos comércios, empreendimentos e uma numerosa civilização, Roma precisou aprender a língua grega, o que possibilitou conhecerem toda a cultura helenística e suas tradições.

Como aponta Funari (2002, p. 125), os romanos “[...] passaram a estudar a língua e a Literatura grega, a conhecer a Filosofia, a importar obras de arte e professores gregos. Os romanos de posses passaram a conhecer o grego até melhor do que o latim [...]”.

Todavia, mesmo com as conquistas de Roma alicerçadas no século II a.C., os gregos conseguiram seguir com seus costumes e tradições por um longo período. Contudo, a língua oficial, como veículo de comunicação, ainda era romana, o que não motivou que boa parte dos gregos aprendessem a língua latina e a cultura do Império.

Na perspectiva de Marrou (1973, p. 377), “[...] os historiadores insistiram, e com toda razão, sobre as profundas transformações que esta invasão do helenismo acarretou para Roma: em nenhum domínio são mais notáveis que no da cultura do espírito e, por conseguinte da educação”.

Dessa maneira, o que mais chama atenção nesta historiografia é o fato de que, mesmo com o domínio e o poder absoluto de Roma sob a Grécia, os dominadores

acabaram se adaptando e se rendendo a todo culturalismo helenístico, principalmente no que tange à educação e formação do homem.

Para dispormos sobre o tema com mais notoriedade, vejamos no quadro 4, abaixo, a incorporação dos ensinamentos grego e romano, a partir dos quais foram desenvolvidas duas novas pedagogias educacionais:

Quadro 4 – O método de ensino grego e latino e sua difusão

A educação grega	A educação romana	Educação greco-romana
Formação integral (corpo e espírito); Ensino militar ou esportivo (educação física); Educação feita pelo seio familiar até a adolescência; Educação feita por preceptores na fase da juventude; Ensino da língua grega; Ensino das letras e cálculos; Ensino retórico e filosófico; Formação literária; Ensino à Paidéia; Educação artística; Poesias; Fábulas; e Medicina.	Educação familiar; Ensino como imitação; Ensino militar para jovens; Ensino da língua latina; e Método de educação prática.	Formação integral (corpo e espírito); Ensino como imitação; Ensino militar ou esportivo (educação física); Educação feita pelo seio familiar até a adolescência; Educação feita por preceptores na fase da juventude; Ensino da língua grega e latina; Ensino das letras e cálculos; Ensino retórico e filosófico; Ensino à Paidéia; Poesias; Fábulas; e Medicina.

Fonte: Funari (2002), Marrou (1973), Plutarco (2008a; 2015) e Werner (1994).

Essa nova *pedagogia* adotada pelos romanos foi introduzida em partes, deixando de lado apenas a educação artística, como literatura, dança, música ou qualquer outra formação como sinal de afeminação. Como aponta Funari (2002), os romanos seguiam o princípio de que os jovens deveriam ser educados para o desenvolvimento físico, pois a formação do exército romano era a base para a conquista e a manutenção dos domínios territoriais.

Dessa maneira, ao passo em que os romanos exploravam os territórios e as cidades-Estados da Grécia Antiga, descobriram integralmente, nas escolas gregas, o conhecimento e a eficácia da retórica para um jovem se tornar um bom político orador. Dominar a oratória era importante para os jovens gregos exercerem a vida pública na pólis.

Desde o tempo de Catão, o Censor (234-139), parece, surgiram os primeiros oradores latinos de formação grega, embora Cícero, melhor juiz do que nós, faça descer até M. Emílio Lépidio Porcina, cônsul em 137, a honra de haver sido o primeiro artista do verbo digno de ser comparado aos oradores áticos. Com a retórica e a formação literária que lhe servia de base, Roma, pouco a pouco, descobria todos os aspectos da cultura grega (Marrou, 1973, p. 378).

Desse modo, um dos pilares em torno da educação helenística, desde o início do século V a.C., foi a formação integral do corpo físico e intelectual. Os gregos acreditavam que esses ensinamentos deveriam seguir juntos para a preparação completa da alma e consciência do homem. O ensino da retórica, por exemplo, chamou a atenção dos romanos, por desenvolver habilidades sobre como falar em público, tornando-se um instrumento de poder político e filosófico.

Contudo, é necessário esclarecer que, antes da existência da escrita, o ensino era desenvolvido pelos próprios familiares, pois para os cidadãos gregos, saber ler e escrever ainda não tinha credibilidade⁴⁰. O surgimento das escolas gregas instaurou-se com o aparecimento das pólis, pelo auto índice de demanda educacional. Nesse período, muitos jovens procuravam essas escolas para se capacitarem intelectualmente, o que impulsionou os gregos a criarem o método de aprendizagem latente aos próprios interesses sociais.

Como esclarece Cambi (1999), Atenas, por exemplo, foi uma da cidade-Estado que se encontrava estabelecida, mas ainda não era digna de democratização, por atender jovens de família burguesa. Os menos favorecidos aprendiam um ensino básico para ser exercido no próprio cotidiano.

Enquanto os meninos ricos aprendiam a oratória, para que pudessem falar bem em público, os humildes estavam interessados em dominar um pouco da escrita e das contas. Meninos de posses aprendiam, desde muito cedo, o grego, que deviam falar e escrever perfeitamente, assim como escreviam um latim muito elaborado. Dominar a oratória era importante para os jovens da elite, pois se acreditava que toda a vida pública dependia da arte de defender, por meio das palavras, suas idéias [*sic*] e interesses, motivo pelo qual os romanos tanto valorizavam a arte da retórica. Já os outros meninos sabiam do grego apenas aquilo que era necessário para o dia-a-dia [*sic*] e falavam e escreviam um latim vulgar (Funari, 2002, p. 102).

Igualmente, o ensino da retórica era considerado uma arte para os gregos, pois além de proporcionar um bom desenvolvimento da locução na preparação de jovens, dominá-la era requisito central para se tornar um bom cidadão, com capacidade de discutir e defender suas ideias nas assembleias e províncias. Werner (1994, p. 1085) ressalta que

⁴⁰ “Além da educação familiar, a forma que primeiramente predominou na Grécia Antiga foi a ginástica e a música. Porque isso? Porque a escrita ainda não era utilizada como meio de aprendizagem. Quando surgiu, ela era reservada para outros fins, como o registro de acontecimentos importantes e épicos, por exemplo, as guerras. Por essa razão, mesmo entre os soberanos era comum o não saber ler e escrever” (Bittar, 2009, p. 18).

“a cultura retórica pode ensinar a penetrar nas “ideias” ou formas fundamentais de que todo o discurso se compõe”.

Como já mencionamos, a expressão lógica da retórica implica ter uma articulação perfeita, com verdades concretas. No entanto, também envolve o pensar bem para falar bem, por isso a retórica é considerada a arte de bem falar. A essência de um bom orador caracteriza-se primeiramente de dentro para fora, porque as ideias devem estar bem-organizadas para uma persuasão argumentativa, para o dom do convencimento.

Por essa razão, os jovens ficavam fascinados pela arte dos sofistas. Eles ensinavam a arte do discurso e o convencimento retórico, que serviam como base para exercerem essa arte em praça pública (ágora), sede da assembleia democrática (Platão, 2001).

Podemos ressaltar que os sofistas utilizavam esse caminho para induzir os jovens a suas próprias ideias; suas argumentações tinham destreza, pois sabiam discursar com eloquência e agradar os ouvidos da juventude. Contudo, foram criticados por Sócrates por suas condutas. O filósofo argumentava:

[...] és dos que pensam, como a maioria, que certos jovens são corrompidos pelos Sofistas, e que certos Sofistas corruptores são simples particulares, sem atingir um ponto digno de menção? Ou antes que esses mesmos que tal afirmam são os maiores Sofistas, para ensinar perfeitamente e modelar quantos quiserem, novos e velhos, homens e mulheres? (Platão, 2001, p. 279).

O cenário onde isso acontecia era a cidade-Estado de Atenas, uma das *pólis* de maior potência da Grécia Antiga, considerada uma democracia que florescia incessantemente, de maneira independente, pelas belas construções e desenvolvimento político, econômico e referência educacional⁴¹. Sócrates fazia críticas às políticas atenienses, principalmente ao relativismo sofístico em torno do conhecimento da retórica. Os escritos de Platão deixam clara a preocupação que Sócrates sentia em relação aos sofistas, por cobrarem por suas aulas, em troca do conhecimento transmitido aos jovens. O filósofo frequentemente lhes questionava, perguntando: o que é o valor, a justiça, a virtude? Em suas respostas, os sofistas caíam em controvérsia. As dúvidas lançadas aos

⁴¹ “Entretanto, é bom deixar bem claro que o regime democrático ateniense tinha os seus limites. Em Atenas, eram considerados cidadãos apenas os homens adultos (com mais de 18 anos de idade) nascidos de pai e mãe atenienses. Apenas pessoas com esses atributos podiam participar do governo democrático ateniense, o regime político do ‘povo soberano’. Os cidadãos tinham três direitos essenciais: liberdade individual, igualdade com relação aos outros cidadãos perante a lei e direito a falar na assembleia” (Funari, 2002, p. 36).

sofistas fizeram com que Sócrates fundasse seu próprio método de conhecimento (método socrático), partindo de questionamentos. Contudo, diante de diversas oposições, foi condenado à morte, pois afirmavam que os jovens estavam sendo corrompidos pela sua teoria. A princípio, é inerente afirmarmos que nem todos os Sofistas foram corruptores do conhecimento. Sobre isso, podemos destacar o seguinte excerto do diálogo de Sócrates com Adimanto:

Por conseguinte, essa natureza filosófica que postulamos, se, julgo eu, lhe deparar o gênero de ensino que lhe convém, é forçoso que, desenvolvendo-se, atingia toda a espécie de virtudes; se, porém, for semeada e plantada num terreno inconveniente e aí for criada no extremo oposto, a menos que se dê o caso de um deus qualquer vir em seu socorro. Ou também és dos que pensam, como a maioria, que certos jovens são corrompidos pelos Sofistas, e que certos Sofistas corruptores são simples particulares, sem atingir um ponto digno de menção? Ou antes que esses mesmos que tal afirmam são os maiores Sofistas, para ensinar perfeitamente e modelar quantos quiserem, novos e velhos, homens e mulheres (Platão, 2001, p. 279).

Nessa disputa entre o pensamento filosófico e retórico, que se iniciou entre os sofistas e o próprio Sócrates, de um lado, estava um ensino transmitido com o propósito de levar o homem a descobrir sua própria ignorância por meio do conhecimento obtido. De outro, havia um conhecimento raso, movido pelos próprios interesses pessoais, sem pensar na ordem coletiva.

Em outras palavras, ambas as correntes foram autênticas naquele período, e essas formas de pensamento transcenderam para além das cidades gregas. O conhecimento filosófico e retórico acabou se tornando uma unidade pertencente a outra. Os Sofistas, Sócrates, Platão, Aristóteles e outros foram a base para que essas correntes ultrapassassem a Idade Antiga, a Idade Média e chegasse até Contemporaneidade, pois ambas as correntes, tanto a socrática quanto a sofista, têm características políticas em relação ao bem-estar da pólis.

Marrou (1973, p. 378) acrescenta, ainda, que “a retórica e a filosofia representam a contribuição grega. O resto constituía o fundo próprio da verdadeira cultura latina”. Em suma, os gregos abriram caminho para que ambas as vertentes suplantassem até mesmo o ciclo de estudo dos romanos.

Dentro desse breve percurso histórico, versamos que a aristocracia romana adotou o ensino helenístico dos gregos. Isso diante de tamanha repercussão e muitas influências externas, principalmente em torno da família romana, que seria um dos pilares para a formação de um bom cidadão. Marrou (1973, p. 382) acrescenta que “as famílias

romanas, preocupadas em assegurar a seus filhos a mais completa educação, nada poupavam para proporcionar-lhe a melhor formação grega”.

Como consequência, tais influências fizeram com que o Império Romano organizasse uma nova metodologia, dentro de um ciclo de estudo, de acordo com a faixa etária de cada indivíduo. Para isso, foram estabelecidas disciplinas greco-romanas, como a instrução das letras (latina e grega), dos cálculos, da ginástica (esporte e preparo militar), da música, da retórica, das fábulas, das poesias, da filosofia, da Paidéia e Medicina, como apontam Funari (2002) e Marrou (1973).

Segundo Plutarco (2015), o ensino era desenvolvido, no início, pela família, e posteriormente, aos sete anos de idade, o jovem ficava a cargo da formação desenvolvida por preceptores.

Essa seria uma formação adicional para chegar à formação integral. Em resumo, a educação ocorria de maneira parcialmente grega, parcialmente romana, mas tendo um único objetivo: o de ensinar o homem no caminho da retidão por meio do conhecimento para viver como cidadão na pólis.

No entanto, essa formação educacional acabou se tornando integralmente grega, pois “em busca de uma formação grega completa, os jovens romanos não se contentarão mais com professores que podem encontrar em Roma ou atrair a Roma, mas irão completá-la na Grécia, onde poderão fazer os mesmos estudos que os gregos de nascimento” (Marrou, 1973, p. 383).

Na incorporação do ensino helenístico pelo Império Romano, os jovens romanos viram-se fascinados para aprender outros fundamentos adicionais para um melhor empenho profissional, que apenas os gregos poderiam proporcionar.

Tais afirmações corroboram a ideia de que a incorporação da educação romana teve fortes influências de Plutarco. Embora sendo grego e estrangeiro, o autor construiu toda sua formação dentro dos preceitos da educação grega: em física, matemática, retórica, medicina, ciências naturais, filosofia e literatura grega e latina (Silva, 2006).

Essa formação possibilitou a Plutarco levar aos romanos toda sua vasta cultura, preservando-a dentro de um território que se encontrava em fase de domínio e poder. Ele conseguiu alcançar graça aos olhos dos romanos, tendo a possibilidade de proferir diversas palestras ao Império, algo que não seria possível antes de passar pelas leis severas de Roma.

A maioria dos habitantes do mundo romano era formada de homens livres. Entretanto, enquanto duraram as conquistas, o número de

escravos não cessou de aumentar. Havia provavelmente vários milhões deles no Império em seu conjunto, nos séculos I e II d.C.

Em Roma, com o crescimento do Império, os libertos passaram a ter uma situação à parte, pois alguns deles tornaram-se funcionários públicos e atingiram os mais altos postos do Estado. Outros enriqueceram-se no comércio, de modo que alguns libertos chegaram a participar da aristocracia, ainda que não tivessem certos direitos, como a possibilidade de serem eleitos para algum cargo. Durante os séculos I e II d.C., os imperadores ampliaram o direito de cidadania romana a muitos provincianos: aqueles que serviam no exército tornavam-se cidadãos romanos após ficarem liberados do serviço militar (Funari, 2002, p. 95).

Consideramos importante ressaltar que, do excerto acima, Funari (2002) pontua a condição dos estrangeiros, que mesmo alcançando direitos de um homem livre e atingissem altos postos do Estado, ainda assim estavam sujeitos ao comando do Império Romano.

Contudo, ao conhecerem Plutarco, “[...] a notoriedade com suas conferências, propiciou-lhe a aproximação com os romanos politicamente mais influentes como Mestrio Floro. Este fora o responsável pela concessão da cidadania romana a Plutarco [...]” (Silva, 2006, p. 27).

A partir de então, podemos ressaltar que, tendo Plutarco se inserido no meio romano e sido considerado cidadão, ele tornou-se conhecedor das obras escritas entre o período arcaico e a época clássica romana, o que permitiu que o autor obtivesse experiência no mundo greco-romano. Tal conhecimento permitiu-lhe produzir a história de romanos com relação aos gregos em sua obra completa **Vidas Paralelas**.

Naquele período, Plutarco obteve a honra de se tornar procurador, embaixador e procônsul da Acaia, no governo Trajano, recebendo honras e créditos por sua sabedoria e composição de seus escritos (Silva, 2006).

Logo, é possível afirmar que a educação na Antiguidade greco-romano iniciou não apenas pela geração de Plutarco em seus escritos, mas de Sócrates, Platão, Aristóteles e Alexandre, o Grande⁴², e que ela atingiu seu apogeu de forma clássica e categórica.

Sendo assim, a próxima seção detalha o ensino descrito por Plutarco, sobre as fases da formação do homem, para esclarecermos como o ensino grego influenciou os

⁴² “Mesmo que a Grécia tenha sido dominada, não podemos falar em destruição da civilização grega. O próprio Alexandre teve como mestre o filósofo Aristóteles e amava a cultura grega. Após a morte precoce de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., o império se fragmentou, e por volta dos séculos II e I a.C. os romanos não só se apropriaram desses territórios, mas assimilaram as expressões culturais da civilização grega. A fusão da tradição grega com a oriental, resultante das conquistas alexandrinas, deu origem ao que se chama *cultura helenística*” (Aranha, 2006, p. 80).

romanos de maneira abrangente, não tendo estagnado apenas em seu período, mas se propagado ao longo dos séculos.

3 O MODELO PEDAGÓGICO ATRIBUÍDO A PLUTARCO PARA A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS

Na seção anterior, ficaram evidentes as imensas transformações sociais que o século I d.C. acarretou historicamente na vida de Plutarco. O domínio do Império Romano sobre a Grécia e as conquistas dos territórios vizinhos, marcadas por mudanças de inúmeros governantes, permitiram que o autor descrevesse um vasto acervo bibliográfico sobre gregos, romanos e outras variedades de assuntos, como política, história, filosofia, literatura, dentre outros, que permitiu registrar e salvar a cultura grega do esquecimento⁴³.

Ainda se observou que estudar o pensamento de Plutarco significa aproximar-se de um pedaço significativo do patrimônio histórico-cultural. Considerado historiador, Plutarco estudou grandes acontecimentos, o que possibilitou conhecermos a historiografia do espaço e tempo geograficamente apresentado por ele no período greco-romano.

As obras intituladas **Vidas Paralelas** e **Obras Morais e de Costumes**, descritas anteriormente neste estudo, apresentam uma diversidade de temas que dizem respeito à passagem da Época Clássica para a Época Helenística. Portanto, como apontam historiadores de seus tratados, para conhecer-te profundamente, basta estudar seus próprios escritos.

Sendo assim, como foi destacado na seção anterior, as influências desse autor foram propícias para que os próprios romanos levassem a adotar a cultura grega, principalmente no que tange à educação helênica, que chamou atenção dos latinos por se tratar de uma educação que visava à formação integral do corpo e da mente do indivíduo.

Em outras palavras, a educação grega ultrapassou e influenciou barreiras socioculturais do Império Romano e se estendeu por períodos posteriores. Na perspectiva de Brandão (2007, p. 53),

A educação do conquistador invade, com armas mais poderosas do que a espada, a vida e a cultura dos conquistados. A educação que serve, longe da Pátria, aos filhos dos soldados e funcionários romanos sediados entre os povos vencidos, serve também para impor sobre eles a vontade e a visão de mundo do dominador. Plutarco descreveu como Roma usou a educação para "domar" os espanhóis dominados: *“As armas não tinham conseguido submetê-los a não ser parcialmente; foi a educação que os domou”*.

⁴³ Como destaca Reich (2017, p. 15), “Historiadores e estudiosos altamente autorizados muitas vezes reconhecem que em grande parte do conhecimento geral sobre fatos e personagens da Grécia e Roma Antiga é influenciada pela mediação e visão de Plutarco”.

Em complemento, passamos *aos preceitos da educação grega*, tema que permite compreender como a periodização da história da Grécia Antiga se constituiu, até desenvolver um ensino sólido e perspicaz para a formação integral do homem. Para tanto, destacam-se pensadores e filósofos que ajudaram historicamente o currículo de ensino grego.

A seguir, apresentamos uma análise metodológica da obra **Da Educação das Crianças**, propondo uma abordagem didática sobre a importância desse tratado na antiguidade, que se estendeu desde os tempos mais remotos, bem como seu objetivo. Sendo uma obra traduzida em grego, utilizamos duas edições, a primeira disponível via online, traduzida por Joaquim Pinheiro (2008a); e outra impressa traduzida por Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015), a qual utilizaremos com mais frequência.

Em seguida, apresentamos um projeto metodologicamente pedagógico embasado no tratado **Da Educação das Crianças**, destinado à formação educacional de crianças e jovens em suas diferentes fases de vida. É importante lembrar que, com seu vasto conhecimento como escritor, historiador, filósofo, pedagogo moral, além de outras titulações, o autor produziu essa obra de cunho moralista por sua preocupação com a educação e a formação moral inicial de crianças e jovens, os futuros cidadãos que governariam os impérios ou províncias de sua época.

Nesse tratado, Plutarco (2015) descreve o método de educação grega, destinado aos indivíduos nas fases mencionadas, pois segundo ele, são almas delicadas que absorvem com nitidez o pudor dos ensinamentos propostos.

O filósofo acreditava que o ensino da cultura grega era o mais completo, integrado e eficiente, a tal ponto de enfrentar as dimensões políticas e sociais para que o ensino helenístico se tornasse universal dentro dos territórios dominados por Roma.

Os estudos teóricos e bibliográfico dessa obra proporcionou organizar um projeto educacional, com base na pedagogia, grega atribuída ao próprio Plutarco, para a formação educacional de crianças e jovens, objeto central de nossa pesquisa.

O projeto envolve dois sujeitos responsáveis por educar e formar a natureza humana com princípios éticos e morais: os pais, que necessitam se preocupar com a formação de seus filhos desde a primeira infância, sem negligenciá-los, a fim de não haver resultados insatisfatórios na fase adulta; e os professores ou mestres de ensino, que são encarregados de desenvolver, em parte, o processo de ensino e aprendizagem, de acordo com os preceitos da educação grega. Tais preceitos abarcam um ciclo de estudo

direcionado por faixa etária de cada indivíduo, compreendendo *a instrução das letras, da música, da ginástica, da retórica, das fábulas, das poesias e da filosofia*.

Entretanto, se torna especificamente legível, que em alguns momentos Plutarco, se direcionara aos professores, como mestres de ensino, pedagogos ou preceptores, o qual são os responsáveis de ensinar toda educação grega como é destacado no parágrafo acima.

Dessa maneira, a principal finalidade desse projeto, de perspectiva plutarquiana, é mostrar ao leitor uma forma adequada de educar e instruir o sujeito, para que ele seja direcionado com retidão ao caminho da virtude. Contudo, faz-se necessário que essa formação educacional perpassa as diferentes fases de vida, tendo a base familiar e educacional nesse processo de ensino e aprendizagem, para que a educação esteja o mais próximo possível da perfeição.

3.1 OS PRECEITOS DA EDUCAÇÃO GREGA EM PLUTARCO

Nesta subseção, detalhamos como se compõe a educação grega descrita por Plutarco em sua obra **Da Educação das Crianças**, destacando a formação do autor, que lhe possibilitou escrever esse tratado destinado à educação de crianças e jovens, além de inúmeras outras obras.

Iniciamos pelos preceitos da educação grega, com base nos períodos históricos da Grécia Antiga, para uma organização cronológica da educação grega antes dos domínios romanos, citando pensadores que marcaram os referidos períodos. A princípio, tecemos breves considerações históricas sobre como o ensino helenístico se desenvolveu dentro dos cinco períodos divididos da Grécia Antiga.

Cambi (1999), Funari (2002) e Marrou (1973) ressaltam a periodização da história da Grécia antiga:

- Civilização Micênica (século XX a XII a.C.);
- Tempos Homéricos (século XII a VII a.C.);
- Período Arcaico (século VIII a VI a.C.);
- Período Clássico (século V a IV a.C.); e
- Período Helenístico (século III a II a.C.).

A reflexão sobre esses períodos dentro das divisões da história propiciará uma análise teórica mais abrangente sobre como se compõe o currículo de ensino helênico, que valoriza as habilidades de desenvolvimento da aptidão física e intelectual do homem. Dessa maneira, destacamos os períodos a seguir:

Civilização micênica (século XX a XII a.C.): Seu apogeu ocorreu entre 1500 e 1150 a.C., sendo considerada uma civilização com a economia subsidiada pelo Estado. Na vida rural, comercial e industrial, seus registros eram por meio da escrita Linear (Funari, 2002).

Essa civilização desenvolveu-se socialmente, espalhando-se para a Grécia Antiga e outros territórios do Mediterrâneo. Sua cultura chegou à Península Itálica, Sardenha, Mediterrâneo Oriental e Egito.

Com a expansão dos micênicos a outros territórios, os povos aqueus também se incluíram, e naquele momento, a figura de guerreiro contraiu tamanha importância, que se desenvolveu a aristocracia militar, algo de total importância para a educação dos jovens (Marrou, 1973). A Grécia Antiga valorizava extremamente esse ensino, denominado ginástica, um esporte que envolvia todo o treinamento esportivo do corpo.

Ainda no texto da autora, destacamos a invasão dos bárbaros dórios, no final do segundo milênio. Os dórios eram guerreiros militares, que ocuparam Peloponeso e Creta. Na perspectiva de Funari (2002, p. 19), “uma das consequências das invasões dórias teria sido a destruição quase total da civilização micênica. No período de um século, as criações orgulhosas dos arquitetos aqueus, os palácios e as cidadelas, transformaram-se em ruínas”.

Os dórios apossaram-se culturalmente dos micênicos, especialmente a metalúrgica de ferro, a cerâmica e decorações com símbolos geométricos. Suas ocupações possibilitaram a divisão de terras e, conseqüentemente, a submissão dos povos conquistados à escravidão.

Uma das características dos micênicos era a língua grega. Sua divindade espiritual, de acordo com estudos arqueológicos e historiográficos, Posídon era o principal deus. A parte administrativa fundamentava-se em ideogramas e sinas silábicos, e considerava o pensamento mítico como fonte de toda divindade e sobre as ações do homem, como aponta Funari (2002).

Outro ponto importante, mas incerto, refere-se ao período exato das origens dos escravos. No entanto, nesse contexto, os escravos já estavam presentes na civilização micênica, e havia homens livres e não livres, dependendo da posição social que ocupavam.

O mundo micênico desapareceu no século XI a.C., gradativamente, sem que se saiba o que ocorreu. Os palácios deixaram de ser usados, assim como a escrita, até que uma nova civilização, sem palácios, viesse a surgir (Funari, 2002, p. 18).

Tempos homéricos (século XII a VII a.C.): Como o próprio nome informa, foi o período em que teria vivido Homero, poeta que escreveu as epopeias *Ilíada* e *Odisseia*. Não se sabe ao certo os anos que viveu, tampouco há registro concreto sobre sua origem. Alguns estudiosos ressaltam que talvez ele nem tenha existido; outros que sua existência teria sido no fim do século VIII a.C. ou início do século VII a.C.⁴⁴

Os poemas homéricos são descritos como referenciais para a educação grega. Seu primeiro poema, *Ilíada*, é composto por 15 mil versos, que relatam a primeira Guerra de Troia em forma de cantos, sendo considerado um poema militar, com grandes batalhas de heróis guerreiros e deuses⁴⁵. O segundo poema, *Odisseia*, como é considerado uma obra-prima, são versos denotam representatividade, paz, romance e ensinamentos. Werner (1994, p. 65-66) destaca a importância desse poeta e seus versos ao povo grego:

O fato de Homero, o primeiro que entra na história da poesia grega, ter-se tornado o mestre da humanidade inteira demonstra a capacidade única do povo grego para chegar ao conhecimento e à formulação daquilo que une e move todos nós. Homero é o representante da cultura grega primitiva. Já apreciamos o seu valor como “fonte” do nosso conhecimento histórico da sociedade grega mais antiga.

A poesia homérica tornou-se o ponto de partida para o desenvolvimento pedagógico do ensino grego, no intuito de educar a alma do homem pelos seus versos e efeito moral. Seus textos demonstram-se o centro de estudos para a literatura grega. Platão (2004), por exemplo, considerava Homero o educador da Grécia, bem como o príncipe da poesia.

Outro poeta desse período foi Hesíodo, com sua obra poética *Os Trabalhos e os Dias*, sendo considerado pelos gregos o segundo poeta ao lado de Homero⁴⁶. “Hesíodo viveu na Beócia, provavelmente no final do séc. VIII ou começo do séc. VII a. C., quando escreveu este poema dirigido ao seu irmão Perses [...] com quem o poeta estava tendo um litígio a propósito da divisão das terras e dos bens herdado do pai” (Hesíodo, 1996, p. 15).

⁴⁴ “Os gregos acreditavam que a *Ilíada* e a *Odisseia* haviam sido escritas por um único poeta, a quem chamavam de Homero. Nada se sabe a respeito de sua vida. Embora sete cidades gregas reivindicuem a honra de ser sua terra natal, segundo a tradição antiga ele era oriundo da região da Jônia, no Egeu oriental. Tampouco há registros de sua data de nascimento, ainda que a maioria dos estudiosos modernos situe a criação da *Ilíada* e da *Odisseia* em fins do século VIII a.C. ou início do século VII a.C.” (Homero, 1950, p. 2).

⁴⁵ “A *Ilíada* é a primeira obra da literatura ocidental, um poema épico de 15 mil versos composto por volta de 700 a.C., assim intitulado por relatar um incidente ocorrido durante o cerco dos gregos (denominados ‘aqueus’, ‘argivos’ e ‘dânaos’ por Homero) a Ílion, uma cidadezinha na região de Troia (no noroeste da atual Turquia). Sua narrativa é estruturada em subdivisões denominadas cantos” (Homero, 1950, p. 7).

⁴⁶ De acordo com (Werner, 1994, p. 85), “Os Gregos colocaram ao lado de Homero, como seu segundo poeta, o beócio Hesíodo. Nele se revela uma esfera social totalmente diversa do mundo e cultura dos nobres”.

Curiosamente, a importância desses poetas teve tamanha repercussão, que se estendeu até o século I d.C. Plutarco, utilizava ambos os poemas em seus escritos, tendo como perspectiva a educação dos jovens, por se tratar de um conteúdo propedêutico. Como característica dessas epopeias,

Homero acentua, com a maior nitidez, que toda a educação tem o seu ponto de partida na formação de um tipo humano nobre, o qual nasce do cultivo das qualidades próprias dos senhores e dos heróis. Em Hesíodo revela-se a segunda fonte da cultura: o valor do trabalho. O título de *Os trabalhos e os Dias*, dado pela posterioridade ao poema rústico didático de Hesíodo, exprime perfeitamente (Werner, 1994, p. 85).

Nesse sentido, observamos que em ambos os poemas há duas características para a formação do homem: o heroísmo, com a figura de guerreiro e a importância do trabalho com a terra. Os gregos priorizavam o trabalho no campo e a disciplina de seus concidadãos, por ser um território agrícola. Por isso, Hesíodo (1996) ressalta, em seu poema, a vida no campo, permitindo perceber a situação do campo em seu tempo.

Em resumo, podemos considerar que a poesia detinha o papel significativo para a formação do homem, por valorizar o ideal heroico e influenciá-lo a defender sua pólis com retidão e justiça.

Período arcaico (século VIII a VI a.C.): Esse período foi um marco para grandes conquistas, como o desenvolvimento da escrita, a formação das cidades-estados (pólis) e o surgimento de grandes filósofos, seguido por grandes transformações políticas e sociais. (Cambi, 1999).

Cronologicamente, torna-se notório exemplificarmos que o aparecimento da escrita surgiu com os sumérios, por volta de 3500 a.C., chamada de escrita cuneiforme, ou seja, escrita desenvolvida por meio de placas de barros. Em seguida, aperfeiçoou-se com os fenícios, inventores do alfabeto de 22 letras, com apenas consoantes. Foi uma nova escrita com característica fonética (Chaffe, 2006).

Posteriormente, os gregos transformaram algumas das consoantes fenícias em vogais. Acrescentaram novos caracteres e a escrita fenícia fazia-se da direita para a esquerda (Chaffe, 2006, p. 9).

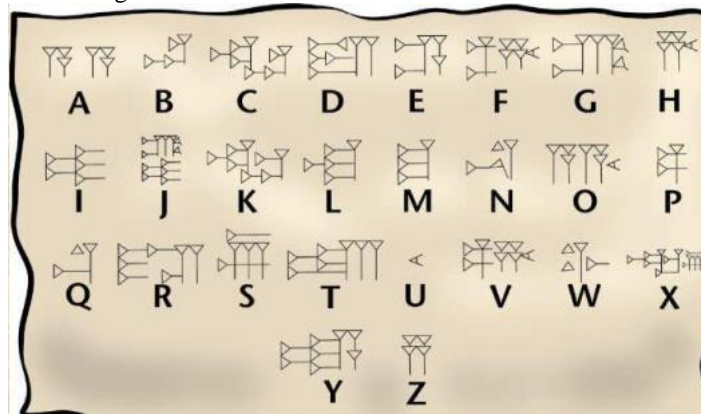
Simultaneamente, em suas primeiras aparições o sistema de escrita surge pela necessidade do ser humano de comunicar-se e registrar suas ideias, preservando-as ao longo do tempo. Sendo assim, versamos os primeiros registros escritos:

Figura 6: Placa com escrita cuneiforme suméria, usada para registro comercial



Fonte: Lyons (2011, p. 16).

Figura 7: Escrita Cuneiforme - Suméria



Fonte: Chaffe (2006, p. 7).

Figura 8: Alfabeto consonantal fenício, grego clássico e atual



Fonte: Domínio Público.

Com a escrita aperfeiçoou-se o desenvolvimento do conhecimento que, aos poucos, foi estruturando-se, com a passagem do pensamento mítico para o racional. A

estabilidade do conhecimento científico foi propícia para que pensadores instaurassem novas ideias no campo da Filosofia, que veremos adiante.

A invenção da moeda também foi um marco histórico nesse contexto. Com o desenvolvimento do comércio (marítimo, artesanal e produção de armamento), o uso da moeda tornou-se um artifício de mediação das trocas comerciais, possibilitando a instauração das cidades-estados (pólis)⁴⁷. Saliente-se, ainda, que as cidades-estados dentro de sua organização política, social e educacional, tiveram como referências Atenas⁴⁸ e Esparta⁴⁹. Atenas era um protótipo de democracia, em que os cidadãos detinham o poder de participar das decisões públicas, e segundo a organização de suas leis⁵⁰, valorizavam como ensino a formação intelectual do homem. Já Esparta era considerada uma aristocracia militar, visava à educação com atividades guerreiras, e o treinamento militar era considerado um dos pilares para a formação do homem.

A democracia ateniense foi progressista para que outras pólis gregas adotassem esse regime, o que contribuiu o aparecimento dos primeiros filósofos. Dentre eles, merecem destaque Tales e Pitágoras, que foram responsáveis pelo desenvolvimento da Física, da Matemática e da Geometria (Eyler, 2014).

O surgimento dos filósofos fomentou a edificação inicial da Filosofia, o que caracterizou a discussão de determinada realidade, pois antes utilizava-se o mito, uma narrativa que buscava explicar o fenômeno sobrenatural das coisas, considerando ideias abstratas construídas coletivamente. Com a limitação da leitura e escrita, a mitologia era a base para a explicação de todas as coisas. Estudiosos afirmam que a passagem do

⁴⁷ “A Grécia propriamente dita viu prosperar enormemente o desenvolvimento do comércio marítimo e do artesanato (produção de armas, cerâmica). Foi introduzido o uso da moeda, algo muito importante tanto no sentido comercial, de facilitar as trocas, como no político, já que passaram a ser emitidas pelas cidades-estados” (Funari, 2002, p. 26).

⁴⁸ Conforme Marrou (1994, p. 67) “[...] a pedagogia ateniense, que servirá de modelo e inspiradora a toda a Grécia clássica, orienta-se num sentido muito diferente do da nova Esparta. Não se trata, em Atenas, de ver na criança e no adolescente, antes de tudo, um futuro hoplita, de exigir-lhes treze anos de formação militar e de passo cadenciado! A preparação militar desempenha, nesta ‘educação antiga’, um papel tão apagado que o historiador, privado de testemunhos, tem o direito de duvidar até de sua existência”.

⁴⁹ “Esparta é um caso paradigmático de empenho na preparação do jovem para a guerra. Essa pólis era uma máquina de combate: vivia para ele e em função dele. Verdadeira cidade-quartel, as suas instituições haviam sido pensadas e dispostas para que os cidadãos estivessem sempre preparados e prontos a entrarem em combate. O tipo de educação instituído tinha o nome técnico de *agogê*. Organizada em função das necessidades da pólis, toda ela estava nas mãos do Estado” (Leão; Ferreira; Fialho, 2010, p. 20).

⁵⁰ “Na democracia ateniense havia dois tipos de leis que deviam ser respeitadas: as leis consideradas divinas (themis), dadas pela tradição, que não podiam ser alteradas pelos homens (como a proibição de matar os próprios pais ou casar-se com os familiares em primeiro grau, como os irmãos) e havia também as leis tidas como feitas pelos homens, que todos conheciam e eram reproduzidas, por escrito, em inscrições monumentais, para que todos pudessem ver” (Funari, 2002, p. 37).

pensamento mítico para o filosófico resultou no chamado *milagre grego*, pelo impacto que proporcionou na visão de mundo do homem.

Duas figuras emblemáticas merecem destaque nesse período. O primeiro é Heródoto (484 a. C.), considerado *Pai da História* (*pater historiae*) e um veemente historiador⁵¹. Estudiosos relatam que a palavra *história* foi atribuída a ele. Sua obra mais conhecida, *História*, expandida em 9 livros, tem como temática central as Guerras Persas e o conflito envolvendo os helenos e os bárbaros. Em seu escrito, procura utilizar um método investigativo crítico para dispor suas ideias, levando em consideração o espaço geográfico e as relações sociais de seu tempo.

Outra figura célebre foi Esopo, que para Heródoto tratava-se de um escravo do mestre Jádmón, que teria sido morto pelos habitantes de Delfos. O autor traz esse episódio em seu livro sobre o fabulista:

Ródope era originária da Trácia, tendo sido escrava de Jádmón, filho de Hefestó pólis, da ilha de Samos, e companheira de escravidão de Esopo, o fabulista, pois Esopo foi também escravo de Jádmón. Existem sobejas provas disso, e uma das principais é que, tendo os Délfios mandado perguntar várias vezes por um arauto, de acordo com as ordens de um oráculo, se alguém queria vingar a morte de Esopo, não se apresentou senão um neto de Jádmón, com o mesmo nome do avô. Logo, Esopo foi escravo de Jádmón (Heródoto, 2006, p. 197).

Desde o século V a.C., os gregos consideravam-no o criador das fábulas, como destaca Duarte (2018). Esopo foi destacado por muitos pensadores como homem de extrema sabedoria, capaz de desvendar enigmas e resolver questões difíceis. A figura de Esopo tornou-se importante pelo enredo e objetivo de suas fábulas, que são histórias curtas fictícias, narrativas que transmitem mensagens morais e éticas para a formação do indivíduo. Atualmente, é um gênero textual composto por personagens animais com características humanas.

A notoriedade das fábulas de Esopo alcançou graça não apenas em Heródoto, mas em Hesíodo, Homero, e se estendeu no interesse do próprio Plutarco. Heródoto (2006) aborda a fábula de Esopo intitulada **O Pescador que Tocava Flauta**; Hesíodo (1996), sobre o encontro entre o **Gavião e o Rouxinol**; Homero (2009), em seu poema *Odisséia*, no livro XIV, cita implicitamente a pretensão de uma fábula; e Plutarco faz

⁵¹ “Heródoto, nascido em Halicarnasso no ano de 4230 do período juliano, 484 anos antes de nossa era, era Dório de extração, ilustre de nascimento. Teve por pai Lixas e por mãe Drio, que tinham um lugar de destaque entre seus concidadãos. Paniasis, poeta célebre, ao qual alguns escritores adjudicam o primeiro posto após Homero, embora outros o coloquem após Hesíodo e Antímaco, era seu tio por parte de pai ou de mãe; nada há de certo a respeito” (Heródoto, 2006, p. 7).

algumas adaptações das fábulas de Esopo sobre *Os Cães*, em seu tratado **Da Educação das Crianças** (2015; 2008a).

Ocasionalmente, Esopo também aparece em outra obra escrita por Plutarco (2008b), o **Banquete dos Sete Sábios**, na Época Imperial. O Filósofo menciona o nome dos sete homens sábios da Grécia, mas Esopo não é inserido entre eles. Contudo, é enquadrado nas discussões e relatos filosóficos. A presença de Esopo no Banquete se fez importante por ser um fabulista renomado, com influência na época. Existem outros relatos das fábulas de Esopo nos tratados de Plutarco, que veremos mais adiante.

No entanto, é necessário destacar que a relação das poesias com as fábulas foi vista pelos gregos como método de ensino inicial para a formação educacional dos jovens, para chegar ao entendimento da própria filosofia (Plutarco, 2015).

É relevante afirmarmos que o valor do ensino pedagógico dos poemas exerce a função de acender, na juventude, valores morais dentro dos preceitos da doutrina filosófica. Assim sendo, é considerado aporte introdutório o ensino dos poemas e das fábulas, como uma educação didaticamente atrativa para, em seguida, receber os ensinamentos da filosofia.

Período clássico (século V a IV a.C.): demarcado por confrontos, guerras, conquistas e surgimento de filósofos que demarcaram outros períodos da história. O período clássico foi palco para que as cidades-estados adotassem o regime democrático, que representou o apogeu da civilização grega. Tendo por liderança Atenas, as cidades-estados tornaram-se unidades militares, que conseqüentemente derrotaram os exércitos persas⁵².

Com a derrota dos persas, Atenas e Esparta tornaram-se componentes poderosos para a Grécia Antiga, principalmente no que tange à democracia, que restringia a pequenos comerciantes e proprietários as decisões públicas. Antes, esse privilégio democrata de decisões pertencia apenas à elite.

O auge da democracia grega era representado pelo governo Péricles (século V a.C.). Com sua morte, em 429 a.C, iniciou uma guerra sangrenta entre Atenas e Esparta para o controle das demais cidades-estados gregas que durou vinte e sete anos (431-404 AC.). Esparta derrotou Atenas, mas enfraqueceu, gerando a ruína comercial de

⁵² De acordo com Eyler (2014, p. 31), no período clássico, “[...] as cidades-estado estabelecem governos democráticos ou oligárquicos. Sob a liderança de Atenas, as cidades gregas formam uma aliança e derrotam o exército persa invasor. Atenas e Esparta tornam-se mais poderosas. eclode a guerra entre elas (Guerra do Peloponeso)”.

camponeses e artesãos em razão do confronto⁵³. Para Tucídides (2001, p. 38), “a Guerra do Peloponeso gerou as condições que conduziriam ao declínio da Grécia, apesar de um relativo e curto ressurgimento de Atenas, com sua segunda liga contra Esparta”.

Por conseguinte, surgiram os primeiros sofistas e filósofos, como Sócrates, Platão e Isócrates, que instauraram o verdadeiro modo de pensar. A filosofia encontrava-se em seu auge inicial de crescimento e estrutura, aparecendo uma nova concepção de ideia em torno da formação educacional do homem.

Período helenístico (século III a II a.C.): com a derrota de Atenas, Filipe da Macedônia aproveitou-se da fragilidade das cidades gregas e as conquistou. Com sua morte, seu filho, Alexandre, o Grande, continuou seu legado e expandiu seus domínios em direção Ásia, África e outros territórios, além de impor seu novo ideal político e emancipação de seu império (Eyler, 2014).

Ressaltamos que foi nesse período que apareceram as primeiras escolas filosóficas, como a academia de Platão, tendo Aristóteles como aluno, que se destacou em suas aulas, sendo um estudante de extrema inteligência, principalmente com seu modo de pensar referente ao conhecimento filosófico e político. Com a morte de Platão, Aristóteles continuou estudando e tornou-se tutor de Alexandre, o Grande. Com a chegada de Alexandre ao poder, o filósofo abriu sua própria escola o Liceu em Atenas⁵⁴.

Logo, a filosofia chegou ao seu auge, pois mesmo com o domínio macedônio, uma nova era em torno da educação se amplificava cada vez mais pela influência de Sócrates, Platão e Aristóteles. Suas ideias forneceram instrumento à ampliação do

⁵³ “Para a Grécia, em geral, a derrota de Atenas deixou Esparta como única potência hegemônica. Por suas instituições, tradições e compromissos - livrar a Hélade do imperialismo ateniense - Esparta, vitoriosa, deveria retornar a suas bases no Peloponeso e deixar as cidades-estado gregas se dirigirem a si mesmas. Esparta, todavia, preferiu instituir sua ditadura sobre a Grécia, colocando nas cidades subjugadas um representante de seu domínio, *harmost*, apoiado por uma guarnição. Com isto, a liderança grega passou das mãos dos atenienses, que a sabiam exercer de forma esclarecida, para espartanos que se impunham despoticamente” (Tucídides, 2001, p. 39).

⁵⁴ De acordo com Funari (2002, p. 68-69), “Platão fundou uma escola filosófica, a Academia, na qual dialogava com seus discípulos, voltando-se, cada vez mais, para o mundo das idéias. Daí deriva sua fama de "desligado" e a expressão, que todos conhecemos, "amor platônico", sem contato físico. Do "amor platônico" chegamos a alguém que era muito mais prático: Aristóteles. Nascido em Stagira em 384 a.C., com 17 anos tornou-se aluno na Academia de Platão, tendo se, destacado, primeiro como estudante e, depois, como estudioso, "o cérebro da escola", como dizia Platão. Após a morte do mestre em 347 a.C., Aristóteles saiu de Atenas, continuou estudando e tornou-se tutor de Alexandre, filho de Felipe II da Macedônia, em 342 a.C. Quando Alexandre chegou ao trono, em 336 a.C., Aristóteles voltou á Atenas e abriu sua escola, o Liceu, um ginásio com percursos cobertos, chamados em grego peripatoi, de onde deriva o nome da escola Peripatética, ou das caminhadas. A partir daí, redigiu inúmeras obras, sobre todos os temas, da biologia à lógica, da política à crítica literária. A Filosofia aristotélica procurou dar uma imagem coerente do homem e do universo, distanciando-se do idealismo de Platão”.

conhecimento e modo de pensar, a tal ponto que a filosofia grega chegou até a Idade Moderna.

Ainda é necessário pontuar que não apenas as ideias filosóficas de Sócrates, Platão e Aristóteles ultrapassaram os períodos históricos, mas as fábulas de Esopo, os poemas de Hesíodo e de Homero. Também destacamos que Heródoto, considerado o *Pai da História*, era um investigador e historiador nato que contribuiu para o conhecimento historiográfico. Em outras palavras, a Grécia Antiga foi palco para a diversidade de gêneros literários e culturalismo etnográfico, arqueológico e histórico.

Nas observações de Werner (1994, p. 5), “por mais elevadas que julguemos as realizações artísticas, religiosas e políticas dos povos anteriores, a história daquilo a que podemos com plena consciência chamar cultura só começa com os gregos”.

Portanto, os períodos históricos retratados neste estudo foram significativos para que herdássemos a cultura que iniciou na civilização grega. Os pensadores que marcaram a antiguidade foram a base para desenvolver um círculo de estudo de influência helênica depois das conquistas de alexandrinas.

3.2. ANÁLISE DA OBRA DA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Nesta subseção, analisamos a obra de Plutarco **Da Educação das Crianças** (Περι παιδων αγωγη), escrita provavelmente no século I ou II d.C.⁵⁵, conforme atestam alguns estudiosos do tratado plutarquiano. Todavia, com os estudos realizados até aqui, afirmamos que o tratado foi escrito no século I d.C., data que antecede *o início pré-cristão que viveu Plutarco*.

A partir dos conceitos e experiências relatados até o momento, encontramos aporte bibliográfico para a análise dessa obra metodológica em duas traduções bilíngues (grego para o português), subsidiadas nos autores: Joaquim Pinheiro escrita em 2008 na versão digital; e outra em âmbito impresso por Maria Aparecida de Oliveira Silva publicada em 2015.

O tratado Περι παιδων αγωγη, organiza-se cronologicamente, nas traduções dos respectivos autores citados no parágrafo acima, conforme o quadro abaixo.

Quadro 5 – Organização da obra **Da educação das Crianças**

⁵⁵ Na introdução de Pinheiro, “O tratado Περι παιδων αγωγη (em latim *De liberis educandis*, que traduzimos por *Da educação das crianças*) foi escrito, muito provavelmente, nos séculos I ou II d. C.” (Plutarco, 2008a, p. 9). No entanto, a introdução de Silva, outra estudiosa da obra plutarquiana, ressalta que foi escrita no século I d. C. (Plutarco, 2015).

Περι παιδων αγωγη na traducao de Silva (2015)	Περι παιδων αγωγη na traducao de Pinheiro (2008a)
1A-2A: Conselho para concepção dos filhos	1A-2A: Recomendações para uma boa origem dos filhos
1B-1C: A escolha de bons parceiros	2A-3B: A escolha de bons parceiros
3C-3D: A importância da amamentação e seus efeitos	3B-3F: A importância da amamentação no crescimento da criança
4B-4C-5B: A seleção de bons professores ao chegar à fase da adolescência	3F-5C: O cuidado na escolha dos <i>paidagogoi</i> e <i>didaskaloi</i>
7C: A importância dos ciclos de estudos	5C-6A- 6A-7B-7C-8B: Os ciclos de estudos
9D: Supervisão dos pais com as lições dos filhos	7C-8B: Os livros como ferramenta de ensino
9F-11C: Conselhos éticos morais	9A-9F: Supervisão dos pais com as lições dos filhos
10B-10C: A cautela dos jovens com os perigos expostos	9F-11C: Diversos conselhos morais
13A: O perigo dos bajuladores	12A-D: A adolescência e os seus perigos
13C-13D: O cuidado com a educação dos filhos	12D-13C: Os aduladores
13F-14A: O casamento	13E-14A: O casamento
14A-14B: Os pais como modelos	14A-C: Os pais como modelos

Fonte: elaborado pela autora com dados de Plutarco (2015; 2008a).

De caráter didaticamente pedagógico, a obra é o único escrito da antiguidade que trata sobre a educação de crianças e jovens no período greco-romano (Plutarco, 2015). O conteúdo mostra a forma adequada de como educar um ser humano desde a primeira infância até chegar à juventude, devendo envolver os progenitores, a família, e os mestres de ensino como papel complementar. Porém a formação integral deve ser, acima de tudo, responsabilidade dos pais, mas ambos tendo objetivo de moldar o caráter do indivíduo.

Sendo uma obra antiga, sobreviveu até chegar à contemporaneidade, sendo considerada um achado inegavelmente histórico, com ensinamentos relevantes, capaz de mudar nossa perspectiva de como educar um indivíduo com princípios éticos e morais. Podemos inferir que a obra em questão tem característica de provérbio moral, por mostrar as causas e efeitos que um ensino desprovido de responsabilidade pode acarretar para a formação de um ser humano ao chegar à fase adulta.

Outro ponto característico que encontramos nesse tratado é que Plutarco faz menção a variados autores, como Eurípides, Platão, Hesíodo, Focílides, Sócrates, Demóstenes, Xenofonte, Demócrito, Diofanto, Arquedamo, Diógenes, Licurgo, Sócrates, Aristipo, Estílpon, Péricles, Demóstenes, Apeles, Bíon, Gilipo, Arquitas, Platão, Sócrates, Ptolomeu Filadelfo, Teócrito de Quios e Eurídice. Contudo, é em Platão e Sócrates que o autor procura referencial para dispor suas ideias, mencionando-os por sua reputação memorável, como homens que foram enviados por deuses (Plutarco, 2015).

Outro parâmetro importante, com base em Soares (2003, p. 196), é que “Plutarco foi um dos autores mais frequentemente traduzidos e editados, mais lidos e imitados no Renascimento”.

Acreditamos que podemos considerá-lo um *psicólogo diplomata* do futuro, por sua preocupação com a formação educacional de crianças e jovens. Algo que chama atenção, por ser um autor antigo que viveu um período caótico, é que o autor escreveu um documento histórico com ideias revolucionárias, totalmente destinado ao campo da pedagogia. O tratado *Περί παιδῶν ἀγωγῆς* é de uma raridade inquestionável, principalmente quando tratamos da educação inicial do indivíduo na Idade Antiga.

Vale ressaltar que essa obra foi a mais traduzida em toda Europa, em 1410 e publicada em 1471 por Guarino de Veronesi, conhecida pelo título *De liberis educandis*, que do latim foi traduzido para *Da educação das crianças*, tratado do pseudo-plutarquiano⁵⁶.

A obra tornou-se um grande referencial, ao ponto de influenciar grandes Humanistas da Idade Média, como Erasmo de Roterdã, Montaigne, Milton, Comênio, Rousseau, Poliziano, Marsilio Ficino, RabeJais, Guillaume Budé, Amyot, João de Barros, Frei Luís de Granada, D. Jerónimo Osório, entre outros⁵⁷. Como indica Ferreira (2003, p. 8), todos “leram-no, traduziram-no, citaram-no, louvaram-no”.

Porém, Erasmo de Roterdã merece destaque significativo na obra moral de Plutarco. Saliente-se que ele foi um dos humanistas revolucionários da Idade Média que traduziu o tratado **Da educação das crianças** na Alemanha em 1580⁵⁸. Seu apreço pelo escrito de Plutarco foi despertado pela originalidade em relação aos conceitos pedagógicos para os campos infantil e juvenil.

É contudo Erasmo, entre todos os autores desta época, aquele cuja obra reflete de forma mais profunda, temática e formalmente, a lição do autor de Queroneia. É que aos muitos escritos de Erasmo - além da preocupação moral de fornecer modelos de conduta ao homem comum e ao homem de estado - preside também o ideal pedagógico e didático da formação integral do homem, na sua dimensão humana, espiritual e metafísica [...] Erasmo não se cansa de proclamar a grandeza do moralista grego, com quem profundamente se identifica, nos interesses comuns, nas ideias pedagógicas, ético-políticas, de moral individual e social, na sensibilidade e gostos estéticos afins. A expressão do apreço de Erasmo por Plutarco a par da confessada dívida em relação à sua obra surge a cada passo, a abrir os *Adagia*, os *Apophthegmata*, na *Institutio principis christiani*. Nesta obra, o humanista de Roterdã

⁵⁶ Conforme as introduções de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015), Joaquim Pinheiro (2008a) e Nair De Nazaré Castro Soares (2003).

⁵⁷ Autores como Delfim Ferreira Leão (2010), Maria Aparecida de Oliveira Silva (2006, 2015), Joaquim Pinheiro (2008a), Carmem Soares (2011), entre outros, ilustram com nitidez as contribuições que esses autores do Humanismo marcaram na divulgação do tratado *Περί παιδῶν ἀγωγῆς* do pseudo-plutarquiano.

⁵⁸ Na introdução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (2015), Erasmo de Roterdã tem destaque central no tratado *Περί παιδῶν ἀγωγῆς*.

coloca Plutarco em primeiro lugar, entre os autores clássicos [...] (Soares, 2003, p. 198-199).

Mediante exposto, é provável que os pensamentos de Plutarco teceram caminho para que Erasmo de Roterdã construísse suas obras mais relevantes para o campo da pedagogia, umas delas *De Pueris (Dos Meninos) A Civilidade Pueril*, por transparecer as mesmas estruturas e finalidade sobre a formação do homem em suas fases.

Outro parecer importante nos estudos dessa obra é o caráter de sua autenticidade, já que alguns estudiosos, como Ziegler (1951), acreditam que esse tratado não foi escrito por Plutarco. A tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva afirma que a obra tem uma grande possibilidade de sido escrita por um dos alunos de Plutarco, em uma de suas estadias em Roma, ao ministrar palestras de lições filosóficas (Plutarco, 2015).

Já a tradução de Joaquim Pinheiro, historiador moderno, traz um breve estudo sintetizando com algumas questões levantadas pelos estudiosos em torno do tratado *Da educação das crianças*, apresentando as principais:

- a) à semelhança dos textos de Plutarco[,] contém um conjunto vasto de citações e alusões, mas elas parecem ser encaixadas no texto de forma pouco natural;
- b) não faz referência a Píndaro e a Menandro, dois dos autores mais citados nas *Obras Moraes*;
- c) usa mais a conjunção final $\iota\{\nu\alpha$ do que $\omega\theta\forall$ e $\omicron\{\pi\omega\forall$;
- d) utiliza com frequência a primeira pessoa do singular (1A, 4E, 5C, 6B e E, 7A e B, 8E, 10B, D e E, 11A, C e D, 12A e F, 13C, 14A), ao contrário do que acontece nos restantes tratados, em que Plutarco usa, geralmente, a primeira pessoa do plural ou a forma impessoal (Plutarco, 2008a, p. 10).

Diante dessas questões em torno desse tratado, levantamos outras possibilidades. Tendo Plutarco vivido em um território em que ocorriam grandes guerras e transformações políticas, e sendo uma obra escrita há mais de vinte séculos, é provável que seus fragmentos que chegaram até nós sofreram modificações, até mesmo pelas traduções realizadas ao longo da história. Entretanto, a obra em si não perdeu seu sentido, objetivo e essência.

A seguir, nas próximas subseções, apresentamos o projeto educacional na perspectiva plutarquiana, com base na educação grega, nas fases da infância, adolescência e juventude, envolvendo os principais responsáveis nesse processo, os pais e os mestres de ensino.

Entretanto, é importante esclarecer que o tratado **Da educação das Crianças** descreve a educação feminina em segundo plano, centrando-se apenas no casamento,

linhagem e procriação. Já a educação masculina encontra-se como protagonista principal na narração do autor, algo comum dentro da historiografia das produções da antiguidade.

3.3 A EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA

Iniciamos o projeto educacional com base na perspectiva dos ensinamentos de Plutarco em três eixos formativos: a educação na infância de 0 a 6 anos de idade, a educação na adolescência de 7 a 14 anos de idade e a educação na juventude 20 a 27 anos de idade, atribuído de acordo com a faixa etária em sua obra **Da educação das Crianças**. Nesta subseção, encetamos pela educação na infância.

A princípio, a fase da infância é o momento inicial para desenvolver as potencialidades físicas e cognitivas da criança. Esse processo configura-se como uma etapa de edificação do saber. Porquanto, torna-se crucial preparar esse indivíduo para as questões sociais que o cercam. Todavia, é necessário que seus responsáveis forneçam valores educativos para seu desenvolvimento social, intelectual e socioemocional.

Partindo desse pressuposto, Plutarco começa seus ensinamentos a partir da concepção da vida humana: **o nascimento**. O autor deixa explícito que, para um indivíduo que deseja ser feliz e tornar-se virtuoso, é imperioso passar por todos esses preceitos morais. Ele recomenda:

Talvez seja melhor primeiro começar pela procriação. Então, aos pais que desejam gerar filhos honrados, eu próprio aconselharia a não coabitarem com mulheres casuais, digo com cortesãs ou concubinas; pois, aos nascidos desse tipo de mãe ou pai, há indelévels censuras por sua origem vulgar que os acompanham por toda a sua vida; também são vulneráveis aos que querem acusá-los e insultá-los (Plutarco, 2015, p. 35).

Inicialmente, o historiador deixa claro que, para uma educação de qualidade, a origem familiar é o principal parâmetro decisivo. Assim, sugere que os pais escolham, para si, uma boa companheira ou companheiro com quem desejam coabitar. Escolhemos o termo companheira ou companheiro, mas Plutarco inicia sua fala sobre os tipos de mulheres com que o homem deve ter cuidado ao relacionar-se, discurso regido pelos costumes da cultura grega, em que a boa origem, nesse contexto, também está ligada com aparência e saúde física da mulher, pois pela sua aparência ela demonstraria a capacidade de gerar filhos saudáveis e dignos. Como aponta Funari (2002, p. 46), ao ressaltar que “Se uma mulher não produzisse filhos, por esse raciocínio, isso se devia a uma falha dela e o marido podia divorciar-se justificadamente”.

Entretanto, no final, o filósofo busca colocar tanto o sexo masculino quanto o feminino no mesmo patamar, ao versar que “aos nascidos desse tipo de mãe ou pai, há indeléveis censuras por sua origem vulgar” (Plutarco, 2015, p. 35, grifo nosso).

Outro aspecto importante, para o qual Plutarco alerta, é a forma como uma criança é concebida, pois os pais devem estar sadiamente lúcidos e providos pela razão intelectual. Segundo Plutarco (2015, p. 35),

[...] convém aos que têm relações sexuais com mulheres pela geração, fazer a cópula, ou quando estiverem completamente sem vinho, ou bebido com moderação. Amantes de vinhos e ébrios amam sê-los porque no início de sua geração seus pais os conceberam na embriaguez.

Notamos a cautela que o Historiador busca disseminar aos pais pela forma que devem ter ao conceber uma criança. As relações sexuais entre o homem e a mulher devem ser prudentes para que sua futura geração tenha princípios alicerçados desde a concepção desse indivíduo. O autor explicita, ainda, que os pais que conceberam seus filhos na embriaguez têm grande influência na vida futura.

Sob o mesmo ponto de vista, Plutarco traz uma pequena analogia, para dispor sua comparação sobre os cuidados com a criança na primeira infância com relação à agricultura:

Tal como na agricultura, primeiro deve-se começar pela boa terra, depois pelo agricultor instruído, em seguida, pelas boas sementes e, do mesmo modo, a natureza deve ser semelhantemente à terra; o preceptor ao agricultor; os princípios, as palavras e os preceitos, comparáveis à semente (Plutarco, 2015, p. 39).

Diante disso, notamos que Plutarco traz essa reflexão no intuito de instruir os pais didaticamente sobre a forma de como gerar seus filhos, disponibilizando artifícios morais de conduta para uma boa semente. É necessário que o agricultor seja instruído para que as sementes concedam bons frutos vindouros.

Outro aspecto importante na fase da primeira infância, que o historiador apresenta, é o cuidado com a alimentação da criança em seus primeiros anos de vida.

É necessário, assim penso, que as próprias mães alimentem os filhos e os amamentem. É que elas alimentá-los-ão com mais ternura e diligência, porque amam os filhos no seu íntimo, como se costuma dizer, “desde as unhas”. [...] Na verdade, a natureza mostra que é necessário que as próprias mães amamentem e alimentem as crianças que deram à luz. É por causa disto que dota de uma alimentação à base de leite todos os animais que dão à luz. É sábia a providência. Deu dois

seios às mulheres, para que, no caso de nascerem gêmeos, tivessem uma dupla fonte de alimento (Plutarco, 2008a, p. 39).

A visão plutarquiana ultrapassa todas as expectativas do que esperamos de um autor da Antiguidade. Seu posicionamento referente à alimentação da criança, bem como à amamentação, é que deve ser feita pela própria mãe, no sentido de criar um vínculo afetivo entre ambas as partes, além de fornecer nutrientes necessários para as potencialidades físicas do indivíduo em seus primeiros anos de vida. Isso faz-nos refletir que os recém-nascidos, em sua perspectiva, devem ser tratados cuidadosamente. O autor ainda complementa que, se acaso a mãe tiver filhos gêmeos, a natureza disponibilizou a ela dois seios como fonte dupla de nutrientes. Sua preocupação em torno dos primeiros anos de vida de uma criança demonstra como a mãe é uma figura importante nesse processo de desenvolvimento, mesmo na Idade Antiga.

O autor também mostra sensibilidade para com a mulher, no sentido de que, porventura, por incapacidade física, não conseguir alimentar seus filhos, procurar amas de leite de acordo com os preceitos da cultura grega:

Defendo, em absoluto, que as próprias mães devem alimentar os filhos. Se, por acaso, não forem capazes, por causa de uma enfermidade física (esta circunstância poderá suceder) ou por estarem a preparar o nascimento de outros filhos, não se devem escolher ao acaso as mulheres que cuidam das crianças e as amas de leite. O melhor é escolher as mais virtuosas. Em primeiro, com costumes à maneira grega (Plutarco, 2008a, p. 39).

É necessário, pois, analisar que Plutarco, sendo grego e seguindo à risca suas tradições, torna eminente sua fala sobre a limitação física da mulher para alimentar seu filho: “Se, por acaso, não forem capazes, por causa de uma enfermidade física” (Plutarco, 2008a).

Como averiguamos, as meninas gregas, como as romanas, casavam-se na adolescência, entre 12 e 18 anos de idade, e o marido com mais de 35 anos, o que nos permite observar que muitas dessas meninas não conseguiam alimentar seus filhos pela sua idade precoce⁵⁹ ou pelas muitas doenças que impossibilitavam que chegassem à fase da velhice⁶⁰.

⁵⁹ “A garota costumava casar-se na puberdade, após alguns ritos de iniciação. A menina, com seus 12 a 13 anos, ao casar, passava à posição de dona da casa. O marido, com seus 35 a quarenta anos de idade, já era um homem experiente, que havia combatido no exército, e que iria, na verdade, não apenas ser o marido como o professor da esposa, que tudo aprendia com ele” (Funari, 2002, p. 45).

⁶⁰ “[...] por causa das doenças, não eram muitas as pessoas da Antiguidade que chegavam à velhice. Para nós, que estamos acostumados a conviver com idosos, pode parecer estranho, mas naquela época era

Ainda sobre as amas de leite, Plutarco (2015, p. 44, grifo nosso) alerta: “*As amas de leite e as amas têm falsa e fingida benevolência, porque gostam do salário*”. Sua preocupação em torno de sujeitar a criança aos cuidados de outras pessoas está correlacionada com interesses referentes ao salário e aos ensinamentos, pois essas amas podem condicionar as almas das crianças. Por isso o autor sugere que os pais procurem amas de acordo com as tradições da cultura grega.

Em seguimento, Plutarco (2008a, p. 39, grifo nosso) orienta os pais sobre os cuidados com o corpo da criança ao dispor: “*Tal como é necessário que os membros do corpo das crianças sejam modelados, corretamente, desde o nascimento, para que cresçam direitos e sem defeito*”.

A partir dessa reflexão, podemos afirmar que, na Antiguidade, ao nascer uma criança, os pais deveriam ter numerosos cuidados com os membros de seu corpo, por acreditarem na sensibilidade corporal. Dessa maneira, as crianças eram enroladas em um pano para ficarem *aprumadas* corretamente. Esse costume ainda é realizado por nossos avós até os dias de hoje. Naquele período, sempre havia os cuidados de pegar o recém-nascido no colo e manuseá-lo cuidadosamente, até mesmo para colocá-lo na cama para dormir.

Como aponta Plutarco (2008a), esses mesmos cuidados promoveriam um desenvolvimento modelador no corpo físico da criança, livrando-a de qualquer deformidade na fase adulta: o cuidado com o corpo já iniciava nos primeiros anos de vida da criança.

Assim entendemos, com base em Erasmo de Roterdã (2008, p. 24), que “[...] uma infância sem cuidados condiciona adultos para uma velhice enferma e sujeita a outras aflições”.

Por fim, nas últimas orientações sobre a fase da infância prescritas por Plutarco, o autor aconselha os pais sobre a formação moral no desenvolvimento dessa criança, ao dispor que:

Aquilo que disse sobre por que se deve conduzir as crianças à bela conduta, com conselhos e palavras, não, por Zeus, com golpes, nem maus-tratos. [...] Elogios e críticas são mais úteis que quaisquer maus-tratos às livres, aqueles os exortam a coisas belas, esses os detêm nas vergonhas. Devem, com alternância e variação, utilizar as críticas e os elogios; sempre que errarem, fazer críticas em situação vergonhosa e de novo proferir elogios, imitar as amas de leite, que, quando as crianças

muito mais comum do que hoje a morte de pessoas entre trinta e cinqüenta [*sic*] anos de idade (Funari, 2002, p. 46)”.

choram, oferecem novamente o seu seio como consolo. Eles não devem ser incentivados e formados com encômios; pois se envaidecem com os excessos de elogios e se tornam fracos (Plutarco, 2015, p. 66-67).

Considera-se que os conselhos de Plutarco destinam-se à criança na segunda fase da infância, pois explicitam os cuidados que os pais devem ter com seus filhos em três dimensões, sendo o cuidado com os castigos físicos, os elogios e as críticas, prevendo que esta criança detinha o desenvolvimento da linguagem e autonomia.

Para Plutarco os castigos físicos poderiam acarretar danos contínuos às almas das crianças, além de estimulá-las para o caminho do medo e da insegurança. Em se tratando dos excessos de elogios e críticas, o autor dispõe-se a esclarecer que ambos devem ser dosados peculiarmente para a própria formação do caráter: *“utilizar as críticas e os elogios; sempre que errarem, fazer críticas em situação vergonhosa e de novo proferir elogios”* (Plutarco, 2015, p. 67, grifo nosso). Segundo o autor, as críticas e os elogios devem ser feitos sabiamente, pois ao proferi-los em determinadas situações, poder-se-á formar homens fracos ou fortes, moralmente. Todavia, as críticas, na perspectiva plutarquiana (2015), devem ser expostas no intuito de desenvolver a formação moral e virtuosa.

Para Plutarco, a educação na infância requer dedicação e cuidados constantes; não apenas cuidados intelectuais, mas em todos os potenciais. O cuidado com o corpo e a mente devem ser mantidos para o próprio desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, na infância e nas fases seguintes: “[...] a infância é fácil de formar e é flexível, pois ainda se consegue dissolver os ensinamentos nas almas delicadas das crianças. O que é duro dificilmente se suaviza”. (Plutarco, 2008a, p. 39)

As ideias de Plutarco configuram o futuro do indivíduo como cidadão de bem, formado com valores morais e éticos. A etapa da infância encontra-se como esfera inicial para absorver esses ensinamentos, pela sua ingenuidade e por estarem dispostas a aprender. O autor alerta que essa fase deve ser cautelosamente provida com a atenção dos pais, porquanto ressalta *“O que é duro dificilmente se suaviza”* (Plutarco, 2008a, p. 39, grifo nosso).

3.4 O PROJETO DE PLUTARCO PARA A EDUCAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

A fase da adolescência, período que antecede a transição para a vida adulta, é caracterizado por mudanças físicas e cognitivas. A adolescência provém descobertas e desenvolvimento da personalidade. Além disso, é denominada biologicamente como fase da puberdade, na qual o indivíduo se autodescobre. Destarte, podemos afirmar que na etapa da adolescência se inicia o sentimento de maturidade, tendo ainda como modelo as figuras progenitoras, os pais, como parâmetros nas ações de conduta desse indivíduo, precavendo e orientando-o dos efeitos de comportamento que refletirão na etapa adulta.

Com essas reflexões, percebemos que, para entender a educação da adolescência na Antiguidade, o fim é conhecermos amplamente a historiografia da cultura grega. Assim sendo, salientamos que é de fundamental importância explicitar como eram os ciclos de idade do adolescente na Antiguidade. Sobretudo na educação grega, o ensino integral do corpo e a mente começava a partir da fase na puberdade, entre os sete e catorze anos de idade, em que se aprendiam os fundamentos da educação helenística com os professores ou mestres de ensino, que os acompanharam por muitos anos⁶¹.

Partindo dessa realidade, apresentemos, nesta subseção, o projeto de Plutarco para a educação na adolescência entre os sete e quatorze anos de idade aproximadamente. Nesta fase, o autor orienta sobre os métodos pedagógicos que esse indivíduo deve seguir, ao atingir a idade de sete anos, para trilhar o caminho da virtude:

[...] atingirem a idade de serem entregues aos pedagogos, deve ter-se, nesse momento, muito cuidado na sua escolha, a fim de não se permitir que os filhos sejam entregues a escravos bárbaros ou desequilibrados. Pois, o que hoje muitas pessoas fazem é extremamente ridículo. De entre os escravos diligentes nomeiam os agricultores, os armadores de barcos, os comerciantes, os administradores e os usurários. Mas, se descobrem um escravo ébrio e guloso, inútil para qualquer atividade, é a esse que levam os filhos e os confiam (Plutarco, 2008a, p. 40).

Nessa fase da vida, *duas* figuras devem estar envolvidas no processo de ensino e aprendizagem do adolescente: os pais e os professores ou mestres de ensino. Conforme destacado na citação abaixo, Plutarco (2015) orienta aos pais sobre a escolha de bons

⁶¹ “[...] a cultura grega chama com pleno efeito de educação - *paideia* - dando à palavra o sentido de formação harmônica do homem para a vida da *pólis*, através do desenvolvimento de todo o corpo e toda a consciência, começa de fato fora de casa, depois dos sete anos. Até lá a criança convive com a sua *criação*, convivendo com a mãe e escravos domésticos. Para além ainda do que entre os sete e os catorze anos aprende com o mestre-escola, a verdadeira educação do jovem aristocrata é o fruto do lento trabalho de um ou de poucos mestres que acompanham o educando por muitos anos” (Brandão, 2007, p. 39).

professores ou mestres de ensino para a educação dos seus filhos a partir dos sete anos de idade. O professor deve ser íntegro e provido de conhecimento de acordo com os preceitos da educação grega. Os pais deveriam fugir de preceptores ou bárbaros que poderiam prejudicar a educação moral de seus filhos:

E a maior de todas as coisas e a mais capital entre as coisas ditas, eu vou revelar devem procurar como professores para seus filhos os que são irrepreensíveis por seu modo de vida, inatacáveis por seus hábitos e os melhores pelas suas experiências. Fonte e raiz da conduta honesta é a educação legítima (Plutarco, 2015, p. 48).

Para o autor, as virtudes de um bom professor envolvem três pilares: o caráter, a experiência e o conhecimento dentro dos preceitos da educação grega. Os pais devem procurar esses professores buscando garantir aos seus filhos uma educação autêntica que os acompanhará por toda a vida e de seus descendentes.

Podemos utilizar, como exemplo, Filipe II da Macedônia, que buscou para seu filho Alexandre, o Grande, como Mestre de ensino, o filósofo grego Aristóteles, que lhe ensinou o conhecimento da filosofia, política, história, poesia e ciências. Com os conhecimentos obtidos através de Aristóteles, Alexandre tornou-se apaixonado pelos preceitos da educação grega e seus fundamentos⁶².

É relevante destacar que a inteligência e a coragem de Alexandre, o Grande, tornaram-no um dos nomes mais temíveis em todos os períodos históricos durante e depois de sua morte. Seu nome também foi descrito por Plutarco, em sua obra *Vidas Paralelas* (1821), como um jovem destemido e com sede de glória. Podemos inferir que seu prestígio e conhecimento teve como aporte inicial os preceitos da educação grega.

A exemplo do pai de Alexandre, o Grande, Plutarco (2015) descreve que a fase da adolescência deve passar por um ciclo de estudo dentre os sete aos quatorze anos de idade, estabelecido por um bom professor que desenvolva a instrução das letras, da música, da ginástica, retórica e literatura. Detalhemos essas lições:

Instrução das letras: para instruir o adolescente com aptidão na instrução das letras, a base deve ser uma educação tradicional, séria, e que seja organizada em começo, meio e fim. Outro ponto importante que Plutarco (2015, p. 55) orienta aos pais é “[...] afastar os filhos o mais longe possível das diversões fúteis”.

⁶² Como aponta Aranha (2006, p. 80), “O próprio Alexandre teve como mestre o filósofo Aristóteles e amava a cultura grega. Após a morte precoce de Alexandre, o Grande, em 323 a.C., o império se fragmentou, e por volta dos séculos II e I a.C. os romanos não só se apropriaram desses territórios, mas assimilaram as expressões culturais da civilização grega. A fusão da tradição grega com a oriental, resultante das conquistas alexandrinas, deu origem ao que se chama *cultura helenística*”.

Para o historiador, as diversões fúteis atrapalham uma educação séria e virtuosa. Deve-se ensinar princípios morais para o preparo de um bom cidadão. A instrução das letras seria um preparativo cultural para que o adolescente conhecesse, na íntegra, a língua grega, o berço cultural da Grécia Antiga. Por isso, Plutarco, orienta os pais a procurarem um mestre de ensino de acordo com os preceitos legítimos da cultura grega.

Música: Para Plutarco (2015), a música é elementar para a educação do homem desde a tenra idade. O historiador estabelece importância significativa para a formação do sujeito, chegando a escrever uma obra específica *Sobre Música* para tratar do tema.

Papel educativo da música antiga. É evidente, por tudo isso, que os antigos gregos tinham bons motivos para dedicar todo o seu cuidado à educação musical. Acreditavam que era necessário, com a ajuda da música, moldar e sintonizar a alma dos jovens com os bons costumes, sendo a música um efeito útil em todas as circunstâncias e capaz de nos estimular a ações honestas, principalmente nos perigos da guerra (Plutarco, 1900, p. 14).

Para os gregos, a educação musical tinha futilidade, pela sintonia e influência das emoções, além de moldar o caráter da alma do indivíduo e ajudar a facilitar a memorização nos estudos. Ocasionalmente, a música tornava-se o centro da educação grega. Esse ensino, para os helênicos, era de total importância, pois desenvolvia outras atividades.

O principal instrumento musical entre os helenos era a voz humana. A lira, a cítara e o aulo serviam principalmente para acompanhar o que estava sendo cantado. Esse acompanhamento, em geral, reproduzia as notas do canto (Plutarco, 2012).

Entretanto, os gregos valorizavam uma diversidade de instrumentos musicais, mas os instrumentos em corda, como a lira, tinham destaque, principalmente para a educação dos jovens, pela sua sonoridade e fácil manuseio⁶³.

Como aponta Marrou (1973, p. 37-38): “[...] o elemento intelectual é aí essencialmente representado pela música, que, alojada no centro da cultura, assegura a ligação entre seus diversos aspectos: pela dança, ela dá a mão à ginástica; pelo canto, veicula a poesia, única forma arcaica da literatura.”

⁶³ “Os instrumentos de corda, especialmente a lira, eram os mais importantes e os mais valorizados entre os gregos antigos. Isso fica claro se observarmos a origem de grande parte dos conceitos que compõem a teoria musical e o grande número de representações vasculares, principalmente dos períodos pré-clássico e clássico. A lira estava associada ao culto de Apolo e, por isso, era muito respeitada. Ela era também o principal instrumento musical usado na educação dos jovens, já que era fácil de manusear e seu timbre inspirava serenidade, nobreza e virilidade” (Plutarco, 2012, p. 137).

Platão (2001, p. 132) também traz contribuições sobre a música: “[...] a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afetam-na fortemente, trazendo consigo a perfeição [...]”.

A educação musical, na perspectiva plutarquiana, proporciona desenvolvimento perceptível para o ensino do homem na fase da adolescência. Seu valor configura-se em desenvolver outras atividades, como ginástica, sobre a qual versamos a seguir.

Ginástica: Segundo o pensamento de Platão (2001, p. 136), “Depois da música, é na ginástica que se devem educar os jovens”. Para os gregos, esta atividade era a base para uma boa velhice e formação física. Plutarco (2008a, p. 52) ressalta que “Não é, certamente, conveniente descuidar-se do exercício do corpo [...]”. Na visão plutarquiana, a formação do corpo e da mente deveria estar em conformidade, para chegar a uma formação completa.

Na Grécia, essa atividade seguia dois parâmetros: para as meninas a ginástica envolvia atividades de dança, canto, lançamento de disco e corrida; para os meninos a ginástica era composta por arco, flecha, caça, corrida, lutas e saltos (Silva, 2006). A ginástica na educação masculina tinha o objetivo de prepará-los para o combate, além dos exercícios serem cruciais para a saúde física do corpo. Para os gregos, a atividade física era um esporte indispensável⁶⁴ para competições, saúde física e aparência. Os adolescentes exerciam esse aprendizado para competirem nos jogos olímpicos, considerados um traço cultural da Grécia Antiga⁶⁵.

Plutarco (2008a, p. 53) ainda propõe:

[...] nos combates, “os bens dos vencidos estão destinados aos vencedores como prêmio”. A guerra não aceita que a boa constituição física seja desenvolvida com languidez e o soldado frágil, acostumado aos exércitos de atletas que não são belicosos, recusa os das lutas guerreiras.

Assim, entendemos que os exercícios físicos, no conceito de Plutarco, são de grande importância para a boa forma do corpo. Esse autocuidado acarretaria, no futuro,

⁶⁴ “O esporte não é para os gregos apenas um divertimento apreciado; é algo muito sério, que se relaciona com todo um conjunto de preocupações higiênicas e médicas, estéticas e éticas a um só tempo. A educação física também permanece como um dos aspectos essenciais da iniciação à vida civilizada do que lhe é reservado no programa da efebria, escalão superior da educação aristocrática. Mas não parece que ela esteja reservada a estes adolescentes maiores e que eles somente a descubram à véspera de sua entrada na vida adulta. Cumpre lembrar que desde a época arcaica a Grécia mantinha concursos atléticos e por conseguinte uma educação física destinada às crianças” (Marrou, 1973, p. 185).

⁶⁵ “Em honra a Zeus, os gregos celebravam os Jogos Olímpicos a cada quatro anos, na cidade de Olímpia, com duração de cinco dias” (Funari, 2002, p. 60).

uma boa velhice. Em vista disso, o autor orienta os pais a procurem professores de ginástica para o ensino desse exercício físico.

Entretanto, outras asserções são postas sobre essa atividade, na perspectiva plutarquiana. O autor menciona que atividade corporal deve ser desenvolvida: a princípio, o treinamento de dardos, arco, flecha e caçada é amplamente difundido entre os gregos (Plutarco, 2015). Esses exercícios seriam uma preparação para os combates nas guerras, como foi especificado acima, pois os territórios gregos sofriam ataques de outros territórios vizinhos.

Podemos inferir, com base no percurso histórico da vida de Plutarco, que ele viveu em um período conturbado, de guerras e invasões romanas em seu território grego. Por isso ele descreve a valorização da ginástica, não apenas para o cuidado corporal, mas também para que os adolescentes, desde cedo, preparem-se para a defesa de seu país.

Plutarco conclui sua orientação com um alerta aos pais e professores, sobre a formação moral e o desenvolvimento das atividades dos adolescentes. Aos professores, o filósofo pontua:

Desejando que os filhos tenham, rapidamente, a primazia em tudo, eles impõem-lhes trabalhos excessivos, com os quais caem desfalecidos, e, de resto, fatigando-se com estes sofrimentos, não recebem os conhecimentos de forma dócil. Pois, como as plantas se alimentam com a medida certa de água, mas se asfixiam com muita, da mesma forma a alma cresce com um trabalho adequado, mas afoga-se se este for em demasia. [...] se pensarmos que toda a vida se divide em momentos de descanso e de trabalho. Por esse motivo, não só se inventou a vigília, mas também o sono; não só a guerra, mas também a paz; não só a tempestade, mas também o bom tempo; não só o trabalho, mas também as festas. O que eu digo, em resumo, é que o descanso é o tempero do trabalho (Plutarco, 2008a, p. 55).

O autor destaca que as lições devem ocorrer de maneira equilibrada e dócil, para que os adolescentes não se sintam fatigados com trabalhos excessivos, que os levariam a um desprazer em realizar tais lições. Era necessário que houvesse descanso e tempo para viverem livremente. Plutarco ainda aconselha aos pais ficarem atentos com as lições de seus filhos perante os professores:

É justo repreender alguns dos pais que, depois de confiar os filhos a pedagogos e a mestres, não são testemunhas das lições dos filhos nem os ouvem, descuidando muito o seu dever. Eles próprios devem submeter os filhos a provas com regularidade e não ter confiança na disposição de ânimo de um assalariado. Pois também estes dão mais

atenção às crianças quando têm o dever de prestar, em cada ocasião, contas do seu desempenho (Plutarco, 2008a, p. 55).

Dois critérios devem ser levados em consideração nas orientações de Plutarco. Primeiramente, o autor sugere aos pais que acompanhem seus filhos nas lições, por responsabilidade. O autor indica que se deve observar como as lições inseridas por professores estão sendo desenvolvidas.

Vale ressaltar, ainda, que a função dos professores, nesse contexto, era oferecer uma educação virtuosa, de caráter pedagógico. Sendo assim, a educação era fomentada em partes. Aos mestres cabia o papel de desenvolver o processo de ensino e aprendizagem. Aos pais, de acompanhar seus filhos nesse processo, sem negligenciá-los, para que não houvesse resultados insatisfatórios nas fases futuras.

Nesse texto de Plutarco, os adolescentes passariam pelo seguinte processo de ensino e aprendizagem: a instrução das letras gregas, da música, da ginástica e os fundamentos morais de pais e professores.

3.5 O PROJETO DE PLUTARCO PARA A EDUCAÇÃO NA JUVENTUDE

Em termos psicológico e biológico, a fase da juventude determina a saída da adolescência e configura o processo de entrada a vida adulta. Entendido como período de inserção à maturidade, está associado a grandes descobertas e experiências múltiplas. Nessa etapa se inicia a tomada de escolhas e decisões que influenciará a vida adulta. Todavia, a juventude é ligada socialmente a parâmetros de responsabilidade e independência, ao cabo que cada passo concerne a ações decisivas para projeções ao futuro.

Nesta subseção, adentremos o projeto de Plutarco para a educação na juventude, que correspondia à idade entre 20 e 27 anos⁶⁶ para os gregos e Império romano⁶⁷. A princípio, suas orientações ainda envolvem o âmbito familiar e educacional para a

⁶⁶ Segundo estudo historiográfico de Soares (2011), a fase da juventude, na Antiguidade grega, não estabelece uma idade fixa, pois dependia da passagem de cada governante. Por exemplo, um jovem se tornaria adulto ao iniciar a carreira política, por volta dos 27 anos de idade. Entretanto, com os estudos de Plutarco (1821), percebemos que ele cita Alexandre e Augusto como jovens na idade de 20 anos, quando subiram ao poder. Dessa forma, inferimos que ser considerado jovem no período greco-romano corresponde entre 20 e 27 nos de idade.

⁶⁷ “O Direito romano distinguia três categorias de crianças e jovens, de acordo com a idade, os meninos, os impúberes e os menores de vinte e cinco anos. A criança é aquela que não fala, o que nós chamaríamos de bebê. O impúbere, antes da puberdade ou nascimento dos pêlos, estava, necessariamente, sob a autoridade do pai ou de um tutor. A partir daí até os 25 anos, era quase um adulto” (Funari, 2002, p. 101).

educação desses indivíduos. Plutarco (2008a, p. 63, grifo nosso) assim declara: “[...] *é necessário ter mais precaução e atenção com os jovens do que com as crianças*”.

O Historiador aconselha os pais a terem mais atenção com a etapa juvenil porque, em se tratando de juventude, sabemos que seus impulsos são mais frequentes e podem levar a perigos de vida por falta de conhecimento e experiência.

Plutarco (2015, p. 72) também orienta sobre o aspecto de conduta moral: “[...] ao que os jovens devem se dedicar. Isto é, devem aplicar-se a uma vida mais modesta, conter a língua, estar acima da ira, dominar os punhos. Devem observar no momento certo cada um desses itens; que serão mais cognoscíveis com exemplos”.

É interesse expor os conceitos de valores éticos e morais que o Plutarco busca disseminar aos jovens em torno do autodomínio, no intuito de sempre guiá-los ao caminho da virtude. Sabemos que a fase juvenil é sedenta de desejos e expectativas, e saber lidar com essas emoções envolve sabedoria e resignação.

O autor ainda expõe, como exemplo de autodomínio e sabedoria, Sócrates, que mesmo sendo tentado por um jovem, não se atreveu a se descontrolar.

Sócrates, após ser chutado por um jovem atrevido e infame, ao ver exaltados e agitados os que estavam à sua volta, porque queriam persegui-lo, disse: “Ora, se um burro me escoiceasse, consideraria digno revidá-lo?, entretanto, ele não ficou completamente impune, ele se enforcou porque todos o reprovavam e o chamavam de escoiceador (Plutarco, 2015, p. 72-73).

Nessa ocasião, é nítido que a sabedoria de Sócrates transcende um equilíbrio intelectual frente a problemas e situações que envolvem seriedade e passividade. Plutarco (2015), ao mencionar o filósofo, buscou alertar os jovens sobre as causas e efeitos de que uma ação bem pensada pode prevenir tais atritos iminentes.

O historiador ainda continua suas orientações em torno do aspecto moral, salientando que se faz necessário que os jovens tomem os devidos cuidados em relação a homens bajuladores e suas influências.

Continuarei com aquilo que, com frequência, digo a muitos pais, e agora direi: nenhuma raça é mais funesta, intensa e rápida em aniquilar os jovens que a dos bajuladores, eles arruínam as raízes paternas e filiais, tornando dolorosa sua velhice, moldando sua juventude; isca incauta dos conselhos, porque são inclinados ao prazer (Plutarco, 2015, p. 85).

Plutarco aconselha os pais sobre a interferência de indivíduos bajuladores, que podem arruinar à integridade moral da juventude, em razão de prazeres momentâneos.

Entretanto, para complementar seu conselho, o autor escreveu o tratado moral: *Como Distinguir um adulator de um Amigo*, destinado à educação dos jovens para essa questão. No referido tratado, Plutarco faz uma diferença distinta entre quem se comporta como amigo e como adulator.

Em primeiro lugar, é preciso contemplar a uniformidade e a constância no seu modo de pensar: se ele se alegra sempre com as mesmas coisas, se elogia o mesmo, se conduz e organiza a sua própria vida sob uma só orientação, tal como sucede com o homem livre, apreciador da amizade e da convivência com o que lhe é próximo. Essa é a conduta de um amigo. Já o adulator, contudo, não tem para o seu carácter uma morada só, e vive, não a própria vida, mas a que outros escolheram, moldando-se e adaptando-se a partir de outro. Por isso não é nem simples, nem uno, e sim variado e complexo, mudando constantemente de lugar e transformando-se conforme os que o acolhem, tal como a água que é mudada de um recipiente para outro. Segundo parece, a captura de um mocho é levada a cabo quando este tenta imitar o homem, movimentando-se e dançando como ele. O adulator, porém, seduz e enfeitiça, não imitando todos da mesma maneira, mas com uma dança e canto, e com outro pratica luta, e se cobre do pó da arena (Plutarco, 2010, p. 86-87).

Podemos inferir que a verdadeira amizade mencionada pelo historiador envolve princípios de honestidade, integridade e afeição, sem compor de interesses pessoais. Todavia, o cuidado com o homem adulator remete à preocupação de esse indivíduo não se apresentar uma conduta honesta, pois seu interesse é designado para si mesmo. Evitar se aproximar desses tipos de indivíduos significa preservar sua alma e esquivar-se de um caminho tenebroso e incerto. Como o próprio Plutarco (2008a, p. 40) menciona, “Os que falam por meio de provérbios dizem, com verdade, que *‘quem vive perto de um coxo, aprende a coxear’*”.

Em síntese, a lição moral que Plutarco busca transmitir aos jovens é referente aos cuidados externos, principalmente no que tange às amizades inapropriadas, que são capazes de prejudicar os valores éticos morais, que devem ser cuidados e preservados desde a primeira infância. Esses conselhos do autor são disseminados para que os jovens compreendam que se tornar um bom cidadão envolve retidão, sabedoria e cautela.

Assim, de fato, em nossa abordagem para a formação dos jovens, no aspecto de conhecimento, dentro do ciclo de estudo com base nos parâmetros da cultura grega, concluímos com quatro disciplinas que Plutarco sugere que o indivíduo deve estudar para se tornar um cidadão integralmente virtuoso: **a Retórica, as Fábulas, as Poesias e a Filosofia.**

Retórica: esse ensino representa um dos pilares iniciais para a formação do homem grego, sendo materializado como campo do saber científico, a arte do bem falar. Seu valor envolve princípios de domínio e poder.

Desde o período homérico, a Grécia se preocupava com o discurso oratório de seus concidadãos. Para os helenos, a retórica era um método de educação linguística. Sua origem ocorreu na Sicília, tendo por nome metalinguagem (discurso oratório) (Aristóteles, 2012).

Plutarco (2015) acreditava que os jovens deveriam se apropriar da retórica para sua formação intelectual, pois dominá-la envolvia defender suas ideias e concepções, principalmente quando se inseriam no campo da política.

Aristóteles (2012, p. 97) acrescenta que “é por isso também que a retórica se cobre com a figura da política, e igualmente aqueles que têm a pretensão de a conhecer, quer por falta de educação, quer por jactância, quer ainda por outras razões inerentes à natureza humana”.

Os fundamentos prescritos por Aristóteles em torno da retórica configuram-se no mesmo pensamento de Plutarco, quando ambos propõem que a essência da retórica é constituída como artifício de manipulação do bem falar. A arte do bem falar destina-se ao homem que detém conhecimento e sabedoria.

Outro ponto importante que é necessário compreender é que o ensino da retórica se destinava geralmente aos jovens da elite, que exerciam a retórica no intuito de defender seus interesses na vida pública e privada. Os menos favorecidos aprendiam suscintamente a língua grega, a cultura escrita e a matemática para aplicar em sua vida cotidiana⁶⁸.

Como pontua Werner (1994, p. 1085), “a cultura retórica pode ensinar a penetrar nas ‘ideias’ ou formas fundamentais de que todo o discurso se compõe”.

Por conseguinte, destacamos outra disciplina que chamou a atenção de Plutarco, não apenas a disciplina, mas o criador dela: as **fábulas**, criadas por **Esopo**. Plutarco insere as fábulas de Esopo em sua obra **Da educação das Crianças** como adaptação, destinada a orientar os pais a refletirem sobre o que uma educação negligenciada pode provocar, as

⁶⁸ “Enquanto os meninos ricos aprendiam a oratória, para que pudessem falar bem em público, os humildes estavam interessados em dominar um pouco da escrita e das contas. Meninos de posses aprendiam, desde muito cedo, o grego, que deviam falar e escrever perfeitamente, assim como escreviam um latim muito elaborado. Dominar a oratória era importante para os jovens da elite, pois se acreditava que toda a vida pública dependia da arte de defender, por meio das palavras, suas idéias [*sic*] e interesses, motivo pelo qual os romanos tanto valorizavam a arte da retórica. Já os outros meninos sabiam do grego apenas aquilo que era necessário para o dia-a-dia [*sic*] e falavam e escreviam um latim vulgar” (Funari, 2002, p. 102).

causas e consequências. Dessa maneira, organizamos uma comparação de uma fábula presente nas duas obras, organizadas no quadro a seguir.

Quadro 6 – Análise comparativa da fábula de Esopo na perspectiva de Plutarco

Fábula de Esopo adaptada por Plutarco	Fábula de Esopo (175): Os dois Cães
<p>[...] Licurgo, o legislador dos lacedemônios, após pegar dois cãesinhos dos mesmos pais, educou um diferente do outro; assim, tornou um glutão e bruto e o outro capaz de farejar e de caçar. Depois, quando os lacedemônios estavam reunidos em um mesmo lugar, ele disse: “grande influência para a florescência da virtude, lacedemônios, são os costumes, a educação, os ensinamentos e o modo de vida, eu próprio logo tornarei isso mais claro para vós”. Em seguida conduziu seus cãesinhos, colocando no meio deles em linha reta um prato a uma lebre, e se despediu dos cãesinhos. E um lançou-se na lebre e o outro se precipitou no prato. Porque nenhum dos lacedemônios pôde compreender o que isso significa e o que ele quis demonstrar com os cãesinhos, disse: “Ambos são dos mesmos pais e tiveram educação diferente, um tornou-se glutão e o outro caçador”. Isso é o suficiente sobre os hábitos e o modo de vida (Plutarco, 2015, p. 43).</p>	<p>Um homem que era dono de dois cães ensinou um a caçar e fez do outro o seu cão de guarda. E, então, cada vez que o cão de caça saía a caçar e trazia alguma presa, o dono atirava um pedaço dela também para o outro. Indignado, o cão caçador passou a censurar o cão de guarda, pois enquanto ele próprio vivia saindo e se estafando, o outro nada fazia e se deliciava com os frutos do esforço alheio. Então o cão de guarda lhe retrucou: “Mas não faça críticas a mim, e sim ao meu dono! Foi ele que me ensinou não a trabalhar, mas a desfrutar do trabalho alheio”.</p> <p>Moral: <i>Assim, também, as crianças preguiçosas não merecem censura, quando os pais as educam dessa maneira</i> (Esopo, 2004, p. 357).</p>

É incessante observar que Plutarco, por meio dessa **fábula** de Esopo, procurou orientar os pais didaticamente sobre o poder da educação e seus fundamentos transmitidos, principalmente em torno do aspecto moral. Ambas as versões demonstram metaforicamente as dimensões sobre a forma de educar o ser humano. Mesmo os dois cães tendo o mesmo dono, foram ensinados de maneira diferente, um como cão de guarda e outro como caçador.

Outro aspecto importante que se pode inferir pelo texto de Plutarco, nessa fábula, é sobre seu método de educação. A princípio, seu objetivo parece orientar os pais a encaminharem seu filho para uma formação estruturada, descrita por etapas de educação, nos âmbitos físico e intelectual.

Em continuidade, destacamos que “o conteúdo moral das fábulas de Esopo despertou o interesse de Plutarco, especialmente em seus tratados morais, os *Moralia*” (Silva, 2015, p. 71).

As fábulas, na visão de Plutarco, são ferramentas fundamentais para a educação moral dos jovens, pois são textos didáticos que, além de fornecer subsídios importantes para o desenvolvimento da leitura e escrita, têm como finalidade transmitir lições reflexivas para a conduta moral do homem.

Em síntese, podemos inferir que as fábulas, na Antiguidade, eram destinadas a todo o grupo social, principalmente para a faixa adulta, pois se constituía de textos com valores morais, tratando-se de um componente da cultura grega⁶⁹. Outro ponto peculiar das fábulas é que,

Na sua origem, as fábulas eram criadas e transmitidas oralmente, como toda a literatura na Grécia arcaica. Tanto a palavra latina *fabula* quanto as gregas *mýthos* e *logos*, que a designam na antiguidade, revelam essa relação com a fala e o discurso. Por isso, os primeiros exemplos de fábulas conhecidas fazem parte de outras obras especialmente da poesia épica ou lírica e da oratória, todas inicialmente de caráter oral, com objetivo de persuadir o receptor da validade de um determinado juízo (Esopo, 2013, p. 10).

As fábulas são histórias curtas fictícias, com narrativas que transmitem mensagens morais e éticas para a formação dos indivíduos. É um gênero textual que tem como personagens animais com características humanas. As fábulas, por conterem princípios morais, tornaram-se umas das disciplinas dentro do ciclo de estudo da educação grega para a formação dos jovens, no intuito de aconselhá-los a repensar suas condutas e ações.

Plutarco também utiliza outra disciplina para educação dos jovens, as **Poesias**, referenciadas como um dos pilares para a formação da alma. O historiador, no decorrer da sua obra, **Da educação das Crianças**, cita constantemente poemas de inúmeros poetas; em alguns deles, o autor não cita o poeta, apenas as poesias. Os versos propostos não se limitam apenas aos jovens, mas também aos pais:

“Pois escraviza o homem, ainda que seja ousado, quando conhece os males da mãe ou do pai” (Plutarco, 2015, p. 36, grifo nosso).

O autor cita Eurípides, ao afirmar que, *“Quando dois conversam, se um deles fica irritado, o que não replica as palavras é o mais sábio”* (Plutarco, 2015, p. 70, grifo nosso).

⁶⁹ “No entanto, longe de pertencer ao universo infantil, na antiguidade o gênero fabular dizia respeito a toda sociedade, constituindo um meio importante de transmissão dos valores do grupo. Fortemente enraizado na cultura popular, faz companhia aos provérbios e máximas, formas por excelência didática e que se prestam como exemplo quando inseridas em obras de escopo mais amplo” (Esopo, 2013, p. 10).

Também menciona Hesíodo, ao afirmar que, “*se depositares pouco e muitas vezes isso fizeres, logo grande o tornarás*” (Plutarco, 2015, p. 70, grifo nosso).

A partir desses excertos, podemos afirmar que Plutarco atribuía ensino às **poesias**, pois as caracteriza como gênero didático, que ajudava os jovens pedagogicamente a se interessarem pelas lições e transmitia conselhos à alma. Além disso, o cântico ou repertório oral das poesias ajudava-os a memorizar o conteúdo transmitido.

Como destaca Funari (2002, p. 21), “os gregos, durante muitos séculos, gostaram de poesias, em forma de cânticos, dedicadas a temas míticos. Por serem cantadas, podiam ser memorizadas mais facilmente e eram transmitidas por muitas gerações”.

Entretanto, para complementar o ensino das **poesias** para a educação dos jovens, destacamos a última disciplina, a **filosofia**. O ensino dela era aclamado por Plutarco como o principal ofício para a formação do homem:

Da mesma forma também os que não conseguem ter sucesso com a filosofia perdem tempo com outras disciplinas que não têm qualquer valor. Por isso, é necessário que a filosofia encabece a restante formação. Na verdade, os homens inventaram duas ciências sobre o cuidado do corpo: a medicina e a ginástica. Uma traz a saúde, a outra o vigor físico. Para a alma que sofre de uma enfermidade, a filosofia é o único remédio (Plutarco, 2008a, p. 50).

O autor considera a filosofia o coração da alma do homem, colocando as demais disciplinas em âmbito secundário para a formação integral do sujeito. Influenciado pela filosofia de Platão, o historiador aconselha a inserir as fábulas e as poesias na educação para que os jovens compreendam os fundamentos da filosofia e seus objetivos. Por esse aspecto, Plutarco procura mesclar a poesia e as fábulas para o entendimento mais profundo da filosofia.

Entendemos que o Historiador relega as disciplinas citadas ao segundo plano e a **filosofia** como principal aspecto da educação porque as **poesias** e as **fábulas** são auxílio para chegar à sua compreensão. Dessa forma, Plutarco utiliza outra obra de sua autoria, *Como deve o jovem ouvir os poetas*, para esclarecer a relação dos **poemas** e as **fábulas** com a **filosofia** para a educação jovens.

[...] na filosofia, os que são ainda muito jovens têm mais prazer nos ensinamentos que não parecem ser expressos em termos filosóficos nem de forma séria, e a estes se mostram mais obedientes e receptivos. Com efeito, quando percorrem não apenas as fábulas de Esopo e os resumos poéticos, mas

também o Ábaris de Heraclides e o Lícon de Aríston, sentem prazer e entusiasmo com as doutrinas sobre a alma misturadas na ficção (Plutarco, 2020, p. 29).

O autor considera que a poesia tem relação com as fábulas, por serem narrativas que expressam sentimentos para a alma e orientações para a vida. Seu valor pedagógico tem a função de levar os jovens ao ensino da filosofia por meio de poemas que causam prazer. Assim, a filosofia tem o papel de conduzir o homem à virtude, compreendendo os versos poéticos juntamente com as fábulas para chegar à filosofia, complementando-se como ensinamentos educacionais.

A **filosofia** por sua vez, tem como objetivo orientar o ser humano em seus diversos problemas. As poesias trazem em seus versos, principalmente nos de Homero e Hesíodo, um direcionamento para os ensinamentos e formação do homem, buscando sua imagem ideal.

Na obra *Como deve o jovem ouvir os poetas*, Plutarco cita a presença de Esopo e alguns poetas, dentre eles, Hesíodo e Homero que são destacados repetidas vezes. Esses poetas são citados porque apresentam o mesmo objetivo pedagógico, educar o homem de maneira didática e ilustrativa através de histórias com temáticas morais para chegar à filosofia.

Logo, podemos afirmar que Plutarco utiliza Hesíodo e Homero para que os jovens compreendam a educação para a transformação e humanização moral do sujeito. Esses poetas são citados porque retratam versos poéticos para a razão e verdades à alma.

Da mesma maneira, com a palavra maldade os poetas umas vezes indicam em sentido próprio a malvadez e a perversidade da alma, como Hesíodo: pois a maldade pode-se conseguir com abundância; outras vezes por qualquer outro mal ou desgraça, como Homero: pois os mortais envelhecem rapidamente na maldade (Plutarco, 2020, p. 67).

Podemos afirmar que Plutarco enaltece esses dois poetas com a finalidade de que os jovens tenham um bom guia para as leituras poéticas. Homero e Hesíodo são poetas que levam a poesia até a filosofia, respeitando as potencialidades de seus leitores.

Diante disso, Plutarco (2020) aconselha os jovens a *ouvirem* poesias para que sejam conduzidos à coragem, à temperança e à justiça. As poesias são baseadas nas fábulas, que têm a função de fazer o indivíduo refletir sobre suas condutas.

Os poetas, por sua vez, (re)citam os versos como forma de levar os jovens a refletirem e aprenderem o *verdadeiro caminho*, como é possível observar nas obras de Homero e Hesíodo. Uma característica dessas obras para a educação dos jovens, é que os

heróis eram apreciados como modelo a ser seguido. A poesia e as fábulas forneciam modelos de comportamento estético que deveriam ser adotados pelo homem bom e virtuoso.

Plutarco (2020) ressalta que a função da poesia é para que os jovens, no processo de aprendizagem, tenham a capacidade de identificar o bem e o mal. Assim, a compreensão da poesia os levará para o caminho da filosofia, e nesse percurso, o jovem descobrirá o verdadeiro caminho para o desenvolvimento do caráter.

A função da filosofia é repensar, de maneira crítica, sobre os conceitos que o conhecimento traz, de maneira positiva ou negativa para a vida social do homem. Dessa maneira, Plutarco (2008a, p. 51) orienta a “[...] passar o tempo com calma e serenidade ocupando-se da filosofia”, como forma de se integrar a um caminho provido de virtudes.

Em síntese, podemos extrair, do pensamento de Plutarco, que seu método educacional se destina a uma formação continuada. Percebe-se que seu objetivo é formar um ser humano que apresente virtudes e preceitos éticos e morais.

Todas as disciplinas aqui expostas pelo autor abrem caminho para que essa formação seja integral, visando a formação do corpo e a mente, iniciando desde a primeira infância e estendendo-se pela fase adulta. Seu projeto de ensino possibilitou conhecermos critérios relevantes que o ser humano deve seguir para se tornar um bom cidadão, capaz de respeitar as leis da pólis e possuir virtudes basilares, como: a coragem, a inteligência, justiça e a temperança (Plutarco, 2015).

Para isso, a presença dos pais e dos mestres de ensino propiciará os fundamentos necessários para o processo de ensino e aprendizagem, além de preceitos morais.

4 PLUTARCO E AS FÁBULAS DE ESOPPO

Nesta seção, analisamos teoricamente a relação de Plutarco com as fábulas de Esopo. A princípio, destacamos a importância dessa análise porque ambos os autores apresentam a mesma preocupação em relação à formação moral do indivíduo.

Identificamos que o conteúdo das fábulas de Esopo se encontra em inúmeras obras de Plutarco, principalmente nas coleções de seus tratados *Morais*. O interesse de Plutarco pelas fábulas de Esopo se destaca pelo teor didático e fundamento moral que esse gênero textual transmite.

Mediante o exposto, vejamos algumas semelhanças entre o pensamento de Plutarco e de Esopo:

- Tanto Plutarco quanto Esopo eram preocupados com questões morais e éticas em suas obras. As fábulas de Esopo, embora muitas vezes envolvam animais antropomorfizados, têm o propósito de transmitir lições morais. Plutarco, por meio de suas obras **Vidas Paralelas** e **Obras Morais**, também abordava questões éticas e morais, buscando extrair lições práticas da vida de figuras históricas;
- Ambos utilizaram narrativas para transmitir suas mensagens didaticamente;
- Enquanto Esopo empregava fábulas curtas e simples, Plutarco usava sua obra **Vidas Paralelas** para contar histórias que ilustravam princípios éticos e filosóficos;
- Tanto Plutarco quanto Esopo mostram interesse pela natureza humana, por meio de seus personagens, no intuito de transmitir lições universais, aplicáveis a diferentes contextos e épocas;
- As fábulas de Esopo abordavam questões éticas e sociais que continuaram a ressoar ao longo dos séculos. Da mesma forma, Plutarco buscava ensinar a partir das vidas de indivíduos notáveis. Ambos também compartilhavam preocupações comuns sobre moralidade e ensinamentos através de histórias;
- As respectivas obras diferem em seus estilos literários e formatos, mas continuam a ser notáveis, pois ambos denotam a questão de formação moral e princípios éticos do indivíduo.

Para detalharmos essa comparação, utilizamos as obras de Plutarco *Vidas Paralelas* e *Obras Morais*, em que o autor cita algumas passagens de Esopo e suas respectivas fábulas.

Quadro 7 - Passagem da vida e fábulas de Esopo no tratado de Plutarco Vidas Paralelas ou Biografias

<i>Plutarco: Vidas Paralelas</i>		
Vida de Sólon: Mas Esopo, aquele que compôs as fábulas, estando então na cidade de Sardes, aonde fora mandado pelo rei, que lhe dava muito boa hospedagem, desgostou-se de ver que o rei tivesse feito a Sólon tão mau acolhimento e, assim, lhe disse à guisa de advertência [...] (Plutarco, 1821, p. 200).	Vida de Pelópidas: Como dizia Esopo, mas é muito feliz, levando em conta que ela põe em pé de segurança as prosperidades e os bons atos das pessoas de bem, deixando a sorte variar e mudar a seu prazer (Plutarco, 1821, p. 200).	Vida de Bruto: E como Esopo diz, que os passarinhos responderam ao cocu, que lhes perguntava por que razão fugiam dele, que era porque eles o temiam, que ele se transformasse num gavião, assim também parece que tinha ficado na opinião dos homens algo de suspeito sobre a tirania de Lisíadas, que fazia julgar que ele não era movido por uma vontade franca e boa (Plutarco, 1821, p. 2263).

Fonte: Organizado pela autora, com dados de Plutarco (1821).

Nesse sentido, Plutarco cita a figura de Esopo, bem como suas fábulas, de forma implícita, com o propósito de sempre advertir e aconselhar o indivíduo sobre maus caminhos. Na obra *Vida de Sólon*, o autor conta a história de Esopo brevemente, e a relação desse autor com Sólon. A seguir, na obra *Vida de Pelópidas*, Plutarco escreve sobre um general tebano que lutou e bravamente dentro dos limites de Esparta e derrotou seus inimigos em 371 a.C. Por conta desse episódio, o historiador cita Esopo para aconselhá-lo e, ao mesmo tempo, contradizê-lo. Já na biografia *Vida de Bruto*, o autor cita claramente uma fábula de Esopo, mas não deixa explícita qual seria.

Contudo, podemos inferir que se trata da fábula *O Rouxinol e o Gavião*, que relata a história de um gavião que captura um pobre indefeso rouxinol em suas garras para devorá-lo. Em sua moralidade, essa passagem se traduz com uma questão de justiça e injustiça: o Rouxinol é um bom cantor, mas representa os juízes injustos, sem moralidade com argumentos vazios; o Gavião, por sua vez, representa a justiça, fazendo o uso da força para levar à verdade.

Em complemento, selecionamos algumas obras *Morais* de Plutarco que citam explicitamente as fábulas de Esopo, dispondo a comparação entre elas no quadro da página a seguir.

Quadro 8 – Comparação das fábulas de Esopo no tratado de Plutarco Obras Morais

Obras Morais de Plutarco	Fábulas de Esopo
<p style="text-align: center;">O Banquete dos Sete Sábios</p> <p>Esopo disse então: — Havia um mulo da Lídia que, ao ver a própria imagem refletida nas águas de um rio, ficou espantado com a beleza e imponência do seu corpo, pondo-se a correr a toda a brida e a sacudir a crina, como se fosse um cavalo. Depois, ao tomar consciência de que era filho de um burro, estacou a pressurosa correria e abandonou o orgulho e o entusiasmo (Plutarco, 2008b, p. 66).</p>	<p style="text-align: center;">A mula</p> <p>Uma mula, tendo engordado com cevada, começou a pular, gritando para si mesma: “Meu pai é um cavalo rápido na corrida e eu sou exatamente como ele”. Então, chegou um dia em que a mula teve necessidade de correr. Terminada a corrida, ela, triste, lembrou-se de repente de seu pai asno.</p> <p>Moral: A fábula mostra que é preciso, mesmo que o tempo leve uma pessoa à glória, que ela não se esqueça de sua própria origem, pois esta vida não é senão incerteza (Esopo, 2004, p. 77).</p>
<p style="text-align: center;">Do Amor aos Irmãos</p> <p>“Então é como a galinha de Esopo em relação ao gato, que, por indulgência, busca se informar sobre essa que está adoecida, e ela respondeu: ‘Bem, se tu te mantiveres afastado (Silva, 2015, p. 77).</p>	<p style="text-align: center;">O Gato e as Galinhas</p> <p>Um gato, tendo ouvido que as galinhas de um galinheiro estavam doentes, disfarçou-se de médico, tomou os instrumentos necessários àquela arte, apresentou-se diante do galinheiro e perguntou às galinhas como iam. Em resposta, elas disseram: “Muito bem, se tu te fores daqui”.</p> <p>Moral: Assim também, entre os homens, os maus não escapam àqueles que são sensatos, mesmo que representem da melhor forma possível (Esopo, 2004, p. 17).</p>
<p>Sobre se as Doenças da Alma ou as do Corpo são as piores</p> <p>A raposa de Esopo estava em disputa com uma pantera a respeito de seu multicolorido, como essa havia mostrado o seu corpo, seu pelo exuberante e malhado, enquanto o dela era amarelo pardo e não era agradável de ver, e ela disse: “Mas se olhares dentro de mim, juiz, verás que tenho mais cores que ela”, mostrando o seu caráter versátil que ela muitas vezes mudava nos momentos necessários (Silva, 2015, p. 78).</p>	<p style="text-align: center;">A Raposa e a Pantera</p> <p>Uma raposa e uma pantera discutiam sobre sua beleza. Como a pantera se vangloriasse a cada instante do brilho de sua pelagem, a raposa tomou a palavra e disse: “Eu sou mais bela que tu, eu, que sou brilhante não de corpo mas de inteligência!”.</p> <p>Moral: A fábula mostra que a grandeza da inteligência é superior à beleza do corpo (Esopo, 2004, p. 27).</p>

Fonte: organizado pela autora, com dados de Plutarco (2008b; 2015), Esopo (2004, na tradução de Smolka) e Silva (2015).

O estudo cautelosamente realizado das obras *Morais* e *Vidas Paralelas* (*Biografias*), de Plutarco, permitiram encontrar inúmeras citações de Esopo e suas fábulas. Como foi exposto anteriormente, as fábulas chamaram a atenção de Plutarco por tratarem de preceitos éticos e morais, que as utilizou no intuito de formar o caráter do sujeito de maneira didática e atrativa.

As fábulas, por apresentarem personagens que representam defeitos e virtudes humanas, foram eficazes para Plutarco chamar atenção do seu público, de forma metafórica, em âmbito pedagógico e retórico, pois as fábulas eram utilizadas, na

Antiguidade, não apenas para refletir sobre parâmetros de conduta, mas se tornavam ferramenta de discurso oratório, principalmente no campo político.

4.1 VIDA E OBRA DE ESOPPO

Figura 5 – Imagem de Esopo



Fonte: Domínio Público.

A história de vida de Esopo é marcado por aventura, romance e injustiças. Sua aparição foi registrada por figuras históricas, como Heródoto, Platão, Aristóteles e Plutarco.

Sua origem ainda é questionada, pois a falta de acervo histórico biográfico sobre Esopo fez com que sua existência fosse questionada por alguns estudiosos. Foi sugerido que Esopo poderia ter sido uma figura literária criada para agrupar várias fábulas populares sob um nome comum. Outros acreditam que ele poderia ter sido um escravo liberto ou um homem de origem humilde, que ganhou reconhecimento por suas habilidades narrativas e acuidade moral.

Entretanto, de acordo com a narração de Heródoto (2006), Esopo foi um escravo que viveu na ilha de Samos, provavelmente no século VI a.C., no período que viveu o soberano Creso, sendo amado e respeitado por ele. Essa foi a primeira aparição registrada pelo historiador. Contudo, esse relato configura-se com a presença de Esopo já na fase adulta.

Com base nos estudos de Duarte (2015), historiógrafa da Antiguidade que estuda a vida de Esopo, seu local de nascimento a Frígia, e seus registros iniciais são datados nos séculos I e II d.C. Os gregos consideram-no o pai das fábulas⁷⁰.

⁷⁰ De acordo com Dezotti (2018), Esopo foi escravo por nascimento, pertencendo a Amório, na Frígia. “A *Vida de Esopo (VE)* é um romance de autoria desconhecida cujos primeiros registros em papiros datam de meados dos séculos I e II d.C., contemporâneos, portanto, ao surgimento do romance grego antigo. Seu núcleo, no entanto, faz com que alguns helenistas recuem sua data para o século VI a.C., vendo-o como produto da tradição oral” (Duarte, 2015, p. 17).

Diante de muitos olhares, Esopo era considerado desprezível, sendo caracterizado como “[...] pançudo, cabeçudo, de nariz achatado, corcunda, negro, baixote, de braços curtos, manco, vesgo, beijudo – uma aberração manifesta. E além disso tudo, tinha uma deficiência ainda pior que a deformidade, a mudez, pois era tanto banguela [...]” (Duarte, 2018, p. 91). Entretanto, mesmo em sua deformidade e sem qualquer manifestação vocal, o escravo detinha astúcia e sabedoria.

Todavia, em sua biografia, há apenas registro descrito a partir da sua fase já adulta. Considerando esse ponto, sintetizemos a história de vida de Esopo com base nos estudos de Duarte (2018). Considerado escravo com deformidade física e mudez, Esopo trabalhava no campo, no cultivo agrícola. Certo dia, dois escravos que trabalhavam com ele almejavam comer figos que deveriam ser destinados ao seu patrão. Então, ambos decidiram comer os figos e responsabilizar Esopo de tal ato, pois ele era impossibilitado de falar.

Entretanto, diante da acusação e sendo prestes a ser responsabilizado de tais atos, Esopo teve uma brilhante ideia: “[...] vendo um jarro ao seu lado, pegou-o com um sinal de cabeça pediu água morna. Após dispor uma bacia no centro do aposento e beber a água, colocou os dedos dentro da boca e, forçando o vômito, devolveu a água morna que bebera” (Duarte, 2018, p. 92).

Tendo provado sua inocência, seu senhor pediu para que seus acusadores fizessem o mesmo. Assim que os delatores beberam a água morna, os figos fluíram rapidamente no chão. O senhor, vendo os verdadeiros culpados, puniu-os severamente.

É inegável que esse episódio demonstra nitidamente a sabedoria de Esopo: mesmo impossibilitado de falar, o fabulista esquematizou uma forma de provar sua inocência e revelar os verdadeiros culpados, nos ensinando moralmente a não julgar ninguém pela aparência ou condição física.

Observe-se que esta passagem de Esopo vai ao encontro de uma de suas fábulas, **O Leão, o Lobo e a Raposa**. “*A fábula mostra que quem conspira contra os outros, faz o ardil voltar-se contra si mesmo*” (Esopo, 2004, p. 117).

As lições morais que as fábulas de Esopo propõem retratam sua própria experiência. Alguns de seus textos retratam cenas adaptadas de sua trajetória de vida pessoal, que abordamos no decorrer deste texto.

Mesmo enfrentando oposições, a vida de Esopo mudou ao conhecer uma sacerdotisa da deusa grega Ísis, que lhe concedeu com o dom da fala.

[...] Ísis pessoalmente agraciou-lhe com a voz. Em seguida, persuadiu cada Musa a conceder-lhe um dom específico e elas o agraciaram com a inventividade da palavra justa, com a intriga de fábulas gregas e sua composição. Depois de fazer votos para que ele se tornasse célebre, a deusa partiu para sua morada. E as Musas, após terem-no agraciado cada uma em particular, retornaram para o monte Hélicon (Duarte, 2018, p. 95).

No episódio acima, o escravo não é apenas agraciado com o dom da fala, mas com a inventividade de inventar fábulas gregas. A bondade de Esopo, por ter ajudado uma sacerdotisa de Ísis a encontrar o caminho para casa, resultou no início de um novo percurso em sua vida. Com seu dom recebido, Esopo voltou ao seu trabalho no campo, e viu um capataz chamado Zeus açoitar impiedosamente um dos trabalhadores. Esopo questionou: “Homem, por que maltrata assim cruelmente aquele que não cometeu erro algum e bate sem dó, logo você que a todo o momento comete erros mais numerosos sem ser castigado por ninguém? E Zenas disse para si mesmo: O que é isso? Esopo agora fala?” (Duarte, 2018, p. 95).

O capataz ficou espantadíssimo pela cena que presenciou, e por medo de ser denunciado por Esopo, correu até a presença de seu senhor para relatar que o escravo havia sido abençoado pelos deuses com o dom da fala e blasfemava terrivelmente contra ele, e aconselhando-o a se livrar de Esopo. O senhor ficou espantado diante de tal relato e concedeu que o capataz se livrasse do escravo.

Voltando ao campo, o capataz pegou Esopo e resolveu vendê-lo para um mercador. Entretanto, vendo o mercador a feiura do fabulista, desistiu de comprá-lo. Então, Esopo foi esperto e disse:

Compre-me, homem! Juro por Ísis que serei muito útil a você. Mercador de escravos: No que você pode me ser útil, para que eu o compre iludido pela esperança? Esopo: Você não tem em seu mercado uns meninos mal-educados que pedem comida a toda hora? Mercador de escravos: Tenho. Esopo: Compre-me e faça de mim seu instrutor. Com medo de minha cara feia, eles vão deixar de cantar vitória (Duarte, 2018, p. 98).

Nesse excerto, Esopo demonstra novamente sua sabedoria e sensatez diante dos problemas que surgem em sua volta. Sua audácia fez com que o mercador lhe comprasse para benefício próprio, por conta da sua fisionomia, no intuito de assustar crianças mal-educadas que cercavam seu campo pedindo comida.

Entretanto, Esopo foi vendido novamente, para um filósofo chamado Xanto. O filósofo o comprou para sua mulher, para a execução dos afazeres domésticos e, conseqüentemente, pela sua sabedoria e ousadia. Contudo, ao ser apresentado à mulher

de Xanto, logo foi reprovado: “*Que Afrodite cubra de pancadas a sua cara feia!*” (Duarte, 2018, p. 106).

Mesmo tendo a reprovação da mulher de Xanto, Esopo não desistiu e apresentou sua sabedoria. Quando a mulher ouviu suas belas palavras, proferiu: “*Pelo que acaba de dizer é evidente que você tem habilidade com as palavras*” (Duarte, 2018, p. 108).

Percebe-se que, apenas com a fala, Esopo conseguiu atingir seu objetivo. Destacamos que, mesmo sua presença despertando repugnância àqueles que o viam, sua fala era superior a sua fisionomia e condição física.

Esopo começou seu trabalho para Xanto, e com o passar dos dias, o filósofo percebeu que a inteligência de Esopo era superior à sua, por conta dos muitos conselhos e enigmas que desvendou. Em uma ocasião, Xanto organizava um belíssimo jantar aos seus amigos. Então, o filósofo começou a beber excessivamente. Esopo percebeu que a bebida causaria problemas ao seu patrão, e aconselha-o por meio de uma fábula:

Quando Dioniso inventou o vinho, preparou três taças e mostrou aos homens como deviam fazer uso da bebida. A primeira taça era a do prazer; a segunda, a da alegria; a terceira, a do torpor. Por isso, senhor, bebendo a taça do prazer e a da alegria, deixe a do torpor para os jovens (Duarte, 2018, p. 122).

Esopo propôs a fábula para advertir seu senhor de seus atos, mas pelo efeito da bebida, Xanto ignora-o, colocando uma barreira social entre eles. Por negligência e embriaguez, o filósofo prometeu beber toda água do mar, colando seus bens nessa aposta, deixando seu anel como garantia.

No outro dia, já passado o efeito da embriaguez, Xanto jogou água no rosto e percebeu a falta de seu anel, questionando Esopo. O escravo imediatamente pediu para que seu senhor separasse seus bens para as diversidades futuras, pois não lhe pertenciam mais. Sem saber o que estava acontecendo, “[...] *Xanto: Do que você está falando? Esopo: No simpósio de ontem você apostou os seus bens que beberia todo mar e deixou seu anel como garantia*” (Duarte, 2018, p. 123, grifo nosso).

Ouvindo tais palavras, Xanto se desesperou e pediu para o fabulista salvá-lo desse problema. Esopo, sem perder tempo, aceitou ajudar seu senhor em troca de sua liberdade, e o filósofo aceitou a sua proposta. O fabulista, com sua astúcia e sabedoria, conseguiu salvar os bens de seu patrão. Entretanto, Xanto, movido por extrema perversidade, e com medo de perder Esopo e seus dons, não lhe concedeu a liberdade.

Em outra ocasião, se reuniram na cidade vários cidadãos de Samos para uma assembleia de magistrados. Naquele momento, os sâmios depararam-se com um presságio que não conseguiam desvendar. Então, argumentaram: “*Entre nós temos Xanto, o filósofo, que é conhecido em toda a Grécia. Peçamos que ele explique o presságio*” (Duarte, 2018, p. 128, grifo nosso).

Contudo, Xanto não conseguiu desvendar o enigma do presságio, e então recorreu a Esopo. O fabulista recusou-se a interpretar o presságio por ser um escravo, relatando:

Homem de Samos, não é razoável que um escravo explique um presságio a um povo livre. Daí concedam-me a dita liberdade de palavra, para que, se for bem-sucedido, como homem livre receba as honras adequadas, e, se falhar, não como escravo, mas como homem livre, seja castigado. Se portanto, concederem-me a liberdade de palavra característica da condição livre, com toda certeza farei meu discurso (Duarte, 2018, p. 131).

Os sâmios, ouvindo as palavras de Esopo, gritaram pela sua liberdade, com o propósito de que ele pudesse interpretar o presságio. Dessa forma, a liberdade é concedida a Esopo, e ao desvendar o enigma do presságio, os cidadãos de Samos, ao perceberem sua sabedoria, pediram-lhe para lhes aconselhasse mais. Entretanto, “[...] *Esopo disse: ‘Não vou aconselhá-los, mas contarei uma fábula’*” (Duarte, 2018, p. 132).

Uma vez, por ordem de Zeus, Prometeu indicou aos homens dois caminhos, o da liberdade e o da escravidão. Fez o caminho da liberdade, no começo, pedregoso, intransitável, escarpado e árido, cheio de espinheiros e todo ele perigoso, mas, no final, uma planície nivelada, com passeios à disposição, cheia de pomares, irrigada para que o fim do sofrimento resultasse em descanso. O caminho da escravidão, por sua vez, fê-lo de início uma planície nivelada, florida, com vistas aprazíveis e muita comodidade, mas o fim dele era intransitável, seco e íngreme (Duarte, 2018, p. 132).

Ao ouvir a fábula de Esopo, os sâmios refletiram sobre suas reais situações com os cidadãos na cidade, e gritaram pelo *caminho da liberdade*, por mais difícil que seja chegar até ela.

A fábula contada por Esopo descreve sua história de escravidão, retratando quão tenebrosa foi sua vida como escravo. O fabulista não desistiu de lutar por sua liberdade, e conquistou-a com mérito e honra. A partir de então, um novo rumo destinou-se a Esopo que, livre, começou a relatar suas fábulas. Porém, antes de deixar a cidade de Samos e seguir em direção a Lídia, Babilônia e Egito, deixou uma última fábula aos concidadãos.

No tempo em que os animais tinham voz, como os homens, afirmo que os lobos e os carneiros estavam em guerra uns contra os outros. Os lobos, que eram superiores, dilaceravam sem piedade os carneiros, quando os cães, aliaram-se aos carneiros e expulsaram os lobos. Os lobos, perseguidos pelos cães, enviaram um embaixador até os carneiros. Então o lobo veio e, de pé em meio a eles como um orador, disse para os carneiros: ‘Se não querem conduzir uma guerra nem se defenderem dela, entreguem-nos os cães à traição e depois descansem em paz, sem nenhuma inquietação relativa a guerras.’ E os carneiros, porque eram tolos e submissos, entregaram os cães à traição. Os lobos estraçalharam-nos. Passado algum tempo, os lobos atacaram os carneiros. A fábula mostra então que não se deve trair sem pensar os que nos são úteis (Duarte, 2018, p. 132).

A fama de Esopo começou a se espalhar em toda a região da Grécia Antiga, agora não mais como escravo, mas como sábio renomado, e homens poderosos procuravam por ele para escutar suas fábulas e aprender com elas.

Tendo Esopo vivido uma nova experiência e percorrido inúmeras cidades, exibindo sua sabedoria, cultura e fábulas, decidiu ir à cidade de Delfos. Chegando lá, Esopo passou a demonstrar sua inteligência ao relatar algumas de suas fábulas. “A multidão ouvia-o desde o início com prazer, mas não lhe recompensava pelo seu talento” (Duarte, 2018, p. 142).

Esopo ficou irritado diante de tamanha desconsideração, e relatou uma pequena história: “Alguém imagina ver um tronco no mar, que é levado por ele. Observando-o de bem longe, quando é levado pelas ondas, julgamos que é algo de valor. Em seguida, ao aproximarmos, chegando junto dele e descobrindo que é pequeníssimo, que não vale nem o relato” (Duarte, 2018, p. 142).

O fabulista, com essa história, demonstra que se sentiu decepcionado, pois considerava os habitantes délfios almas valorosas, uma cidade com riquezas e grandezas culturais, mas irado, acabou por chamar os delfos de escravos e sem valor.

Essas palavras de Esopo deixaram com medo de serem difamados pelo fabulista em toda Grécia Antiga. Então, eles resolveram armar uma cilada, escondendo uma taça de outro em seus pertences.

Sem saber da trama em curso, Esopo seguiu o caminho para a Fócida. Alguns délfios correram atrás dele, prenderam-no e o arrastaram para cidade, enquanto ele gritava: “Por que me levam preso? E eles: Você roubou objetos valiosos do templo! Esopo, que não reconhecia culpado, chorava e dizia: Quero morrer, se algo assim for encontrado comigo. Os délfios reviraram sua bagagem e encontraram a taça (Duarte, 2018, p. 143).

Prestes a morrer pelos habitantes délfios em razão do roubo da taça, Esopo deixou registrado, aos habitantes, algumas de suas fábulas, dentre elas: *O rato e a rã*, *A águia e o escaravelho*, *O camponês e os jumentos* e *O pai incestuoso e sua filha*. Todas as fábulas denotam ter como objetivo moral injustiças, injúrias e vingança.

Por fim, Esopo foi jogado do alto de um precipício injustamente, pelos habitantes de Delfos. “Depois disso, os gregos, os babilônios e os sâmios ficaram sabendo e vingaram a morte de Esopo” (Duarte, 2018, p. 148).

É necessário observar que o fim de Esopo delineou-se no mesmo aspecto que em seu trajeto de vida, sendo injustiçado e humilhado. Sua autoridade crítica como orador, na composição de suas fábulas, não comoveu os délfios a livrá-lo da morte. Mesmo que as fábulas de Esopo tivessem conceitos éticos e morais, não foram suficientes para que refletissem diante de tal conduta. Podemos observar duas situações que aconteceram na história de Esopo: a primeira, que os cidadãos sâmios receberam com entusiasmo as palavras de Esopo, e ajuizaram-se conscientemente; já os délfios recusaram-se a se submeter às falas de Esopo, levando-o a pagar diante de tais palavras.

Portanto, pode-se concluir que a história de Esopo remete a pensar criticamente, que nem sempre o interlocutor está apto a receber a persuasão com efeito de igualdade.

4.2 O PERCURSO HISTÓRICO DAS FÁBULAS

O percurso histórico das fábulas inicia quando o homem aprendeu a se expressar oralmente. As fábulas passaram a Idade Antiga, a Idade Média, a Idade Moderna, e perpetuaram-se até os dias de hoje, mesmo sofrendo adaptações, não perderem a personalidade e a essência moral.

Como destaca Portella (1973, p. 120), a “etimologia da palavra: Fábula, bem como os cognatos, fabela, fabulação, fabulador, fabular, fabulário, fabulista, provêm de uma raiz ‘fa’ do verbo lat. Fari, fatus, com o sentido de falar, dizer, exprimir [...]”.

A fábula originou-se provavelmente na Ásia Menor, seguindo pelas ilhas gregas e territórios. Há registros paralelos das fábulas no Egito, mas a Grécia antiga é tida em maior escala como referencial literário, tendo o primeiro exemplo fabular no século VIII a.C., conforme a Introdução de Smolka, para a tradução da obra de Esopo (2004).

Na sua origem, as fábulas eram criadas e transmitidas oralmente, como toda a literatura na Grécia antiga. Tanto a palavra latina *fabula*, quanto as gregas *mýthos* e *logos*, que a designam na antiguidade, revelam essa relação com a fala e o discurso⁷¹.

As fábulas apresentam narrativas curtas de maneira atrativa, didática e de fácil compreensão, e são divididas em duas partes, sendo a história e a moral. O corpo da história frequentemente envolve objetos, animais com características humanas e o próprio ser humano. No final é introduzido um discurso moral, no intuito de transmitir valores práticos sociais para a conduta do indivíduo.

Nos primeiros registros na Grécia Antiga, encontramos a primeira fábula no poema de Hesíodo, em sua obra *Os trabalhos e os dias*, sobre o encontro entre o **Gavião e o Rouxinol**.

Agora uma **fábula** falo aos reis mesmo que isso saibam. Assim disse o gavião ao rouxinol de colorido colo no muito alto das nuvens levando-o cravado nas garras; ele miserável varado todo por recurvadas garras gemia enquanto o outro prepotente ia lhe dizendo: “Desafortunado, o que gritas? Tem a ti um bem mais forte; tu irás por onde eu te levar, mesmo sendo bom cantor; alimento, se quiser, de ti farei ou até te soltarei. Insensato quem com mais fortes queira medir-se, de vitória é privado e sofre, além de penas, vexame”. Assim falou o gavião de vôo [sic] veloz, ave de longas asas (Hesíodo, 1996, p. 37).

O excerto acima traduz a questão da justiça e injustiça: o **Rouxinol** é um bom cantor, mas representa os juízes injustos sem moralidade com argumentos vazios. O **Gavião** representa a justiça, fazendo o uso da força para levar a verdade, conforme já pontuamos neste trabalho.

Nos estudos realizados, encontramos a mesma fábula nas coleções de Esopo, intitulada **O Rouxinol e o Gavião**:

Um rouxinol, pousado num alto carvalho, cantava como de costume. Um gavião o viu e, como lhe faltasse alimento, precipitou-se sobre ele e o prendeu. Estando o rouxinol para morrer, pediu ao gavião que o deixasse ir embora, argumentando que ele sozinho não seria suficiente para encher o estômago de um gavião; que o gavião devia, se tivesse necessidade de alimento, atacar pássaros maiores. E o gavião, tomando a palavra, disse: “Mas eu seria um estúpido se largasse uma comida que tenho certa na mão para ir atrás de outras que ainda não vi”.
Moral: Assim também, são insensatos os homens que, na esperança de bens maiores, deixam escapar o que têm na mão (Esopo, 2004, p. 13).

⁷¹ Texto da introdução de Adriane Duarte (Esopo, 2013, p. 10).

A relação dos poemas com as fábulas, na Antiguidade, decorre de ambas serem de caráter persuasivo. Como aponta Duarte, na introdução da obra de Esopo (2013, p. 10), “[...] os primeiros exemplos de fábulas conhecidas fazem parte de outras obras, especialmente da poesia épica ou lírica e da oratória, todas inicialmente de caráter oral, com o objetivo de persuadir o receptor da validade de um determinado juízo”.

Entretanto, algumas questões são levantadas nesta pesquisa. Por que a fábula de Hesíodo aparece no conjunto das fábulas de Esopo? Além de ser caracterizada como fábula, acreditamos que isso decorre do percurso que as fábulas de Esopo trilharam, e suas inúmeras adaptações e modificações. Esse gênero, entre o período da Idade Antiga e Idade Média era voltado às questões políticas e sociais, mas o direcionamento ao público infanto-juvenil tomou força no final da Idade Média, estendendo-se aos períodos posteriores.

Ao contrário do que muitos acreditam, Esopo não foi o criador das fábulas. Além das primeiras aparições registradas por Hesíodo, esse gênero é encontrado com as mesmas características mundo afora. Entretanto, como aponta a introdução de Duarte “[...] Esopo é tido em larga medida como pai da fábula e a Grécia como sua pátria (Esopo, 2013, p. 7).

O gênero fábula chamou atenção de diversos pensadores da Antiguidade pelo ensinamento didático moral que transmite, como Platão, Sócrates, Aristóteles, Plutarco e outros.

Sócrates, por exemplo ao discutir sobre o prazer e a dor, argumentou “[...] que Esopo, se nisso tivesse pensado, teria composto uma fábula a esse respeito” (Platão, 1991, p. 108). O filósofo ressaltava que o prazer e a dor são fundamentais para a natureza do homem, e que o conhecimento era essencial para a busca do prazer. O conhecimento do prazer deveria ser equilibrado e satisfatório, para que o indivíduo não se perdesse em sua própria ignorância, levando ao percurso da dor.

Já Platão (2001), em sua obra *A República*, descreve que as crianças devem escutar as primeiras fábulas adequadas a sua idade, para lhes ensinar o caminho da virtude. O filósofo usa esse argumento em razão da diversidade de assuntos que compõem as fábulas, e se faz necessário delimitá-las para que as crianças as compreendam.

Aristóteles traz suas contribuições, ao dispor uma das fábulas de Esopo, sobre *A raposa e o ouriço*:

Esopo, por sua vez, quando falava publicamente em Samos, numa altura em que se julgava a pena capital aplicada a um demagogo, contou-lhes

como é que uma raposa, ao atravessar um rio, foi arrastada para um precipício e, não podendo de lá sair, aguentou durante muito tempo, além ser atormentada por numerosas carraças agarradas à pele. Um ouriço que andava por ali, ao vê-la, aproximou-se compadecido e perguntou-lhe se queria que lhe tirasse as carraças; mas a raposa não lho [sic] permitiu. E como o ouriço lhe perguntasse porque, ela respondeu: “porque estas já estão fartas de mim e sugam-me pouco sangue; se mas tiras, outras virão esfomeadas e sugar-me-ão o sangue que me resta”. “Também no vosso caso, homens de Samos”, disse Esopo, “este homem não vos prejudicará mais (porque já é rico); mas, se o matais, outros virão, pobres, que vos hão de roubar e esbanjarão o que vos resta” (Aristóteles, 1998, 207).

Esta fábula descrita por Aristóteles narra Esopo em seu discurso aos habitantes de Samos, quando lhe foi concedida a liberdade. O filósofo acresce, ainda, sobre a utilização das fábulas e sua relação com as parábolas, por serem ambas de preceitos morais (Aristóteles, 1998).

Em relação a Plutarco, Esopo aparece em suas inúmeras obras, dentre elas *O Banquete dos Sete Sábios*, na Época Imperial. O historiador menciona o nome dos sete homens sábios da Grécia, mas Esopo não é inserido como sábio entre eles. Contudo, conforme já expusemos neste trabalho, ele se enquadra nas discussões e relatos filosóficos. A presença de Esopo no Banquete seria importante por se tratar de um fabulista renomado, com influência reconhecida na época.

Ora acontecia que Crespo tinha enviado Esopo, pouco tempo antes, em missão a Periandro e ao deus de Delfos, de maneira que também ele estava presente no banquete, sentado num pequeno escabelo, junto de Sólon, que se encontrava reclinado num plano superior. Esopo disse então: -Havia um mulo da Lídia que, ao ver a própria imagem refletida nas águas de um rio, ficou espantado com a beleza e imponência do seu corpo, pondo-se a correr a toda a brida e a sacudir a crina, como se fosse um cavalo. Depois, ao tomar consciência de que era filho de um burro, estacou a pressurosa correria e abandonou o orgulho e o entusiasmo (Plutarco, 2008b, p. 66).

O Banquete, escrito por Plutarco, foi enaltecido por inúmeros pensadores de seu tempo, pelas figuras importantes que estavam presentes nele e pelas discussões filosóficas. Os sete sábios renomado da época eram Tales, Pítaco, Bias, Sólon, Cleobulo, Míson e Quílon. Todavia, mesmo Esopo não sendo considerado um dos sábios no Banquete, seu nome ultrapassou as eras até chegar na atualidade, tamanha a importância de seus pensamentos.

Depois de Esopo, outros pensadores surgiram, com adaptações de suas fábulas, como o poeta latino Fedro, do século I d.C.; Bábrio; La Fontaine, do século XVII; e no

Brasil, o escritor e poeta Millôr Fernandes; além do ícone Monteiro Lobato, por meio de sua personagem Emília⁷².

Ao que tudo aponta, as 358 fábulas de Esopo, por meio do livro *Fables*, foram traduzidas do grego para o francês por Émile Chambry, helenista francês. Encontramos as fábulas traduzidas diretamente do grego para o português por Neide Smolka e Maria Celeste Consolin Dezotti. Vejamos abaixo a lista das fábulas de Esopo traduzidas por Neide Smolka (Esopo, 2004):

Quadro 9 – Lista de Fábulas de Esopo

1. OS BENS E OS MALES	164. O GAIO QUE ESCAPOU
2. O MERCADOR DE ESTÁTUAS	165. O CORVO E A RAPOSA
3. A ÁGUIA E A RAPOSA	166. O CORVO E HERMES
4. A ÁGUIA E O ESCARAVELHO	167. O CORVO E A COBRA
5. A ÁGUIA, A GRALHA E O PASTOR	168. O CORVO DOENTE
6. A ÁGUIA (COM AS PENAS ARRANCADAS) E A RAPOSA	169. A COTOVIA COM CRISTA
7. A ÁGUIA (FERIDA POR UMA FLECHA)	170. A GRALHA E O CORVO
8. O ROUXINOL E O GAVIÃO	171. A GRALHA E O CÃO
9. O ROUXINOL E A ANDORINHA	172. OS CARACÓIS
10. O ATENIENSE DEVEDOR	173. UM CISNE (TOMADO POR GANSO)
11. O NEGRO	174. O CISNE (E SEU DONO)
12. O GATO E O GALO	175. OS DOIS CÃES
13. O GATO E OS RATOS	176. OS CÃES FAMINTOS
14. O GATO E AS GALINHAS	177. O HOMEM MORDIDO POR UM CÃO
15. A CABRA E O CABREIRO	178. O CÃO (CONVIDADO) OU O HOMEM E O CÃO
16. A CABRA E O BURRO	179. O CÃO (DE COMBATE E OS OUTROS CÃES)
17. O CABREIRO E AS CABRAS SELVAGENS	180. O CÃO, O GALO E A RAPOSA
18. A ESCRAVA FEIA E AFRODITE	181. O CÃO E O MOLUSCO
19. ESOPHO NO ESTALEIRO	182. O CÃO E A LEBRE
20. OS DOIS GALOS E A ÁGUIA	183. O CÃO E O AÇOUGUEIRO
21. OS GALOS E A PERDIZ	184. O CÃO (DORMINDO) E O LOBO
22. OS PESCADORES E O ATUM	185. O CÃO QUE LEVAVA A CARNE
23. OS PESCADORES (QUE PESCARAM UMA PEDRA)	186. O CÃO COM A SINETA
24. O PESCADOR QUE TOCA FLAUTA	187. O CÃO (PERSEGUINDO UM LEÃO) E A RAPOSA
25. O PESCADOR (E OS GRANDES E PEQUENOS PEIXES)	188. O MOSQUITO E O LEÃO
26. O PESCADOR E O PICAREL	189. O MOSQUITO E O TOURO
27. O PESCADOR (QUE BATE NA ÁGUA)	190. AS LEBRES E AS RAPOSAS
28. A ALCÍONE	191. AS LEBRES E AS RÃS
29. AS RAPOSAS (À BEIRA DO MEANDRO)	192. A LEBRE E A RAPOSA
30. A RAPOSA COM A BARRIGA INCHADA	193. A GAIVOTA E O MILHAFRE
31. A RAPOSA E A SARÇA	194. A LEOA E A RAPOSA
32. A RAPOSA E O CACHO DE UVAS	195. A REALEZA DO LEÃO
33. A RAPOSA E O DRAGÃO	196. O LEÃO (ENVELHECIDO) E A RAPOSA
34. A RAPOSA E O LENHADOR	197. O LEÃO (PRESO) E O LAVRADOR
35. A RAPOSA E O CROCODILO	198. O LEÃO (APAIXONADO) E O LAVRADOR
36. A RAPOSA E O CÃO	199. O LEÃO, A RAPOSA E O VEADO
37. A RAPOSA E A PANTERA	200. O LEÃO, O URSO E A RAPOSA
38. A RAPOSA E O MACACO (ELEITO REI)	201. O LEÃO E A RÃ
	202. O LEÃO E O DELFIM
	203. O LEÃO E O JAVALI
	204. O LEÃO E A LEBRE

⁷² Os estudos sobre a vida e obra de Esopo constam nas introduções de Tradução de Neide Smolka e Adriane Duarte (Esopo, 2004; 2013).

39. A RAPOSA E O MACACO (DISCUTINDO SOBRE SUA NOBREZA)	205. O LEÃO, O LOBO E A RAPOSA
40. A RAPOSA E O BODE	206. O LEÃO E O RATO (RECONHECIDO)
41. A RAPOSA SEM CAUDA	207. O LEÃO E O JUMENTO
42. A RAPOSA (QUE NUNCA VIRA UM LEÃO)	208. O LEÃO E O BURRO (CAÇANDO JUNTOS)
43. A RAPOSA E A MÁSCARA	209. O LEÃO, O BURRO E A RAPOSA
44. HOMENS (DOIS DISCUTINDO SOBRE DEUSES)	210. O LEÃO, PROMETEU E O ELEFANTE
45. O ASSASSINO	211. O LEÃO E O TOURO
46. O HOMEM QUE PROMETE COISAS IMPOSSÍVEIS	212. O LEÃO (ENRAIVECIDO) E O VEADO
47. O HOMEM MEDROSO E OS CORVOS	213. O LEÃO (QUE TEM MEDO DE RATO) E A RAPOSA
48. O HOMEM (MORDIDO POR UMA FORMIGA) E HERMES	214. O BANDIDO E A AMOREIRA
49. O HOMEM E A MULHER (RABUGENTA)	215. OS LOBOS E OS CÃES (EM GUERRA UNS CONTRA OS OUTROS)
50. O TRAPACEIRO	216. OS LOBOS E OS CÃES (RECONCILIADOS)
51. O FANFARRÃO	217. OS LOBOS E OS CORDEIROS
52. O HOMEM GRISALHO E SUAS MULHERES	218. OS LOBOS, OS CORDEIROS E O CARNEIRO
53. O NÁUFRAGO	219. O LOBO (CONTENTE COM SUA PRÓPRIA SOMBRA) E O LEÃO
54. O CEGO	220. O LOBO E A CABRA
55. O MENTIROSO	221. O LOBO E O CORDEIRO
56. O CARVOEIRO E O CARDADOR	222. O LOBO E O CORDEIRINHO (REFUGIADO EM UM TEMPLO)
57. OS HOMENS E ZEUS	223. O LOBO E A VELHA
58. O HOMEM E A RAPOSA	224. O LOBO E A GARÇA
59. O HOMEM E O LEÃO (VIAJANDO JUNTOS)	225. O LOBO E O CAVALO
60. O HOMEM E O SÁTIRO	226. O LOBO E O CÃO
61. O HOMEM QUE QUEBROU UMA ESTÁTUA	227. O LOBO E O LEÃO
62. O HOMEM QUE ENCONTROU UM LEÃO DE OURO	228. O LOBO E O BURRO
63. O URSO E A RAPOSA	229. O LOBO E O PASTOR
64. O LAVRADOR E O LOBO	230. O LOBO (SACIADO) E O CORDEIRO
65. O ASTRÔNOMO	231. O LOBO (FERIDO) E O CORDEIRO
66. AS RÃS (QUE PEDEM UM REI)	232. A LÂMPADA
67. AS RÃS (VIZINHAS)	233. O ADIVINHO
68. AS RÃS (NO LAGO)	234. AS ABELHAS E ZEUS
69. A RÃ (MÉDICA) E A RAPOSA	235. O CRIADOR DE ABELHAS
70. OS BOIS E O EIXO	236. OS MENAGIRTAS
71. OS BOIS (TRÊS) E O LEÃO	237. OS RATOS E AS DONINHAS
72. O BOIADEIRO E HÉRACLES	238. A MOSCA
73. BÓREAS E O SOL	239. AS MOSCAS
74. O BOIADEIRO E O LEÃO	240. A FORMIGA
75. O CANÁRIO E O MORCEGO	241. A FORMIGA E O ESCARAVELHO
76. A GATA E AFRODITE	242. A FORMIGA E A POMBA
77. A GATA E A LIMA	243. O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE
78. O VELHO E A MORTE	244. O RATO E A RÃ
79. O VELHO E A ÁGUIA	245. O NÁUFRAGO E O MAR
80. O VELHO E OS CÃES	246. OS JOVENS E O AÇOUGUEIRO
81. O LAVRADOR E A SERPENTE (QUE LHE MATARA O FILHO)	247. O FILHOTE E O VEADO
82. O LAVRADOR E A SERPENTE CONGELADA	248. O JOVEM ESBANJADOR E A ANDORINHA
83. O LAVRADOR E SEUS FILHOS	249. O DOENTE E O MÉDICO
84. O LAVRADOR E A SORTE	250. O MORCEGO, A SARÇA E A GAIVOTA
85. O LAVRADOR E A ÁRVORE	251. O MORCEGO E AS DONINHAS
86. OS FILHOS DO LAVRADOR (DESUNIDOS)	252. AS ÁRVORES E A OLIVEIRA
87. A VELHA E O MÉDICO	253. O LENHADOR E HERMES
88. A MULHER E O HOMEM (BÊBEDO)	254. OS VIAJANTES E O URSO
89. A MULHER E AS SERVAS	255. OS VIAJANTES E O CORVO
90. A MULHER E A GALINHA	256. OS VIAJANTES E O MACHADO
91. A MULHER MÁGICA	257. OS VIAJANTES E O PLÁTANO
92. A NOVILHA E O BOI	258. OS VIAJANTES E AS URZES
	259. O VIAJANTE E A VERDADE
	260. O VIAJANTE E HERMES

93. O CAÇADOR COVARDE E O LENHADOR	261. O VIAJANTE E A SORTE
94. O PORCO E OS CORDEIROS	262. OS BURROS FALANDO A ZEUS
95. OS DELFINS, AS BALEIAS E O GUJÃO	263. O COMPRADOR DE BURRO
96. O ORADOR DEMADES	264. O BURRO SELVAGEM E O BURRO DOMÉSTICO
97. DIÓGENES E O CALVO	265. O BURRO CARREGANDO O SAL
98. DIÓGENES EM VIAGEM	266. O BURRO LEVANDO A ESTÁTUA DE UM DEUS
99. OS CARVALHOS E ZEUS	267. O BURRO (TRAVESTIDO DE LEÃO) E A RAPOSA
100. OS LENHADORES E O PINHEIRO	268. O BURRO FELICITANDO O CAVALO
101. O ABETO E A SARÇA	269. O BURRO, O GALO E O LEÃO
102. O VEADO (NA FONTE) E O LEÃO	270. O BURRO, A RAPOSA E O LEÃO
103. O VEADO E A VINHA	271. O BURRO E AS RÃS
104. O VEADO E O LEÃO (EM UM ANTRO)	272. O BURRO E O MULO (CARREGANDO A MESMA CARGA)
105. O VEADO CAOLHO	273. O BURRO E O JARDINEIRO
106. O CABRITO (DENTRO DE CASA) E O LOBO	274. O BURRO, O CORVO E O LOBO
107. O CABRITO E O LOBO (QUE TOCA FLAUTA)	275. O BURRO E O CÃOZINHO OU O CÃO E SEU DONO
108. HERMES E O ESCULTOR	276. O BURRO E O CÃO VIAJANDO JUNTOS
109. HERMES E A TERRA	277. O BURRO E O ASNEIRO
110. HERMES E TIRÉSIAS	278. O BURRO E AS CIGARRAS
111. HERMES E OS ARTESÃOS	279. O BURRO (QUE JULGAVA SER UM LEÃO)
112. O CARRO DE HERMES E OS ÁRABES	280. O BURRO (COMENDO PALIÚRO) E A RAPOSA
113. O EUNUCO E O SACRIFICADOR	281. O BURRO (FINGINDO-SE DE COXO)
114. OS DOIS INIMIGOS	282. O CAÇADOR DE PÁSSAROS, OS POMBOS SELVAGENS E OS POMBOS DOMÉSTICOS
115. A VÍBORA E A RAPOSA	283. O CAÇADOR DE PÁSSAROS E A COTOVIA
116. A VÍBORA E A LIMA	284. O CAÇADOR DE PÁSSAROS E A CEGONHA
117. A VÍBORA E A HIDRA	285. O CRIADOR DE PÁSSAROS E A PERDIZ
118. ZEUS E O PUDOR	286. A GALINHA E A ANDORINHA
119. ZEUS E A RAPOSA	287. A GALINHA DE OVOS DE OURO
120. ZEUS E OS HOMENS	288. A CAUDA E O CORPO DA SERPENTE
121. ZEUS E APOLO	289. A SERPENTE, A DONINHA E OS RATOS
122. ZEUS E A SERPENTE	290. A SERPENTE E O CARANGUEJO
123. ZEUS E O TONEL DE BENS	291. A COBRA PISADA E ZEUS
124. ZEUS, PROMETEU, ATENA E MOMO	292. A CRIANÇA QUE COME VÍSCERAS
125. ZEUS E A TARTARUGA	293. A CRIANÇA (CAÇANDO GAFANHOTOS) E O ESCORPIÃO
126. ZEUS JUIZ	294. A CRIANÇA E O CORVO
127. O SOL E AS RÃS	295. O FILHO E O LEÃO (PINTADO)
128. A MULA	296. O MENINO LADRÃO E SUA MÃE
129. HÉRACLES E ATENA	297. A CRIANÇA QUE TOMAVA BANHO
130. HÉRACLES E PLUTO	298. O GUARDADOR DE DEPÓSITO E O JURAMENTO
131. O HERÓI	299. O PAI E AS FILHAS
132. O ATUM E O DELFIM	300. A PERDIZ E O HOMEM
133. O MÉDICO (IGNORANTE)	301. A POMBA SEDENTA
134. O MÉDICO E O DOENTE	302. A POMBA E A GRALHA
135. O MILHAFRE E A SERPENTE	303. OS DOIS ALFORJES
136. O MILHAFRE QUE RELINCHA	304. O MACACO E OS PESCADORES
137. O CAÇADOR DE PASSARINHOS E A ÁSPIDE	305. O MACACO E O DELFIM
138. O CAVALO VELHO	306. O MACACO E O CAMELO
106. O CABRITO (DENTRO DE CASA) E O LOBO	307. OS FILHOTES DA MACACA
107. O CABRITO E O LOBO (QUE TOCA FLAUTA)	308. OS NAVEGANTES
108. HERMES E O ESCULTOR	309. O RICO E O CURTIDOR
109. HERMES E A TERRA	310. O RICO E AS CARPIDEIRAS
110. HERMES E TIRÉSIAS	311. O PASTOR E O MAR
111. HERMES E OS ARTESÃOS	312. O PASTOR E O CÃO (QUE ACARICIAVA AS OVELHAS)
112. O CARRO DE HERMES E OS ÁRABES	313. O PASTOR E OS LOBACHOS
113. O EUNUCO E O SACRIFICADOR	314. O PASTOR E O LOBO (ALIMENTADO COM OS CÃES)
114. OS DOIS INIMIGOS	

115. A VÍBORA E A RAPOSA	315. O PASTOR E O FILHOTE DE LOBO
116. A VÍBORA E A LIMA	316. O PASTOR E OS CORDEIROS
117. A VÍBORA E A HIDRA	317. O PASTOR (QUE INTRODUZIU UM LOBO NO CURRAL) E O CÃO
118. ZEUS E O PUDOR	318. O PASTOR QUE GOSTAVA DE BRINCAR
119. ZEUS E A RAPOSA	319. O DEUS DA GUERRA E A VIOLÊNCIA
120. ZEUS E OS HOMENS	320. O RIO E A PELE
121. ZEUS E APOLO	321. O CORDEIRO TOSADO
122. ZEUS E A SERPENTE	322. PROMETEU E OS HOMENS
123. ZEUS E O TONEL DE BENS	323. A ROSA E O AMARANTO
124. ZEUS, PROMETEU, ATENA E MOMO	324. A ROMAZEIRA, A MACIEIRA, A OLIVEIRA E A SARÇA
125. ZEUS E A TARTARUGA	325. A TROMBETA
126. ZEUS JUIZ	326. A TOUPEIRA E SUA MÃE
127. O SOL E AS RÃS	327. O JAVALI E A RAPOSA
128. A MULA	328. O JAVALI, O CAVALO E O CAÇADOR
129. HÉRACLES E ATENA	329. A PORCA E A CADELA (INJURIANDO UMA À OUTRA)
130. HÉRACLES E PLUTO	330. AS VESPAS, AS PERDIZES E O LAVRADOR
131. O HERÓI	331. A VESPA E A COBRA
132. O ATUM E O DELFIM	332. O TOURO E AS CABRAS SELVAGENS
133. O MÉDICO (IGNORANTE)	333. O PAVÃO E O GROU
134. O MÉDICO E O DOENTE	334. O PAVÃO E O GAIO
135. O MILHAFRE E A SERPENTE	335. A CIGARRA E A RAPOSA
136. O MILHAFRE QUE RELINCHA	336. A CIGARRA E AS FORMIGAS
137. O CAÇADOR DE PASSARINHOS E A ÁSPIDE	337. A MURALHA E A CAVILHA
138. O CAVALO VELHO	338. O ARQUEIRO E O LEÃO
139. O CAVALO, O BOI, O CÃO E O HOMEM	339. O BODE E A VINHA
140. O CAVALO E O CAVALARIÇO	340. AS HIENAS
141. O CAVALO E O ASNO	341. A HIENA E A RAPOSA
142. O CAVALO E O SOLDADO	342. A PORCA E A CADELA (SOBRE A FECUNDIDADE)
143. O CANIÇO E A OLIVEIRA	343. O CAVALEIRO CALVO
144. O CAMELO (QUE DEFECOU NO RIO)	344. O AVARENTO
145. O CAMELO, O ELEFANTE E O MACACO	345. O FERREIRO E O CÃOZINHO
146. O CAMELO E ZEUS	346. O INVERNO E A PRIMAVERA
147. O CAMELO DANÇADOR	347. A ANDORINHA E O DRAGÃO
148. O CAMELO VISTO PELA PRIMEIRA VEZ	348. A ANDORINHA E A GRALHA (DISCUTINDO SOBRE SUA BELEZA)
149. OS DOIS ESCARAVELHOS	349. A ANDORINHA E OS PASSARINHOS
150. O CARANGUEJO E A RAPOSA	350. A ANDORINHA PRETENSIOSA E A GRALHA
151. O CARANGUEJO E SUA MÃE	351. A TARTARUGA E A ÁGUIA
152. A NOGUEIRA	352. A TARTARUGA E A LEBRE
153. O CASTOR	353. OS PATOS E OS GROUS
154. O JARDINEIRO (REGANDO LEGUMES)	354. OS POTES
155. O JARDINEIRO E O CÃO	355. O PAPAGAIO E A GATA
156. O TOCADOR DE CÍTARA	356. A PULGA E O ATLETA
157. O TORDO	357. A PULGA E O HOMEM
158. OS LADRÕES E O GALO	358. A PULGA E O BOI
159. O ESTÔMAGO E OS PÉS	
160. O GAIO E A RAPOSA	
161. O GAIO E OS CORVOS	
162. O GAIO E OS PÁSSAROS	
163. O GAIO E OS POMBOS	

Fonte: Esopo, na tradução de Neide Smolka (2004).

Podemos inferir que, das 358 fábulas aqui expostas, muitas foram perdidas no decorrer do tempo. De acordo com as tradutoras e pesquisadores da área, como Duarte (2015, 2018), Dezotti (Esopo, 2013) e Smolka (Esopo, 2004), não se sabe o número correto dessas fábulas.

Smolka (Esopo, 2004) aponta que o grande estudioso da obra de Esopo, Émile Chambry, verificou que alguns dessas fábulas se encontravam incompletas, pois não apresentavam a lição moral final, sendo elas:

“O boiadeiro e Hércules”, “Diógenes e o calvo”, “O eunuco e o sacrificador”, “O gaio que escapou”, “O mosquito e o leão”, “O lobo (contente com sua própria sombra) e o leão”, “As árvores e a oliveira”, “O burro e o cão viajando juntos”, “A criança e o corvo”, “A muralha e a cavilha” e “O inverno e a primavera” (Esopo, 2004, p. 7).

A tradutora e autora acrescenta, ainda, que na época alexandrina (323-43 a.C.), foram recitadas inúmeras fábulas, mas sem o caráter persuasivo das estruturas das fábulas de Esopo, resultando que tais textos não eram do fabulista.

Em síntese, cada fábula escrita por Esopo engloba inúmeras questões, como política, justiça, injustiça, simplicidade, culturalismo e princípios éticos e morais. Como abordam muitos estudiosos de Esopo, a importância dessas fábulas era de tamanha proporção, que os copistas da Antiguidade e Idade Média escreviam o corpo do texto em letras pretas, e a lição de moral em douradas ou vermelhas, com o objetivo de utilizá-las em abertura de eventos políticos e sociais.

4.3. A MORALIDADE DAS FÁBULAS PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM

Sabemos que o objetivo das fábulas de Esopo é transmitir mensagens com teor de ensinamentos morais, de maneira atraente e memorável para a formação do caráter e princípios morais do indivíduo. Os animais que personificam esse gênero enfrentam dilemas e conflitos, e partir desse enredo, as fábulas promovem o desenvolvimento do senso crítico.

Nossa proposta é apresentar, nesta subseção os fundamentos que as fábulas podem transmitir para a formação da moralidade do homem. Entretanto, cabe esclarecer a finalidade dessas narrativas de caráter por meio de seus conceitos teóricos.

Para estudiosos da obra de Esopo, as fábulas, em sua finalidade, transmitem aos ouvintes uma verdade camuflada, que o próprio indivíduo tem a possibilidade de desvendar e aplicar ou não ao seu próprio contexto. Portella (1973, p. 128) traz suas contribuições, ao dispor que:

A fábula existe exatamente porque e onde existe um desequilíbrio, um choque de ambições ou desejos, uma ação conflituosa, enfim. Quando as personagens estão acordes, estão em paz e conseqüentemente [sic]

em equilíbrio, é impossível haver drama e, por extensão, é impossível haver ambiente para uma fábula.

Em síntese, podemos explicitar que as fábulas seguem uma dimensão de sentimentos expositivos, que se configura em ação e reação entre os seus personagens. No enredo fabular, dois tipos de protagonistas aparecem, divididos, com duas personalidades, normalmente entre bons e maus. A partir disso, a fábula apresenta, aos seus leitores, o caminho para associar o gênero com os princípios éticos e morais vigentes em uma sociedade.

Vale ressaltar, ainda, que as fábulas abrem caminho para que os homens compreendam o verdadeiro princípio de moralidade, pois cada personagem narrado nesse gênero personifica virtudes e vícios, que levam o indivíduo a refletir sobre sua própria conduta. As fábulas tornaram-se uma das ferramentas para a formação moral, pois fornecem, de maneira ilustrativa e dinâmica, valores fundamentais que cada sujeito deve aplicar em sua vida.

Contudo, é importante pontuar que as fábulas se destacam de muitos gêneros populares, por conta da divisão estrutural do seu texto, tendo uma história e lições morais, que podem ser consideradas didáticas e persuasivas. Como exemplo, podemos citar os provérbios, que buscam expor brevemente apenas a moralidade em questão, enquanto as fábulas contêm enredo completo, constituído por uma história e moral. Portella (1973, p. 123) acrescenta ainda que

O caráter pedagógico da fábula, entretanto, não poderá jamais ser obliterado por completo pois é o traço diferencial deste gênero literário. Explicitado no começo ou no fim ou implícito no corpo da narrativa, é a moralidade que diferencia a fábula das formas narrativas próximas como o mito, a lenda e o conto popular.

Podemos salientar que, para cada fábula, existem diversidades de assuntos que ultrapassam nosso imaginário cultural. Porém, as experiências que Esopo teve, no decorrer de sua vida, proporcionam conhecer essa variedade. Ao se tornar um sábio fabulista, o ex-escravo viajou por inúmeros territórios, conforme já mencionado neste estudo.

Para Coelho (2000, p. 97), “A verdade é que essa e outras fábulas viajaram pelas mais distantes regiões geográficas do globo e, através dos tempos, foram-se incorporando ao acervo narrativo dos mais diferentes lugares do mundo civilizado”.

Os animais narrados por Esopo tomam uma simbologia em cada tempo e espaço geográfico que recebeu suas narrativas em prosa. As fábulas acabaram circulando por todo o mundo, por serem histórias simples, com uma lição de moral presente, e tecerem de inúmera diversidade de conteúdos, sendo propícias para situações e momentos também variados.

De acordo com Calazans (1992), os países do oriente e ocidente apropriaram-se da diversidade de assuntos que as fábulas contêm para suas próprias culturas e leis, como Índia, Grécia, Roma, e outros países, incluindo a Europa.

Esses países buscavam selecionar as fábulas para discurso político, moral e tradições, pois cada fábula diversificava amplamente a relação com suas culturas e regras morais. Como exemplo, destacamos a Índia, que utilizava os temas das fábulas que continham animais simbólicos, como a vaca, considerada um animal sagrado em seu território (Calazans, 1992).

Também podemos salientar que, para cada assunto e problema social, as fábulas, em sua diversidade, cultura e tradição histórica, têm a solução. A partir delas, essa literatura se destaca de forma atrativa e original, que pode ser utilizada no intuito de humanizar as sociedades.

As fábulas, em sua estrutura e objetivo, são identificadas como histórias de fácil compreensão, além de conterem caráter simples e explícito, direcionado ao seu leitor. As histórias passam mensagens cativantes, que promovem, cada uma delas, uma reflexão a ser realizada.

As fábulas são curtas e simples, ao mesmo tempo, contêm a maneira profunda e perspicaz de tratar a moral do homem. Esse gênero literário pode ser utilizado como ferramenta eficaz para o desenvolvimento cognitivo humano, principalmente na educação das crianças e dos jovens. Por isso, as fábulas, em seu teor didático e moral, foram consideradas por Plutarco, como histórias atrativas para a educação dos jovens, pois as direcionavam a refletir sobre o princípio de conduta social (Plutarco, 2020).

No corpo textual das fábulas, Esopo enfatiza com mais propriedade as lições morais, que transmitem com leveza ensinamentos específicos por meio de seus personagens. Como destaca Ferreira (2013, p. 52):

[...] toda a imagética e ação funcionam em função da exposição do ensinamento. Está em causa a avaliação de uma determinada conduta, quer seja pelo argumento explícito, com a moralidade final, quer seja de forma indireta, ao apresentar a consequência, benéfica ou prejudicial, dos atos das personagens intervenientes.

Os valores morais que as fábulas trazem configuram-se com um objetivo benéfico, o de apresentar fundamentos necessários para a formação do caráter do homem em seu contexto.

Ainda para Ferreira (2013, p. 44), “ao oferecer todo um universo paralelo, explicável por si mesmo e com a apresentação de comportamentos padronizados, as narrativas fabulares são a ferramenta perfeita para o uso da analogia na construção de um argumento”.

Também é pertinente enfatizar a importância das fábulas para a formação moral do homem. Esse gênero, por aclarar valores éticos morais para o desenvolvimento do caráter do indivíduo, como destacamos anteriormente, nos provoca a apresentar algumas fábulas com esse objetivo. Essas fábulas foram selecionadas por sua moral, no sentido de transmitir ao homem uma visão amplamente crítica sobre essa formação.

A primeira fábula selecionada foi **A Águia e a Raposa**. O texto em questão traz uma reflexão sobre a **justiça**:

Fábula: A Águia e a Raposa: Uma águia e uma raposa, tendo feito amizade, decidiram morar perto uma da outra, supondo que, com a vida em comum, reforçariam a amizade. E então a águia voou sobre uma árvore muito alta e lá fez seu ninho, e a raposa foi para uma moita ao pé da árvore e lá deu cria. Mas um dia, quando foi em busca de caça, a águia, sentindo falta de alimento, precipitou-se sobre a moita, arrebatou os filhotes da raposa e os devorou. Quando a raposa voltou e tomou ciência do ocorrido, não se afligiu tanto pela morte dos filhotes quanto pela impossibilidade de vingança, pois, por ser um animal terrestre, não podia perseguir um animal que voava. Por isso, ficou de longe, que é só o que resta aos impotentes e fracos, maldizendo o inimigo. Aconteceu, porém, que a águia não demorou a ser punida pelo crime cometido contra a amizade. Quando algumas pessoas sacrificavam uma cabra no campo, a águia arrebatou do altar uma víscera em fogo e a levou com ela. Ao transportá-la para o seu ninho, um vento forte que soprava incendiou um velho galho seco. E, por isso, os filhotes foram queimados (pois eram ainda incapazes de voar) e caíram ao chão. E a raposa correu e, ante os olhos da águia, os devorou.

Moral: Essa fábula mostra que os que traem a amizade, embora escapem da vingança dos injustiçados, por serem estes fracos, não se livram, de forma alguma, da vingança divina (Esopo, 2004, p. 11).

A fábula em questão transmite uma mensagem sobre o fundamento de justiça em suas várias dimensões. Em sua moral, ela pretende ensinar que, mesmo o homem sendo injustiçado pela sua fragilidade perante as situações com seu próximo, cabe ao destino sentenciar a própria justiça. Contudo, a justiça deve ser um dos fundamentos para a formação do caráter homem, pois ela o levará para um caminho virtuoso.

Para Plutarco (2008a., p. 65), “[...] é necessário dar muito valor à justiça e não saltar por cima dela”. A justiça, na visão plutarquiana, está associada à piedade, à confiança e ao princípio moral. Podemos afirmar que a justiça é um dos fundamentos para o equilíbrio social, para que uma sociedade chegue em um ideal igualitário.

Platão (2001, p. 442) considera: “Logo, de todas as maneiras, quem fizer o elogio da justiça falará verdade, e quem fizer o da injustiça mentirá”. O filósofo deixa clara a distinção entre justiça e injustiça. A justiça está ligada aos princípios da verdade; e a injustiça, à mentira. Diante disso, se faz necessário que o homem traga, para si, os requisitos da justiça, pois é por meio dela que ocorrerá sua formação moral.

A próxima fábula selecionada para a formação da moralidade do homem intitula-se **O Viajante e a Verdade**. Nossa escolha ocorreu por ser uma das histórias que retrata a **verdade** como uma das virtudes basilares para o princípio de integridade do homem.

Fábula: O Viajante e a Verdade: No deserto, um viajante encontrou uma mulher solitária com os olhos baixos e lhe disse: “Quem és?”. Ela respondeu: “A Verdade”. “E por que razão abandonaste a cidade e moras no deserto?”. Ela respondeu: “Porque, nos tempos antigos, poucos eram os que mentiam, mas agora a mentira vive no meio de todos os homens, tanto quando ouvem como quando falam”.

Moral: A vida se torna pior e mais penosa para os homens quando a mentira prevalece sobre a verdade (Esopo, 2004, p. 145).

Aparentemente, de todas as fábulas que fazem parte das coleções de Esopo, a escolhida e retratada acima destaca-se entre as demais. A história em questão busca transmitir uma mensagem peculiar sobre o verdadeiro sentido de moralidade. Sabemos que, de todas as virtudes do homem, a *verdade* como é considerada um dos conceitos de retidão. O caminho da verdade leva o homem à honra, e isso deve ser ensinado desde a tenra idade.

Como destaca Plutarco (2008a., p. 61), “[...] o mais sagrado é habituar as crianças a dizer a verdade. Pois mentir é próprio dos escravos e torna o homem digno de ser odiado por todos e essa prática não é perdoável sequer aos escravos moderados”.

Tanto o excerto de Plutarco quanto a fábula narrada fazem pensar que, para o homem buscar os princípios da *verdade*, é necessário que eles sejam desenvolvidos desde sua infância, para que ela seja edificada nas fases seguintes. A mentira engana, destrói e desonra o homem, e prejudica a sociedade como um todo.

No diálogo do viajante com a verdade, fica demonstrado que ela não conseguiu mais ficar na cidade que habitava, pois a mentira tornou-se tolerável entre os homens,

resultando em seu afastamento. Em outras palavras, o sinônimo de moralidade foi retirado do meio social dos homens, gerando uma grande normalidade.

Portanto, é possível constatar que a mentira pode ter uma variedade de efeitos prejudiciais no âmbito social. Contemplar a verdade significa manter uma sociedade funcional, estabelecida dentro de questões éticas e princípios de integridade. Sendo assim, é necessário que o homem busque a verdade para sua própria essência.

Na última fábula selecionada, buscamos demonstrar que moralidade do homem estaria em torno da **sabedoria**. Ela é um dos alicerces que todo indivíduo deve buscar para se autodesenvolver.

Fábula: O Gato e as Galinhas: *Um gato, tendo ouvido que as galinhas de um galinheiro estavam doentes, disfarçou-se de médico, tomou os instrumentos necessários àquela arte, apresentou-se diante do galinheiro e perguntou às galinhas como iam. Em resposta, elas disseram: “Muito bem, se tu te fores daqui”.*

Moral: Assim também, entre os homens, os maus não escapam àqueles que são sensatos, mesmo que representem da melhor forma possível (Esopo, 2004, p. 17).

Sobre a sabedoria, sua busca é pertinente para os homens porque ela está ligada aos princípios da lei, justiça, hostilidade, entre outros embasamentos de integridade que todo homem deve exercer em sua vida. Aristóteles (1998, p. 138) pontua que “[...] a sabedoria é ciência de muitas e admiráveis coisas”.

Nas palavras do autor, dentre muitas virtudes que o homem busca advogar, a sabedoria é a essência de todas as coisas. Ser sábio envolve cautela, mansidão e racionalidade sobre as divergências da vida. A fábula em questão traz dois personagens distintos, que ampliam nossa visão sobre o uso da sabedoria em determinada situação: um gato e as galinhas representam homens bons e maus, e a narrativa traz uma contribuição precisa sobre a inserção à sabedoria. O gato, agindo pela malícia, tenta enganar as galinhas, fingindo ser um bom médico para prestar atendimento; mas as galinhas, percebendo sua maldade, exigiram que ele se afastasse.

Essa narração faz-nos refletir sobre o verdadeiro sentido de sabedoria, que implica saber lidar com situações complexas, envolve sensatez e prudência. Como destaca a moral da fábula “Assim também, entre os homens, os maus não escapam àqueles que são sensatos” (Esopo, 2004, p. 17). Mesmo os homens, em sua malícia, tentam enganar e tirar proveito da bondade alheia. O homem sábio nunca será enganado, pois suas ações são pensadas prudentemente para o bem do coletivo.

Como menciona Sócrates, a chave para toda a inserção da sabedoria é o autoconhecimento e o reconhecimento da própria ignorância. O filósofo expressou sua famosa frase: "Só sei que nada sei", registrada nos diálogos de Platão, em sua obra **Apologia de Sócrates** (Platão, 2004, p. 21).

A frase expressa por Sócrates relembra a importância da busca pelo conhecimento para apropriarmos-nos da sabedoria. Entretanto, há uma diferença entre a sabedoria e o conhecimento. O conhecimento, por si só, pode resultar em duas ações intelectuais ao homem, podendo levar ao caminho da sabedoria ou da própria ignorância. Destacamos, como exemplo, os sofistas, que mesmo tendo conhecimento, faziam mau uso dele, orientando os jovens para um caminho desonesto, com base em suas próprias ideias; enquanto que a verdadeira sabedoria, podemos associá-la com todas as virtudes que integram a formação moral do homem.

A verdadeira sabedoria contrapõe-se ao acúmulo de conhecimento, pois ser sábio é ter a capacidade de aplicar os conhecimentos com discernimento, realizando ações com princípios éticos e morais para o bem comum. Plutarco considera que:

Na natureza humana, os dois bens mais importantes são a inteligência e o raciocínio. A inteligência comanda o raciocínio e o raciocínio está ao serviço da inteligência. O raciocínio, por sua vez, não se perturba com a sorte, não se pode tirar pela calúnia, é incorruptível na doença e não se injuria na velhice. Na verdade, apenas a inteligência, ao envelhecer, se rejuvenesce. O tempo, que tira todas as coisas, concede na velhice o conhecimento. A guerra, como uma torrente, arrasta toda a justiça e leva tudo à frente, só não pode destruir a formação (Plutarco, 2008a, p. 45).

O historiador defende que a inteligência, quando acompanhada pela sabedoria e virtude, conduz a uma vida significativa e contributiva, por isso, Plutarco considera que "*a inteligência, ao envelhecer, se rejuvenesce*" (Plutarco, 2008a, p. 45, grifo nosso).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar o pensamento de Plutarco, século I d.C., com o objetivo de compreender como o autor analisava o desenvolvimento moral e educacional nas diferentes fases da vida: criança e jovem, foi de suma importância para o entendimento de que a formação humana não tem momento histórico definido para ser tratado.

O homem sempre foi homem; no passado, no presente e, no futuro continuará desenvolvendo a história. A questão posta por Plutarco e por outros pensadores de diferentes períodos é a de que, se não forem ensinados desde criança a pensar e raciocinar sobre as ações individuais, que humanos teremos? Que história será o futuro?

Plutarco pensava na sociedade que viria após aquela em que ele estava inserido, portanto o estudo do passado permite delinear o processo de formação do homem no âmbito social, moral e educacional que se instaurou ao longo do tempo.

O estudo sobre o contexto de Plutarco apresenta as influências e contribuições das culturas grega e romana para o desenvolvimento da filosofia ocidental. Os gregos, por exemplo, contribuíram para a Filosofia tendo como principais pensadores Sócrates, Platão, Aristóteles e o próprio Plutarco, cujas ideias foram significativas para o desenvolvimento do pensamento filosófico sistematizado. Na arte e cultura, notamos as raízes arquitetônicas que os gregos deixaram para a humanidade, como escultura, pintura, mitos, lendas e acervos literários. Quanto à cultura romana, o fato do Império Romano ter invadido a Grécia Antiga, sendo que o resultado foi o ensino helenístico, ou seja, uma educação parcialmente grega, parcialmente romana.

Outros pareceres são fecundos sobre a cultura da Grécia Antiga. O método de educação grega ou helenística, tendo como principal protagonista para esta pesquisa Plutarco e o seu tratado *Da educação das crianças*, propiciou a análise de como educar um indivíduo em suas diferentes fases de vida, envolvendo a figura de pais e professores neste processo. Seu plano de ensino concerne a uma educação teórica e prática dentro dos preceitos da educação grega, com princípios éticos, morais e os conhecimentos específicos, organizados na instrução das Letras, da música, da ginástica, da retórica, das fábulas, das poesias e da Filosofia.

Pela ótica plutarquiana, o ensino divide-se em formação moral e conhecimentos específicos, sendo a formação moral de responsabilidade dos pais e os conhecimentos específicos desenvolvidos por mestres ou professores. Ambos são destinados a guiar o

indivíduo para o caminho das virtudes. Nesse processo educacional, o autor compromete aos pais a maior responsabilidade, a de orientar e acompanhar seus filhos nas lições ministradas pelos professores; porém, sem adverti-los de forma severa, para não prejudicar o desenvolvimento intelectual futuro.

A obra *Da educação das crianças* pode ser considerada como um “manual” de orientação para pais e professores, visto que ensina, pelo olhar da época, a forma correta de educar o indivíduo nos âmbitos moral e educacional.

A pesquisa para o campo profissional foi de tal relevância, que a partir da obra estudada foi possível iniciar a organização de um material teórico-prático-pedagógico para trabalhar com alunos da educação infantil e ensino fundamental.

O objetivo é o de trabalhar com as fábulas e interagir com as crianças e os jovens sobre a moral, as virtudes e a necessidade do pensar no bem comum. Levá-los a compreender que o pensar no coletivo requer a reflexão sobre as ações individuais, explicando que as ações singulares devem ser muito bem refletidas para “nunca” prejudicarem o outro.

Plutarco começa as suas lições aconselhando sobre: a escolha de bons companheiros para o casamento, a forma correta de conceber uma criança e a questão do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens. O ensino da criança e dos jovens fundamentava-se no desenvolvimento do corpo e da mente. O autor esclarece que, para o homem chegar à perfeição, a formação do corpo e da mente deve ser desenvolvida harmoniosamente.

O tratado filosófico das fábulas, o filósofo Platão e o fabulista Esopo são o eixo central do autor. Nas fábulas de Esopo, Plutarco trata a moralidade didática, com o intuito de levar o homem a refletir sobre o princípio de conduta e moralidade de maneira lúdica. Não podemos esquecer que as fábulas de Esopo tornaram-se uma ferramenta de ensino e aprendizagem, em âmbito universal. Os animais que personificam a história trazem situações que oferecem, ao indivíduo, uma maneira simples e eficaz de transmitir valores e ensinamentos, promovendo uma reflexão de conduta. Referente à Filosofia, Plutarco ressalta: “Por isso, é necessário que a filosofia encabece a restante formação. [...] . Para a alma que sofre de uma enfermidade, a filosofia é o único remédio” (Plutarco, 2008a, p. 50). O historiador faz uma narrativa teórica sobre o princípio e a intencionalidade da Filosofia, como um dos maiores pilares para a formação do homem.

Por fim, consideramos que a investigação realizada nesta dissertação, por meio de uma obra plutarquiana, possibilitou um vasto conhecimento sobre a Educação como

principal eixo formador do ser humano. Contudo, não podemos considerar que esta pesquisa tenha um resultado final; o tema possibilita outras vertentes de discussão, no sentido de abertura para novas pesquisas e continuidade sobre outros objetos que relevam a educação das crianças como essencial para a formação do homem adulto de uma sociedade futura.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e Brasil. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução de D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de António Campelo Amaral; Carlos de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 1998.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BARROS, M.A.A.D. **Modus Vivendi Romano: A Família Romana. Principia**. Principia, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/71148/43861>. Acesso em: 5 nov. 2023.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BITTAR, M. **História da educação: da antiguidade à época contemporânea**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

BLOCH, M. **A apologia da História, ou, Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação?** São Paulo; Brasiliense, 2007.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9394&ano=1996&ato=3f5o3Y61UMJpWT25a>. Acesso em: 5 nov. 2022.

CALAZANS, J. C. **As fábulas de Esopo na tradição ocidental**. Lisboa, 1992.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNEP (FEU), 1999.

CHAFFE, Laureano, Ibrahim. **A História da Escrita**. Museu de Topografia: Departamento de Geodésia Instituto de Geociências, UFRGS. 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/18110774/Historia_da_escrita. Acesso em: 17 mar. 2024.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria, análise e didática**. 1ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

DIÓGENES, L. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

DUARTE, A. D. S. **O lugar da fábula em *Vida de Esopo***. In: Fernando Brandão dos Santos; Jane Kelly de Oliveira. (Org.). Estudos Clássicos e seus desdobramentos: artigos em homenagem à professora Maria Celeste Consolin Dezotti. 1ª ed. Araraquara: Edunesp, 2015, p. 17-29.

DUARTE, A. S. (org.). **Vidas de Esopo: O Romance de Esopo em traduções e ensaios**. São Paulo: Humanitas, 2018.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Tradução de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984. (Coleção Perspectivas do homem, v. 99, Série Ciências Sociais).

ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner. Apresentação de Adriane Duarte. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução de Neide Smolka. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

EYLER, F. M. S. **História Antiga: Grécia e Roma, a formação do Ocidente**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

FARIAS, A. **Alexandre, o conquistador**. Ilustrações de Cadu Loureiro. 3. ed. Recife: Prazer de ler, 2017.

FERREIRA, N. H. S. *Aesopica: A Fábula Esópica e a Tradição Fabular Grega*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2013.

FLACELIÈRE, R.; IRIGON, J. Introduction générale. In: **Plutarque: ouvres Morales**. Tome I, Ire partie. Paris: Belles Letres, 1987. p. XIV.

FREEMAN, P. **Alexandre, O Grande**. São Paulo: Manoele, 2011.

FUNARI, P. P. **Grécia e Roma**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HERÓDOTO. **História**. Tradução: Pierre Henri Larcher e Books Brasil. 2006. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/historiaherodoto.pdf>. Acesso em: 5 set. 2023.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Introdução, tradução e comentários de Mary de C. N. Lafer. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1996.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Penguin: Companhia das letras, 1950.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. Atena: Editora São Paulo, 2009.

LE GOFF, J. **A civilização do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC, 2005.

LEÃO, F. D.; FERREIRA, J. R.; FIALHO, M. D. C. **Cidadania e Paideia na Grécia Antiga**. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos: Universidade de Coimbra, 2010.

LYON, Martyn. Livro. **Uma história viva**. Tradução Luis Carlos Borges. São Paulo: Editora, 2011.

MARROU, H. **História da educação na antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo, E.P.U.; Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

MARSHALL, F. Memória, dicção e escrita grega no Império Romano. In: BARACAT JÚNIOR, J. C.; SILVA, M. A. (org.). **A Escrita grega no Império Romano**: recepção e transmissão. Porto Alegre: UFRGS, 2020. p. 7-20.

MEURANT, A.; MAROUTAEFF, B.; RUELL, C.; SCHUMACHER, J. Biblioteca Clássica Selecta (BCS), 2008. Disponível em: <http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/intro.htm>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**. Vol. 1: Os Pensadores. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

PLATÃO. **A República**. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Nova Cultural: São Paulo, 2004.

PLATÃO. **Diálogos (Os pensadores)**. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 5. Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PLUTARCO. **As virtudes das mulheres**. 2005b. Biblioteca Clássica Selecta (BCS). Disponível em: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/plutarque_vertus_femmes/lecture/default.htm. Acesso em: 5 nov. 2022.

PLUTARCO. **Como deve o jovem ouvir os poetas?** Tradução do grego, introdução e notas de Marta Isabel de Oliveira Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2020.

PLUTARCO. **Como Distinguir um Adulador de um Amigo**. Como Retirar Benefício dos Inimigos. Acerca do Número Excessivo de Amigos. Tradução de Paula Barata Dias. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PLUTARCO. **Consolação para sua esposa**. 2005a. Biblioteca Clássica Selecta (BCS). Disponível em: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/plutarque_consolation_fem/lecture/1.htm. Acesso em: 5 nov. 2022.

PLUTARCO. **Da Educação das Crianças**. Introdução, tradução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

PLUTARCO. **Da Educação das Crianças**. Tradução do grego, introdução e notas de Joaquim Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008a.

PLUTARCO. **Obras Morais. O Banquete dos Sete Sábios**. Introdução e notas de Delfim F. Leão. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2008b.

PLUTARCO. **Obras Morais: Sobre o Afecto aos Filhos. Sobre a Música**. Tradução de Carmen Soares e Roosevelt Rocha. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2012.

PLUTARCO. **Preceitos conjugais**. 2005b. Biblioteca Clássica Selecta (BCS). Disponível em: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/plutarque_consolation_fem/lecture/1.htm. Acesso em: 5 ago. 2023.

PLUTARCO. **Sobre Música**. Tradução Francesa de H. WEIL Paris, Leroux, 1900. Disponível em: http://mercure.fltr.ucl.ac.be/Hodoi/concordances/plutarque_musique/lecture/default.htm. Acesso em: 10 nov. 2023.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas**. Tradução: Antonio Ranz Romanillos. Wikisource, 1821. Disponível em: https://web.seducoahuila.gob.mx/biblioweb/upload/Vidas_paralelas-Plutarco.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Aristides-Catão Censor**. Tradução do grego, introdução e notas de Joaquim Pinheiro. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2021.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas: Demóstenes e Cícero**. Tradução do grego, introdução e notas Marta Várzeas. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PORTELLA, O. O. **A Fábula**. Letras. Curitiba, UFPR, 1973, p. 119-138.

REICH, R. R. **La Educación Política en la Antigüedad Clásica: El enfoque sapiencial de Plutarco**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2017. Edición digital.

ROTerdã, E. **De Pueris (Dos Meninos) A Civilidade Pueril**. Tradução, Introdução e Notas Luiz Feracine. São Paulo: Escala, 2008.

SILVA, M. A. O. **Plutarco e Esopo**. In: Fernando Brandão dos Santos; Jane Kelly de Oliveira. (Org.). Estudos Clássicos e seus desdobramentos: artigos em homenagem à professora Maria Celeste Consolin Dezotti. 1 ed. Araraquara: Edunesp, 2015, v. , p. 69-80.

SILVA, M. A. O. **Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo, Edusp, 2006.

SOARES, C. **Crianças e jovens nas Vidas de Plutarco**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

SOARES, N. D. N. C. Plutarco no humanismo renascentista em Portugal. In: FERREIRA, J. R; LEÃO, D. F (org.). **Os Fragmentos de Plutarco e a recepção da sua obra**. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos: Universidade de Coimbra, 2003. p. 193-221.

SOUZA, S. C. F. de. **A Negligência no Tratado “Da Educação Da Criança” de Plutarco**. [Dissertação]. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021. Disponível em: <https://ppgfil.org/2021/05/14/a-negligencia-no-tratado-da-educacao-da-crianca-de-plutarco/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Tradução do grego de Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

WERNER, J. **Paidéia**: a Formação do homem grego. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZIEGLER, K. **Plutarchos von Chaironeia**. Paulys Real-Encyclopädie der Classischen Altertumwissenschaft. Stuttgart: Verlag, 1951.